



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
Departamento de Ciências Humanas  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

**EMILY RODRIGUES DOS SANTOS**

**A SECA É O INVERNO DE MUITA GENTE**

Feira de Santana, BA  
2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
Departamento de Ciências Humanas  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

**EMILY RODRIGUES DOS SANTOS**

## **A SECA É O INVERNO DE MUITA GENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira.

Feira de Santana, BA  
2014



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
Departamento de Ciências Humanas  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - MESTRADO

**EMILY RODRIGUES DOS SANTOS**

## **A SECA É O INVERNO DE MUITA GENTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – PPG, da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 14 de agosto de 2014.

---

Prof. Dr. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira  
(Orientador – UEFS)

---

Prof. Dr. Francisco Eduardo Torres Cancela  
(Membro – UNEB)

---

Prof. Dra. Ione Celeste Jesus de Sousa  
(Membro – UEFS)

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho é o resultado de um longo percurso, no qual muitos amigos me ajudaram a chegar até aqui. Alguns deles, através de seu olhar profissional, críticas cuidadosas e orientações; já outros, estiveram sempre por perto, dando-me apoio, carinho e amizade. Assim, gostaria de agradecer primeiramente ao professor Dr. Clóvis Ramaiana e dedicar a minha eterna gratidão por ter aceitado orientar essa pesquisa e, especialmente, pela paciência e generosidade presente em cada orientação.

Um agradecimento especial à Professora Dra. Ione Celeste e à professora Dra. Carmélia Miranda pelas críticas cuidadosas e sugestões importantíssimas durante o Exame de Qualificação. Agradeço também às professoras Dra. Elizete da Silva e Dra. Ana Maria Carvalho pelas discussões e sugestões feitas nas disciplinas do mestrado.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES pela concessão da bolsa, possibilitando assim o desenvolvimento da pesquisa.

Reservo especialíssimos agradecimentos aos meus colegas de mestrado, muito obrigada pelo carinho com o qual fui recebida por vocês, com especial agradecimento: a Camila, pelo abrigo tão generosamente cedido e pela amizade solidamente construída; Agradeço muitíssimo a Carlos Alberto, Carl, meu amigo querido, não sendo possível enumerar aqui todos os agradecimentos que devo a você; a Lucas Adriel “Piritiba city”, obrigada pela amizade e apoio; a querida Simone, obrigada pela força sempre, pois sua coragem é inspiradora; a Rennan, obrigada pelo carinho e amizade.

Gostaria de agradecer em especial a minha amiga Derlande pela leitura generosa e cuidadosa dos meus textos, por isso obrigada pelo apoio e torcida. A Cristiano Pessatti o meu agradecimento pela leitura atenta, dicas e sugestões, muitíssimo obrigada. Um agradecimento especial ainda a minha prima Joseane, que estando também em um processo de escrita pudemos compartilhar as angústias e ansiedades.

Da mesma maneira gostaria de agradecer as minhas tias Edna e Arlete pelo incentivo sempre; a minha madrinha Maria e o meu padrinho Aníbal, meu agradecimento pela ajuda durante a pesquisa, na localização dos narradores e pelo carinho sempre; Aos meus irmãos Wesley e

Adriano, obrigada por salvarem sua irmã sempre que o computador apresentava problemas, obrigada sobretudo por permanecermos juntos mesmo nos dias mais difíceis; Aos meus pais a gratidão eterna pelo carinho e cuidado e a Maria Cecília, a flor que fez nossos dias mais bonitos.

Um agradecimento especial aos narradores DeJulina, Lindolfo (em memória), Palestino, Manuel, Balbina, Luiz (em memória), especialmente ao meu avô Vitanor. Obrigada por me receberem em suas casas, abrirem seus corações e dividir comigo suas recordações.

Obrigada a toda a minha família e amigos que me apoiaram ao longo dessa jornada, dando-me apoio e segurança necessários para que esse trabalho pudesse ser concluído.

## RESUMO

A presente dissertação propõe uma leitura dos aspectos sociais, políticos, históricos de Jacobina e região, para compreender de que forma a seca desestruturou a vida dos sertanejos, impondo o colapso do sistema produtivo rural, obrigando, principalmente, a população mais carente a recorrer a diversas táticas de sobrevivência, dentre elas a adequação da dieta alimentar, sendo necessária a utilização de sementes e raízes silvestres, para saciar a fome, além da emigração e a garimpagem nas serras de Jacobina. Analisa ainda, de que forma se configurou as relações entre os poderes locais com as esferas estaduais e federais, e estes com a população, a fim de perceber de que forma a população foi assistida durante o período de escassez. Os governantes, baseados nos ideais de modernidade e trabalho, buscaram arregimentar recursos para a construção de grandes obras, por meios das quais os sertanejos eram usados como mão de obra barata. Ao mesmo tempo em que a população mais carente era penalizada pelas consequências da seca, os políticos locais se apropriavam dos recursos destinados aos sertanejos para benefício próprio, demonstrando que nem todos estavam tão suscetíveis à seca. A partir da análise da imprensa local e regional, trabalhamos com os jornais *O Lidador*, *Correio de Bonfim* e *Correio do Sertão*, buscamos compreender de que maneira as notícias sobre a seca foram veiculadas, reforçando a imagem do sertanejo enquanto “vítima da natureza” em determinados momentos conforme os interesses do periódico e políticos locais, a fim de angariar recursos. Através da História Oral dialogamos com narradores que dividiram conosco suas lembranças sobre os momentos de penúria impostos pela seca e as táticas adotadas para enfrentá-la.

**Palavras-chave:** Seca de 1932. Sertanejo. Jacobina.

## ABSTRACT

The present work aims to analyze the consequences of the 1932 drought over the population of Jacobina and the region around, understanding how the drought disrupted the life of the country people, imposing the rural productive system collapse, forcing, mainly the most deprived population to resort to several ways of survival, among those ways, the feeding diet adaptation, it been necessary the use of seeds and wild roots to satisfy their hungry, besides the immigration and mining in the hills of Jacobina. Besides, this work analyses how the local power relations were built with the federal and estate sphere, and these with the population, with the aim of perceive how the population was assisted during the shortage period. The government, based on ideas of modernity and work, sought to enlist resources for the construction of large works, by means of which, the country people were used as cheap manpower. At the same time the poorest population was penalized by the consequences of the drought, local politicians appropriated the resources intended for the country people for their own benefit, showing that all were not as susceptible to drought. From the analysis of the local and regional press, work with the newspapers *O Lidador*, *Correio de Bonfim e Correio do Sertão*, we aimed to comprehend the way that the news about the drought were transmitted, reinforcing the country people image as “victim of the nature”, in certain moments as the interest of the periodicals looking for to get funds. Through the História Oral we dialogued with narrators that shared with us their remembering about the times of need imposed by the drought and tactics adopted to confront it.

**Keywords:** 1932 drought, country people, Jacobina

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 1:</b>	
<b>“O SOL É O INIMIGO QUE É FORÇOSO EVITAR, ILUDIR OU COMBATER”</b> .....	19
1.1 SERTÕES NO PLURAL: SINGULARIDADES DE UM MUNDO.....	19
1.2 RELIGIOSIDADE SERTANEJA: AMANHECER ESPERANÇA, ADORMECER PACIÊNCIA.....	27
1.2.1 “A natureza tem por esporte anunciar, generosamente, as suas intenções”.....	30
1.2.2 O inferno é uma seca eterna.....	35
1.2.3 Faz por ti que te ajudarei: a fé dando o ritmo da vida.....	38
1.3 BARRIGA SECA NUM DÁ SONO: ADAPTAÇÃO DA DIETA ALIMENTAR.....	40
<b>CAPÍTULO 2:</b>	
<b>“HÁ UMA MISÉRIA MAIOR QUE MORRER DE FOME NO DESERTO, É NÃO TER O QUE COMER NA TERRA DE CANAÃ”</b> .....	54
2.1 OBRAS PÚBLICAS: O SOCORRO DE QUEM?.....	54
2.2 CRIMES, DIREITOS E TRABALHO.....	65
2.3 ISOLAMENTO E POBREZA.....	78
2.4 “PARECE QUE NESSE TEMPO NÃO HAVIA GOVERNO”.....	82
<b>CAPÍTULO 3:</b>	
<b>“QUEM ESPERA TEMPO RUIM É LAJEDO”</b> .....	90
3.1 OS CAMINHOS DA FOME.....	100
3.2 QUANDO A FOME É VISTA.....	112
3.3 TROPEIRISMO: LIBERDADE PARA COMBATER A FOME.....	119
3.4 O GARIMPO ENQUANTO ALTERNATIVA PARA FUGIR DA SECA.....	122
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	126



**REFERÊNCIAS..... 128**

## INTRODUÇÃO

“O tempo está bonito” diz-se do tempo quando vai chover. A beleza para os sertanejos ganha aspectos bastante particulares, esta diretamente ligada à transformação operada pela caatinga quando cai a primeira chuva no chão ressequido, “[...] cada árvore tinha um vestido novo para a festa da ressurreição”<sup>1</sup>. Em uma paisagem cinérea o verde veste o que há de mais belo. Para outros lugares do país, tempo bom é sinal que não vai chover, representado por um dia ensolarado. Para o sertanejo, o sol tem tamanha importância para a paisagem que tem direito a ser personagem em suas narrativas: “O sol que é pra dar o beijo da fecundidade dava um beijo de morte, longo, cáustico, como um cauterio monstruoso”<sup>2</sup>. O inferno para o sertanejo seria uma seca eterna.

A irregularidade das chuvas nos sertões nordestinos e os problemas decorrentes delas são conhecidos desde o período colonial, causando grandes prejuízos para a população, especialmente a mais carente. Na Bahia, estado nordestino com grande parte de seu território situado no semiárido<sup>3</sup>, esse fenômeno é particularmente relevante. A seca de 1932, por exemplo, foi uma das mais severas que se tem notícia na região e marcou profundamente a memória da população que sofreu suas consequências, assim como, as gerações posteriores.

O fenômeno da seca faz parte do cotidiano sertanejo para além dos momentos em que esta se faz presente, ele acaba por ser responsável pela organização da vida sertaneja, como analisa Martins<sup>4</sup> “[...] já que as pessoas encaminham seus afazeres de acordo com a seca ou com o verde”. Sendo necessário, por parte dessa população, o desenvolvimento de uma série de saberes que foram surgindo através do contato com a natureza, na tentativa de prever a chegada da chuva, assim como, diversas táticas que permitissem a sobrevivência durante os períodos de escassez, a exemplo da adaptação da dieta alimentar, migração ou ainda garimpo nas serras de Jacobina. A possibilidade de compreender as relações que se estabeleceram na região no período, assim como, a luta constante dos sertanejos pela própria sobrevivência motivou o interesse pelo tema. “O caráter de excepcionalidade da seca oferece oportunidades

<sup>1</sup> ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 120.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>3</sup> A Bahia tem cerca de 320.211 Km<sup>2</sup>, ou 57,08% de seu território inserido no Polígono das Secas. Ver: BARBOSA, Diva Vinhas Nascimento. *Os impactos da seca de 1993 no semi-árido Baiano: Caso de Irecê*. Salvador: SEI, 2000. No presente trabalho utilizaremos a noção de sertão, em substituição a de semiárido.

<sup>4</sup> MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalo/Xique-Xique)*. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010, p. 121.

de acesso ao cotidiano dos sertanejos, permitindo verificar, a partir do excepcional, interdependências, regularidades que apontam para a composição social do sertão baiano”.<sup>5</sup>

Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivos compreender os efeitos da seca de 1932, sobre a população de Jacobina, identificando as diferentes estratégias de sobrevivência adotadas pelos diversos segmentos sociais durante o período de prolongada escassez. E também entender como se configurou as relações entre os diferentes poderes para compreender as táticas adotadas pela população.

A seca entendida enquanto produto histórico e social, não apenas como fenômeno natural em si, mas o momento que o cercou, pode constituir-se em uma chave importante de compreensão da realidade histórica e social de Jacobina no período em estudo.

A seca é um fenômeno físico, mas suas consequências são aprofundadas e ampliadas pela ação do homem. Os grandes problemas que o sertão enfrenta com a seca, assim como a situação de pobreza do homem nordestino são muito mais consequência das instituições e do sistema de posse e uso das terras do que devido ao clima.<sup>6</sup>

Torna-se fundamental perceber de que forma a fragilidade econômica, derivada de uma estrutura política e social concentradora, na qual a acumulação, posse e uso das terras por uma pequena parcela, não permitia a população subalternizada enfrentar os impactos da seca. É preciso compreender a estrutura política nordestina e os interesses que perpassavam a questão da seca, analisando o porquê de um fenômeno, cujas causas e consequências são tão conhecidas por todos e que ainda permanecem como flagelo para milhões de brasileiros, ceifando vidas e causando prejuízos.

A fim de compreender essas e outras questões analisaremos os diversos discursos sobre a seca, presente no jornal *O Lidador*, que circulou em Jacobina nas décadas de 30 e 40 do século XX; o jornal *O Correio do Sertão* da cidade de Morro do Chapéu<sup>7</sup>, que está em circulação até hoje, assim como o jornal *Correio de Bonfim*. Esses periódicos, atrelados ou não ao poder local ou estadual, foram importantes veículos de críticas aos adversários ou na luta para angariar recursos para o “combate às secas”. As notícias veiculadas sobre as secas por cada um dos jornais vinham acompanhadas da tentativa de ascensão política e/ou decesso

<sup>5</sup> GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX* (Sociedade e Política). 2000.169f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000, p. 4.

<sup>6</sup> ANDRADE, Manoel Correia de. *A Seca: Realidade e Mito*. Recife: ASA, Pernambuco, 1985, p. 7.

<sup>7</sup> Jornal *Correio do Sertão* fundado por Honório Pereira, em Morro do Chapéu, em 1917. É hoje o jornal mais antigo em circulação do interior do Estado.

do opositor, utilizando a estiagem enquanto assunto que sensibiliza e emociona a opinião pública.

O jornal *O Lidador* foi um grande exemplo de como os líderes políticos viam na imprensa um importante veículo de propagação de suas ideias e defesa de suas posições. O citado periódico, já indica no nome o símbolo de cidadão em uma sociedade capitalista, baseada nos valores do trabalho, progresso e civilização. Civilização deve ser entendida aqui no sentido de ter acesso às novidades e maravilhas da modernidade, portanto uma cidade que almejava estar nos mais altos padrões de civilização e progresso deveria ter as grandes novidades que a técnica oferecia, o jornal local se apresentava enquanto uma delas, a imprensa.

*O Lidador* se mostrou em sincronia com os interesses e alianças feitas pelo interventor federal Juracy Magalhães e as novas lideranças políticas locais, no caso de Jacobina, especificamente, Francisco Rocha Pires, que posteriormente contando com o apoio do jornal pode se eleger para o poder legislativo estadual.<sup>8</sup>

O jornal *O Correio de Bonfim* pertencia a Augusto Sena Gomes que fazia parte do grupo político dos Gonçalves, grandes proprietários de terra em Missão do Sahy, Campo Formoso e Antonio Gonçalves. O periódico apresenta o sertanejo enquanto indolente e preguiçoso. Por mais que faça descrições nas páginas do jornal das riquezas do sertão e da bravura dos sertanejos, estes aparecem enquanto “[...] gente incivilizada e inerte, entregue a maré das situações cotidianas e sem pensar no amanhã”.<sup>9</sup>

Menezes analisa a imprensa sertaneja e mostra que o jornal *O Lidador*<sup>10</sup> foi considerado como um signo que representava o progresso, modernidade na cidade de Jacobina e que por isso deveria ser por ela recebido de braços abertos<sup>11</sup>. Ainda segundo o autor “[...] a personificação de um ser coletivo chamado Jacobina” e sua convocação para enxergar no meio de comunicação um ser colocado como seu “advogado” e “grande

---

<sup>8</sup> MENEZES, Adriano Antonio Lima. “Imprensa Verde-Amarela no Piemonte da Chapada Diamantina na década de 1930”. In: MENEZES, Adriano Antonio Lima; OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Culturas Urbanas na Bahia: estudos sobre Jacobina e região*. EDUNEB, Salvador, 2009.

<sup>9</sup> CUNHA, Aloisio Santos. *Descaminhos do trem: As ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota*. . 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011. p. 103.

<sup>10</sup> *O Lidador* surgiu na cidade de Mundo Novo, mas em sete de setembro de 1933 foi inaugurado na cidade de Jacobina, sendo transferido da cidade natal de seu proprietário para esta última a convite de Francisco Rocha Pires, influente político da cidade. O jornal foi transferido devido a desavenças entre seu fundador Nemézio Lima e o interventor da cidade nomeado por Juracy Magalhães.

<sup>11</sup> MENEZES, Adriano Antonio Lima. “A imprensa sertaneja: um busca de identidade cultural no Piemonte da Chapada Diamantina”. In: *Anuário de Pesquisa da UNEB*, Salvador, ed. 1, 2010.

impulsionador”<sup>12</sup>. Sendo assim, as notícias veiculadas por esse meio de comunicação traziam a ideia de defesa dos interesses dos cidadãos jacobinenses.

Porém, há muito tempo aceitamos que os documentos não falam por si só, é necessário situá-los, de onde falam, seus interesses e estratégias. Com a imprensa não é diferente, é preciso pensá-la na sua historicidade, não perdendo de vista suas articulações com o meio que a produziu.

Os diversos materiais da imprensa, jornais, artigos, almanaques e panfletos não existem para que historiadores e cientistas sociais façam pesquisa. Transformar um jornal ou revista em fonte histórica é uma operação de escolha e seleção feita pelo historiador e que supõe seu tratamento teórico metodológico.<sup>13</sup>

Para Souza os periódicos cumpriam sua finalidade econômica de “vender produtos” e “vender notícias”, além disso, eles possuíam também interesses políticos, atuando como formadores de opinião. Portanto, buscavam conduzir os leitores a certo sentido, mostrando alguns pontos de vista como sendo “verdadeiros”.<sup>14</sup>

Através da História Oral e das narrativas que foram lembradas e o que foi escolhido pelos narradores para ser recordado sobre a seca de 1932, percebemos que há uma relação indissociável entre passado e presente, pois nela a memória é fruto de reelaborações constantes. A princípio, buscamos pessoas que tivessem sofrido as consequências da estiagem, por isso escolhemos pela idade, pelo fato de terem vivido na região de Jacobina e para conhecer as táticas empregadas pela população subalternizada, os pequenos agricultores.

As memórias podem contribuir para percebermos aspectos sobre o cotidiano e as vivências desses sertanejos no período de 1932, como afirma Thomson a respeito da História Oral que o “[...] esforço de recuperar a experiência e os pontos de vista daqueles que normalmente permanecem invisíveis na documentação histórica convencional e de considerar seriamente essas fontes como evidência”<sup>15</sup>.

A História Oral nos parece o procedimento metodológico mais rico para compreendermos tais questões. “A História Oral é uma história construída em torno de

---

<sup>12</sup> MENEZES, Adriano Antonio Lima. “Imprensa Verde-Amarela no Piemonte da Chapada Diamantina na década de 1930”. In: MENEZES, Adriano Antonio Lima; OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. *Culturas Urbanas na Bahia: estudos sobre Jacobina e região*. EDUNEB, Salvador, 2009. p. 85.

<sup>13</sup> CRUZ, Heloisa de faria; PEIXOTO, Maria do Rosario da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, nº 35. p. 1-411, dezembro/2007, p. 258.

<sup>14</sup> SOUZA, Jacó dos Santos. “Falas da escravidão e da liberdade: imprensa abolicionista e conflitos de rua no Recôncavo baiano- Cachoeira, 1887-1888”. *IV Encontro de Estadual de História-ANPUH*, Vitória da Conquista, 2008.

<sup>15</sup> THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 75.

peessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo”<sup>16</sup>. Segundo Ecléa Bosi,

Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categorias nítidas, cheias de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças, já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções não trabalham a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia a vida. O empenho do indivíduo em dar um sentido a sua biografia penetra as lembranças com um “desejo de explicação”.<sup>17</sup>

A memória seja ela, coletiva ou individual, é sempre seletiva. Ela não nos surge de modo aleatório, ela é construída, nos lembramos daquilo que queremos lembrar, dos acontecimentos que nos sentimos participantes. Ainda segundo Bosi,

Há episódios antigos que todos gostam de repetir, pois a atuação de um parente parece definir a natureza íntima da família, fica sendo uma atitude símbolo. Reconstruir o episódio é transmitir a moral do grupo e inspirar os menores.<sup>18</sup>

Podemos inferir que para os sertanejos sobreviventes das agruras da seca, de 1932, rememorar as dificuldades enfrentadas no período de estiagem apresenta-se como uma forma de ensinamento para os mais jovens, sendo motivo de orgulho por ter sobrevivido às dificuldades impostas ou ainda como um elo ou identidade.

O flagelo da seca desestruturava a vida dos sertanejos, inclusive as relações sociais pelas quais eram baseadas em relações de reciprocidade. A História Social Inglesa permitiu que um novo olhar fosse lançado sobre as “minorias”. A contribuição dessa corrente historiográfica possibilitou que as relações estabelecidas durante a seca, de 1932, na região de Jacobina não fossem entendidas de forma que as “minorias” fossem manipuladas pelos governantes e dirigentes ou que suas ações fossem apenas resultados de desespero.

Estas intenções deliberadas, estas estratégias, contudo nem sempre foram consideradas pelos estudiosos dos movimentos sociais populares rurais. Em maioria, esses estudos permanecem no interior do campo denominado por E. Thompson de ‘Visão espasmódica’.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 44.

<sup>17</sup> BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. da Letras, 1994, p. 419.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 424.

<sup>19</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000, p. 15.

As ações e reivindicações dos sertanejos em tempos de escassez não poderiam ser entendidas, apenas, enquanto reações desesperadas em que se enfatiza o “espasmo” biológico<sup>20</sup>, a fome, sendo as ações resultados da debilidade e carência alimentar dos indivíduos. É necessário analisar essas relações, questionando conceitos como ‘*Food Riot*’, se neles existem uma relação direta entre fome e revolta. Perceber que crises sociais no abastecimento ou preços altos são aspectos importantes a serem considerados, mas não são os únicos, como analisa Neves,

A fome e a seca, portanto, compõem um quadro estrutural que as ações dos retirantes necessariamente devem refletir: a seca provoca a fome generalizada que leva os sertanejos a movimentarem-se em busca de alimentos e que, finalmente, famintos e desesperados atacam e invadem as cidades e armazéns para saciar suas necessidades vitais.<sup>21</sup>

Compreendidas dessa forma, as ações e reivindicações sertanejas são totalmente destituídas de seu caráter político, sendo apenas ‘espasmo biológico’, já que a motivação dessas ações seria a necessidade, a fome e não a vontade. Neves critica que, segundo essa visão “[...] a ação do trabalhador rural é sempre determinada do exterior”. Visão parecida com a apresentada na obra *Os sertões* de Euclides da Cunha, nela o meio determinaria o homem. Ainda segundo o autor, o livro *Os sertões* mostra que “A configuração racial e a relação com o meio hostil, determinaria para ele, as possibilidades de desenvolvimento político do sertanejo”<sup>22</sup>. Segundo Euclides da Cunha agindo por desespero e fome, o homem não pode ser responsabilizado, não sendo consciente de suas ações.

Ações, saques e reivindicações dos flagelados foram formas possíveis de ação política diante da situação de crise em que viviam. Esses mecanismos eram os que possibilitavam aos sertanejos reivindicar dentro das relações paternalistas a proteção nos tempos de escassez.

O conceito de experiência em Thompson nos ajuda a compreender essas questões, permitindo entender a atuação dos sertanejos enquanto ações de sujeitos históricos ativos. Que a partir de seu universo cultural, constituíam significativos e complexos campos de tensões, diante das estratégias de controle por parte dos governantes locais, criando e recriando em seus cotidianos acordos e confrontos.

---

<sup>20</sup> Ver THOMPSON, E. P. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 150.

<sup>21</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000, p. 15.

<sup>22</sup> *Ibidem*.

Com experiência e cultura estamos num ponto de junção de outro tipo. As pessoas não experimentam suas experiências apenas como ideias ou como instinto proletário. Elas também experimentam suas experiências com sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou na arte ou nas convicções religiosas. Essa metade da cultura pode ser descrita como consciência efetiva e moral.<sup>23</sup>

Assim sendo, experiências partilhadas estariam relacionadas ainda a um conjunto de valores comuns e também a formas de agir coletivamente. A experiência está em toda parte, e segundo Thompson nas ações cotidianas dos sujeitos e grupos sociais é possível perceber essas ações, acordos e tensões, para além de passividade. Esse conceito expressa o que há de mais dinâmico na história, homens e mulheres atuando enquanto sujeitos transformadores do meio social.

Discutimos no presente trabalho as táticas adotadas pela população subalternizada para o enfrentamento da seca. Os narradores com os quais dialogamos, não se assemelham a ideia de “vítimas da natureza”, pelo contrário, os trabalhadores e trabalhadoras do sertão utilizaram os poucos recursos que possuíam para sobreviver do abandono por parte do Estado e a escassez material intensificada em tempos de seca.

Trabalhamos com o conceito de tática para compreender as ações empregadas por essa população. Estratégias e táticas compreendidas em conformidade com o sentido dado por Certeau, “Trata-se de combates ou de jogos entre o forte e o fraco, e das ‘ações’ que o fraco pode empreender”<sup>24</sup>. Se o forte tem os recursos e através de estratégia pode planejar cada passo, no entanto “[...] o poder se acha amarrado a sua visibilidade”<sup>25</sup>. O fraco opera na impresibilidade, aproveita a ocasião, “Em suma, a astúcia é a arte do fraco”<sup>26</sup>. Para o forte “[...] quanto maior um poder tanto menos pode permitir-se mobilizar uma parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia”<sup>27</sup>. É justamente nesse ponto que o fraco age, na astúcia. “Ao contrário a astúcia é possível ao fraco muitas vezes apenas a ele como ‘último recurso’. Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais ela estará sujeita à astúcia”<sup>28</sup>. A astúcia do homem comum permite pequenos espaços de liberdade e forçam as fronteiras da dominação.

“O sertanejo é antes de tudo um forte”. A fortitude do sertanejo não está ligada a recursos, poder político ou econômico. Sua fortitude vem da astúcia empregada, mesmo sendo

<sup>23</sup> THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 189.

<sup>24</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 99.

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 101.

<sup>26</sup> *Ibidem*.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

<sup>28</sup> *Ibidem*.



fraco vence a luta diária na tentativa de manter a segurança alimentar de sua família, a opressão do fazendeiro e a falta de terra para o cultivo. “Sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz [...], a tática é determinada pela ausência de poder. Assim como a estratégia é organizada pelo postulado de um poder”.<sup>29</sup>

Walter Benjamin em seu ensaio “O Narrador” contribui de maneira significativa para o presente trabalho, demonstrando que a familiaridade que o nome ‘narrador’ invoca, não representa uma intervenção viva no século XX. Por isso Benjamin escolhe o russo Leskov como paradigma de narrador, não porque ele se aproxime contemporaneamente, mas exatamente por marcar a distância significativa que nos separa dele<sup>30</sup>.

O autor mostra o aniquilamento de uma experiência, outrora sinônimo de sabedoria e autoridade, consolidada por meio de sua transmissão de geração em geração. Com o esfacelamento da experiência tem-se como consequência a perda/substituição da narrativa pelo romance, a substituição de formas de transmissão oral, coletivas, baseadas em vivências e experiências pelo ato solitário de ler um romance. “E nesta caracterização, que tanto a experiência quanto o tipo ‘narrador’ estão em extinção, por que o território que habitavam não existe mais, a saber, o meio artesanal de produção dos meios de vida”<sup>31</sup>. É com base nessa perspectiva que dialogamos com os narradores do presente trabalho, na qual a narrativa deles são repletas de suas vivências e experiências. “A narrativa tem gravadas as marcas do narrador, tal como o vaso de barro traz as marcas do oleiro que o modelou”.<sup>32</sup>

O presente trabalho é composto por três capítulos, sendo o primeiro intitulado “O sol é o inimigo que é forçoso evitar, iludir ou combater”, em que buscaremos analisar de que modo a seca desestruturava o sistema produtivo rural, colocando boa parte da população jacobinense, especialmente a mais carente, em estado de mendicância, obrigando essa parcela da população a utilizar diversas táticas para sobreviver aos efeitos da seca, dentre elas a adaptação da dieta alimentar. O Sol com sua quentura e ardor representa para o sertanejo tudo que o agride e atormenta. O Sol é também o fazendeiro, a concentração de terras e o abandono por parte do Estado, e como tal esses inimigos devem ser “evitados, iludidos ou combatidos”.

Para evitá-los, iludi-los e/ou combatê-los o sertanejo precisou lançar mão de sua astúcia, pois a seca não atingiu a todos da mesma maneira. A adaptação da dieta alimentar foi um recurso utilizado principalmente pela camada mais pobre da população jacobinense, que

<sup>29</sup> *Ibidem*.

<sup>30</sup> MEINERZ, Andréia. *Concepção de experiência em Walter Benjamin*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, p. 37.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>32</sup> BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992, p. 37.

em períodos de regularidade climática já enfrentava dificuldades cotidianas, não conseguindo, portanto, armazenar recursos para enfrentar os períodos de estiagem.

Trataremos também sobre a maneira como o sertanejo elaborou uma série de conhecimentos através do convívio direto com a natureza que o ajudavam na tentativa de prever ou não a chegada das chuvas entre outros. Possibilitava também o convívio com forças inexplicáveis, recorrendo ao apelo de soluções mágicas e míticas enraizadas em seu universo religioso, fazendo uma reinterpretação das expressões da fé. Através de uma espécie de filtro, as crenças e os ritos sofriam mudanças e se revestiam de novos conteúdos de acordo com as experiências cotidianas, apresentando assim, particularidades em relação ao catolicismo oficial.

O segundo capítulo tem por título “Há uma miséria maior que morrer de fome no deserto, é não ter o que comer na terra de Canã”, nele discutiremos como se configurou as relações entre os diversos poderes local, estadual e federal e como a população de Jacobina foi assistida durante os períodos de estiagens. Abordaremos também a maneira como a seca foi usada como argumento para angariar recursos, estes eram destinados, geralmente, para a construção de grandes obras que deveriam servir para dar emprego aos flagelados, substituindo as doações de mantimentos que incentivaria o ócio. Com isso ocupando e afastando os sertanejos dos centros urbanos, além de contribuir para o melhoramento das cidades, utilizando-os como mão de obra barata.

Portanto, a maioria da população jacobinense não foi assistida durante a seca ou foi precariamente, não porque estivessem no “deserto”, mas sim porque ainda que estivessem na “Canã” as verbas destinadas ao socorro dos flagelados tinham outros destinos previstos.

O último capítulo intitulado “Quem espera tempo ruim é lajedo” analisa-se de que maneira a migração, enquanto último recurso, impôs para o indivíduo a necessidade de abandonar sua terra natal e buscar melhores condições em outros lugares. A extração do ouro nas serras de Jacobina mostrou-se como oportunidade e muitos foram os que acreditaram na possibilidade de mudar de vida. Criou-se um imaginário providencialista em torno da exploração do ouro e as dificuldades enfrentadas pelos efeitos da seca enfatizaram o garimpo enquanto alternativa. Pelos caminhos do sertão, muitos foram aqueles que atravessaram lonjuras para fugir da fome, para recriar laços e sociabilidades em outros lugares, afinal “A terra, a gente faz aqui e lá”.

## CAPÍTULO 1: “O SOL É O INIMIGO QUE É FORÇOSO EVITAR, ILUDIR OU COMBATER”

### 1.1 SERTÕES NO PLURAL: SINGULARIDADES DE UM MUNDO

O século XIX e as primeiras décadas do XX foram de expressivas discussões acerca da categoria sertão pelos intelectuais brasileiros. Havia a corrente que buscava a sua valorização, discurso que o punha no cerne da nacionalidade brasileira. Um lugar mítico, berço da nação.

Aquella tranquillidade das lagoas azues, em cujas aguas mansas reflectiam os macissos enflorados; as tardes piedosamente tristes e socegadas; o encanto do grande sertão na sua poesia natural, nas tradições do seu povo [...]. Não é mais o sertão aquella terra bôa do carinho e da hospitalidade, o remanso abençoado do trabalho fecundo, o retiro procurado pelos que buscavam tonificar o organismo na esperança da vida [sic].<sup>33</sup>

Esses trechos do Jornal *Correio de Bonfim* demonstram um romantismo em relação ao sertão, um lugar onde parece que o tempo parou, espaço da nostalgia e da contemplação. Outra visão pinta o sertão com as cores fortes da miséria, violência e barbarismo.<sup>34</sup>

Sertão foi uma categoria que se elaborou no Brasil por meios muito diversos, tendo significados tão importantes e variados, sendo (des)construído por diferentes meios, desde a pintura, a música e, principalmente, a literatura, sendo talvez *Os Sertões*, uma de suas maiores expressões. Para Janaina Amado “[...] entre os nordestinos, é tão crucial, tão preta de significados, que, sem ele, a própria noção de ‘Nordeste’ se esvazia carente de um de seus referenciais essenciais”.<sup>35</sup>

A emergência do sertão, especialmente nas décadas de 1920 e 1930, fez com que este se tornasse uma constante temática em diversas obras literárias, especialmente os romancistas de 30. Ainda segundo Janaina Amado, “A literatura brasileira povoou os variados sertões que

<sup>33</sup> *Correio de Bonfim*, 28 de junho de 1931, ed. 39, p. 01.

<sup>34</sup> Essas obras demonstram como a expansão bandeirante teria sido realizada em regiões que estariam às margens da civilização, sertão seria o lugar da rudeza e embrutecimento. Ver: ABREU, Capistrano de. *Capítulos de história colonial*. 7. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves: Publifolha, 2000. RICARDO, Cassiano. *Marcha para o oeste: a influência da “Bandeira na formação social e política do Brasil”*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. VIANA, Oliveira. *Populações meridionais do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952.

<sup>35</sup> AMADO, Janaina. “Região, Sertão, Nação”. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145-151.

construiu com personagens colossais, poderosos símbolos, narrativas míticas, marcando com eles forte, funda e definitivamente o imaginário brasileiro”.<sup>36</sup>.

Desde a colonização, a categoria sertão passou a ser usada para designar interior, lugares distantes do litoral, longínquos e pouco habitados. Janaina Amado analisa que:

De forma simplificada, pode-se afirmar, portanto, que, as vésperas da independência, “sertão” ou “certão”, usada tanto no singular quanto no plural, constituía no Brasil noção difundida, carregada de significados. De modo geral, denotava “terras sem fé, lei ou rei”, áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada [...].<sup>37</sup>

Segundo Erivaldo Fagundes Neves, o avanço e povoamento do interior para o século XVIII, com a mineração e a pecuária definiu uma nova alteridade, na relação interativa e complementar, entre litoral e sertão “[...] como um jogo de espelhos”, o sertão do outro, do índio, caboclo, vaqueiro, tropeiro, boiadeiro e agricultor refletia seu “[...] principal referente”. O litoral, território do poder, é também o da força propulsora do desenvolvimento padrão cultural, embora no imaginário sertanejo essa inversão de valores não tivesse a mesma intensidade da projeção litorânea<sup>38</sup>. De forma geral, a região passa a ser associada ao clima semiárido, às secas e a miséria.

A história dos homens por essas lonjuras foi um cometimento de audácia e desafios às forças adversas do meio ambiente. Numa luta desigual entre os recursos e instrumentos culturais de que dispunha e a hostilidade ecológica de uma natureza que negaceia e se retrai ante o esforço heroico por dominá-la.<sup>39</sup>

É de fundamental importância que essas ideias e estereótipos, que foram se sedimentando sobre sertão, não sejam concebidas como um dado natural, pelo contrário, algo que atende a um jogo de forças e interesses, que demonstra o olhar de quem coloniza, que busca marcar o outro com estigmas que justifiquem essa dominação.

As formas de delimitação das regiões, apesar de se fazer crer que existem classificações prioritariamente ligadas a elementos da natureza, seguem lógicas arbitrárias pautadas em interesses particulares e diversos daqueles que detêm mais força material e simbólica.<sup>40</sup>

<sup>36</sup> AMADO, Janaina. “Região, Sertão, Nação”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995, p. 145.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 148.

<sup>38</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. “O sertão como recorte espacial e como imaginário cultural”. *In: Politeia: História e sociedade*. Vitória da Conquista, v. 3, n.1, p. 153-162, 2003, p. 155.

<sup>39</sup> SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 5.

<sup>40</sup> VASCONCELOS, Claudia Pereira. *Ser-Tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*, Salvador: EDUFBA, 2011, p. 37.

Assim como considera Soares,

Entendemos as fronteiras e territórios como criações históricas. As relações com os espaços, as inscrições geográficas, são, elas próprias relações políticas que se projetam no palco das representações. Sertão é coisa que se inventa: significações que brotam de fora, de dentro, de entremeio, delineamentos difusos, fronteiras que vão se colocando nos mapeamentos do papel e do desejo.<sup>41</sup>

Os estereótipos e imagens que se fixou como sendo o “Sertão”, precisam ser compreendidos dentro de uma série de jogos de interesses, e que não são apenas resultados de aspectos naturais, climáticos ou geográficos. Assim, o sertão passou a ocupar certa área do país, que está profundamente marcada e definida pelo seu clima e as dificuldades que este impõe a seus habitantes. Soares destaca que,

É certo, portanto, que no desenrolar do processo histórico brasileiro, sertão foi deixando de ser um lugar que expressava algo homogêneo, um signo do mesmo, um todo não litorâneo, e passou a ocupar, lugares com fronteiras geográficas e perfil social mais ou menos definidos.<sup>42</sup>

Esse recorte espacial passa a referir-se especialmente ao Polígono das Secas, que associamos a imagens largamente veiculadas como sendo de solo pedregoso, “[...] desoladora paisagem de miséria protagonizadas por retirantes vidas secas” e “[...] figuras de coronéis, e jagunços, cangaceiros e beatos, fabianos e severinos”.<sup>43</sup>

De certa maneira, o homem que habita essa região passa a ser identificado com a rudeza do meio em que vive. Embrutecido pelas condições do seu ambiente, veste-se de couro para suportar a vegetação; aprende a fazer uso de raízes e sementes, não utilizadas na alimentação, a não ser em condições extremas como as impostas pela seca. Existe nas imagens que se construiu sobre o sertão uma série de estereótipos que passaram a designar a região de forma pejorativa. “O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome das semelhanças superficiais do grupo”.<sup>44</sup>

É preciso compreender que essas imagens não foram construídas apenas de fora para dentro, mas esse discurso de “vítimas da natureza” também foi apropriado pelos grupos

<sup>41</sup> SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Salvador: EDUFBA. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009, p. 41.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

<sup>44</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife. São Paulo: Cortez, 2001, p. 20.

dirigentes que haviam perdido espaço na política nacional, devido à decadência econômica do estado, o poder de decisão. Sendo assim, passam a perceber nesse discurso uma maneira de angariar recursos para “supostamente” ajudar os flagelados da seca, mas que acabavam por beneficiá-los diretamente. “[...] nós também estamos no poder, por isso devemos suspeitar que somos agentes de nossa própria discriminação, omissão ou exploração. Elas não são impostas de fora, elas passam por nós”.<sup>45</sup>

Os líderes políticos e econômicos, que passaram a se sentir gradativamente distanciados do centro do poder, começaram a fazer uso desse discurso de vitimização, assim segundo Albuquerque Jr:

A questão da influência do meio era a grande arma política do discurso regionalista nortista. Desde que a seca foi descoberta em 1877, como um tema que mobilizava, que emocionava, que podia servir de argumento para exigir recursos financeiros, construção de obras, cargos no Estado, etc.<sup>46</sup>

A imagem de “vítimas da natureza” beneficiava diretamente os grupos políticos interessados em angariar recursos através das imagens de seca e fome, por outro lado, torna-se importante questionar o porquê de um estado como a Bahia definir a “baianidade” negando a presença dessa tradição sertaneja no estado. Torna-se imprescindível observar de que forma o sertão foi omitido, recortado, aprisionado e hierarquizado, delimitando lugares fixos para essa região e seus moradores, de que forma estes foram incluídos ou excluídos da história.

A população afastada do litoral, ou seja, aquela do interior, do Sertão, principalmente a do Semi-Árido baiano, pouco se identifica com o estilo de vida litorâneo: a culinária, a economia marítima e as festividades religiosas, as manifestações culturais não têm o mesmo significado, pois são diferentes as lógicas, as noções de tempo e de espaço e certos valores de convivência [...] nota-se que o estereótipo do sertanejo ainda perdura nesse espaço metropolitano, reduzido à imagem da seca, da migração e da ignorância, sendo cristalizado por algumas obras canônicas.<sup>47</sup>

Entre essas “obras Canônicas” está *Os Sertões*, livro que tornou famosa a afirmação de que “O sertanejo é antes de tudo um forte”. O Jornal *O Lيدador* apresenta essa imagem do sertanejo enquanto forte, no entanto demonstra de que maneira os dirigentes se aproveitaram dessa “fortitude” dos sertanejos de Jacobina.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>47</sup> VASCONCELOS, Claudia Pereira. *Ser-Tão baiano: o lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 29.

[...] Em nenhum outro lugar do paiz o produtor é perseguido como no nosso Estado. “O sertanejo é antes de tudo um forte”. Tendo sempre na mentalidade este enunciado de Euclides da Cunha, os nossos dirigentes não trepidam em avaliar até onde chega essa fortitude. Tornou-o um escravo, dando-lhe um feitor que de vez em quando reveza o posto [...]. A decadência só contrasta com o progresso da capital. Enquanto o interior definha, a capital engrandece. Enquanto a miséria campeia no sertão o luxo invade a City. O município de Jacobina se empobrece a olhos vistos [sic]<sup>48</sup>.

Os vários discursos acerca do sertão e do sertanejo, ainda que este seja um “forte”, devem ser compreendidos partindo do ponto de quem fala e com quais interesses. O governo, aqui visto como um “feitor”, faz do sertanejo um “escravo” devido aos pesados tributos que estes eram obrigados a pagar, já tão castigados pela seca e pelo banditismo, “os grandes males do sertão”. No entanto, essas imagens evocadas têm uma razão de ser, buscam chamar a atenção dos governos estaduais e federais, a fim de que estes olhem para os sertões com o mesmo interesse que admiram a “city”.

O jornal ressalta na reportagem o contraste entre o luxo da city e a miséria do sertão. Outro traço bastante destacado na “identidade sertaneja” é a ideia de que estes são trabalhadores, valentes e leais, no entanto eles são vítimas do meio em que vivem.

Como esse discurso da ajuda deixa a ‘impressão’ desagradável de tratar-se de um pedido de ajuda, socorro, enfim, de esmola, criam-se dissonâncias com a auto-imagem de *ser forte sertanejo e resistente*. A saída, pois, foi vincular de forma indissociável o pedido de ajuda às condições de fraqueza.<sup>49</sup>

O sertanejo é forte, o que o torna fraco é o meio em que vive, dessa maneira justificaria os pedidos de ajuda “Enquanto a miséria campeia no sertão o luxo invade a City. O município de Jacobina se empobrece a olhos vistos”<sup>50</sup>. Ser forte no sertão está ligado à necessidade de que os sertanejos precisam ser “fortes” para enfrentar as dificuldades que o meio lhe impõe, ou mais claramente sobreviver à seca, havendo, portanto uma “simbiose” entre homem-natureza, em que o primeiro apresentaria as características da terra em que habita.

Essa crença em “ser antes de tudo um forte” tem servido também como uma maneira em que os governantes têm se utilizado para naturalizar essas questões e fazer com que estas permaneçam nas bases que se encontram. Para os governantes, o ser forte deveria ser apresentado enquanto passividade e a população sertaneja deveria suportar todas as

<sup>48</sup> *O Lidorador*, 10 de agosto de 1934, n. 49, p. 4.

<sup>49</sup> GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da seca*. Recife: Massangana, 1998. p. 177.

<sup>50</sup> *O Lidorador*, 10 de agosto de 1934, n. 49, p. 4.

dificuldades resignadamente<sup>51</sup>. Fomentar a ideia de que o homem do sertão é forte, buscando transformar essa “fortitude” em um traço da identidade sertaneja, serve como um elemento para “mascarar” as relações de exploração que os sertanejos sofriam e sofrem.

Então ser forte para enfrentar a seca e não a exploração, a má distribuição de terra, a falta de educação e a saúde. “Do ponto de vista concreto, o *ser forte* expressa a luta diária e histórica pela sobrevivência reprodutiva do trabalhador sertanejo, em contexto social e econômico perverso e injusto”<sup>52</sup>. Sertão tem sido um termo ambivalente e contraditório. Visto como o cerne da identidade nacional por um lado e responsável pelo entrave no desenvolvimento do Brasil, por outro.<sup>53</sup>

A região Sudeste foi “escolhida” como aquela que representaria o ideal de civilização e desenvolvimento que o país deveria ter, portanto essa região que passaria a representar o nacional; já as outras regiões, denominadas de sertão, sinônimo de atraso e barbárie, passaram a ser vistas como um empecilho ao desenvolvimento do país.

De fato sem escola e sem leis respeitadas, não pode haver civilização. E esses infelizes sertanejos, entregues ao léu da sorte, alheios ao que se passa além do seu torrao natal, castigados de seccas e perseguições, que mentalidade podem ter para aprender os influxos da civilização? Nesse meio árido a vida absorve aos poucos os indivíduos embrutecendo-os e impellindo-os para os embates da força bruta. Demos escolas e justiça ao sertão e teremos paz constructora. Do contrario, viveremos sobressaltados com os Lampiões, quando não registramos hecatombes como a de Canudos [sic]<sup>54</sup>.

O jornal *Correio de Bonfim*, um veículo de comunicação que tinha como proposta ser “[...] um orgam independente”<sup>55</sup>, descreve e reforça essa imagem estereotipada do sertanejo, dando ênfase às ideias recorrentes no período, buscando explicar o sertão a partir de elementos epistemológicos do meio e da raça. “Nesse meio árido a vida absorve aos poucos os indivíduos embrutecendo-os e impellindo-os para os embates da força bruta”<sup>56</sup>. Através da análise do meio e da raça, é que seria possível explicar os aspectos psicológicos que permitiam o surgimento de “anomalias sociais” como Lampião e Conselheiro. “A partir do

---

<sup>51</sup> GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da seca*. Recife: Massangana, 1998, p. 177.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>53</sup> VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *Ser-Tão baiano: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*. Salvador: EDUFBA, 2011.

<sup>54</sup> *Correio do Bonfim*, 22 de março de 1931, ed. 25. p. 5.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

<sup>56</sup> *Ibidem*.



paradigma naturalista, a importância do meio combinado à raça, justificava, categoricamente, os porquês do comportamento do brasileiro”.<sup>57</sup>

Esses tipos sociais surgiriam devido ao atraso do sertão, sendo esta área do país que estaria impedindo o desenvolvimento do Brasil. Com a “revolução de 30”, e os novos ideais pregados pelos dirigentes do país, práticas consideradas “incivilizadas” e “atrasadas” deveriam ser combatidas. Existe nas reportagens feitas pelo jornal *Correio de Bonfim*, uma associação da imagem do sertanejo a vocábulos depreciativos, ligando-o sempre a ideias de atraso e embrutecimento.

O periódico tinha como principal público-alvo as autoridades políticas e econômicas da região. Visava a defesa de interesses dessas categorias citadas, na maioria grandes proprietários de terras. O jornal destinava amplo espaço, em praticamente todas as edições na primeira página, para atacar o banditismo no Nordeste, demonstrando grande preocupação com este fenômeno social.

Segundo Gramsci, a imprensa não vai apenas satisfazer necessidades, mas criar necessidades<sup>58</sup>. Os jornais buscam organizar determinada visão de mundo, por exemplo, a palavra cangaço ganha um sentido que ao ouvi-las o indivíduo aciona uma série de imagens, sentimentos e sensações relacionados a ela como violência, brutalidade e crueldade. Dessa maneira, não podemos achar que os veículos de comunicação buscavam apenas registrar os acontecimentos, mas estes deveriam ser entendidos enquanto aparelhos de hegemonia, que tinham como objetivo principal influenciar a opinião pública, buscando modelar formas de agir e pensar, definindo papéis sociais, generalizando interpretações que se pretendiam universais.<sup>59</sup>

*O Correio de Bonfim* buscou apontar os perigos do abandono do Sertão sem o auxílio dos governos estaduais e federais. A gente profundamente marcada pelo meio, se tornaria perigosa sem o “apadrinhamento” das camadas civilizadas e desenvolvidas da sociedade, estas que naturalmente estariam imbuídas de um espírito salvacionista. O medo de que surgisse outro como Lampião ou Conselheiro foi na verdade o que motivou tantas e tão repetidas reportagens sobre “[...] uma série innenarrável de martyrios” cometidas por Lampião e seu bando.

---

<sup>57</sup> VASCONCELOS, Claudia Pereira. *Entre representações e estereótipos: O sertão na construção da brasilidade*. In: FREIRE, Alberto. (Org.). *Cultura dos Sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 217.

<sup>58</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1982.

<sup>59</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosario da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa”. In: *Projeto História*. São Paulo, nº 35. p. 1-411, dez. 2007, p. 258.

Os bandos de cangaceiros que percorriam o Nordeste podiam fragilizar ou fortalecer o poder dos coronéis. Em algumas situações eles se associaram aos coronéis, o que representava proteção para ambos, no entanto esses acordos não eram regra e a presença do cangaço podia ameaçar o poder dos grandes proprietários e políticos locais.

Nessa fazenda Lampião requintou os seus processos de barbaridade! são factos que nos recusamos a narrar, tal sua monstruosidade impressionante. [...] Continua a chegar as noticias dos horrores praticados pelos monstros humanos do bando de Lampião. Casas queimadas, saques, depredações, espancamentos, pobres mocinhas, mulheres arrastadas a desonra, uma série innenarrável de martyrios tremendos [sic].<sup>60</sup>

As ações dos cangaceiros eram descritas com detalhes, buscando demonstrar para a população como Lampião e seu grupo eram cruéis e perversos, tirando a vida de inocentes, invadindo propriedades, roubando e violentando donzelas. Não faz parte dos objetivos do trabalho discutir se Lampião e seu bando eram mocinhos ou vilões, mas sim perceber a fala como instituidora de um real. Esse lugar é o lugar de quem escreve, um lugar que dá legitimidade. Além do mais, é importante perceber que havia por parte da imprensa a tendência a alterar a frequência de determinadas reportagens, conforme as necessidades políticas.

A seca aparece associada ao banditismo como “os males do sertão”, resultado da combinação entre o meio e raça. Em muitos momentos seca e sertão foram tomadas como sinônimos. Ainda que sertão possa indicar uma infinidade de sentidos, alguns elementos foram ressaltados. Dentre eles, talvez a seca tenha sido o que ganhou maior ênfase, havendo quase uma sobreposição de sentidos. Penetrar nos sertões seria adentrar a região das secas, “Sensação que forçava a alteração nos padrões de civilidade”<sup>61</sup>. Os discursos recorrentes na época por grandes escritores como Euclides da Cunha e também apresentados nas reportagens como as do *Jornal Correio de Bonfim*, apresentam os sertanejos como seres completamente diferentes dos homens desenvolvidos e civilizados do Sul. O sertanejo seria resultado da mestiçagem, que teria como produto uma sub-raça indolente e incapaz de se organizar socialmente.

No clássico *Vidas Secas* Graciliano Ramos construiu através do herói da trama, Fabiano, a figura do que seria o homem do sertão. Um homem “bruto”, embrutecido pelo

<sup>60</sup> *Correio de Bonfim*, 12 de Abril de 1931, ed. 28, p. 06.

<sup>61</sup> FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre F; FARIAS, Hélio Takashi M. “Adentrando Sertões: considerações sobre a delimitação do território das secas”. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona, v. 10, n. 218 (64), 01 ago, 2006. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-62.htm>>. Acesso em: 10 fev 2013.

ambiente em que vive e a aridez do clima que tornaria também, os homens “secos”. Os personagens são apresentados animalizados, se comportam de maneira áspera e rude, resultado da luta constante pela sobrevivência. Fabiano nos momentos em que deveria reivindicar seus direitos, “gagueja” e não consegue se expressar com clareza, “Era um bruto sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se”.<sup>62</sup>

Nesse processo de “desumanização” do homem do sertão, em que consiste a denúncia da obra, homens que são reféns da exploração de grandes proprietários e sofrem com o coronelismo, completamente desassistidos pelo governo, sem acesso à educação, saúde ou qualquer tipo de assistência. Por estar submetido a um sistema que roubava o seu direito de falar, Fabiano não consegue “gritar” contra a situação de extrema miséria em que vive, ele e sua família, vivendo subjugados em um estado de extrema violência e degradação, se sentia de fato, um animal: “[...] você é um bicho Fabiano”.<sup>63</sup>

O homem que aparece incapaz de protestar e lutar por seus direitos, na verdade, se vê preso em uma situação de fragilidade social que não lhe apresenta alternativa, “Se pudesse mudar-se, gritaria [...] que o roubavam. [...] sentia um ódio imenso [...] que era ao mesmo tempo a campina seca, o patrão, os soldados e os agentes da prefeitura”<sup>64</sup>. Assim, naturalizando as questões sociais, este homem do sertão é apresentado enquanto “retardatários” da civilização, resultado do clima e da miscigenação das raças. A crítica de Graciliano Ramos reaparece ainda no fato de que ele deu prenomes apenas a Fabiano e a Sinha Vitória, não o fazendo com os filhos<sup>65</sup>, demonstrando que seriam pessoas que viviam à margem da sociedade civilizada.

## 1.2 RELIGIOSIDADE SERTANEJA: AMANHECER ESPERANÇA, ADORMECER PACIÊNCIA

Primavera.

Entrou a primavera. Fogem no céu, para o norte, os últimos nevoeiros flácidos de um inverno sem chuvas. Começam a desabrochar, como rosas, lindas manhãs coradas; e a luz vespéral tem a suavidade macia das piedosas orações consoladoras. Mas nunca o sertão viu despontar Primavera mais triste! Os campos ressequidos têm, apenas a amenizar-lhes o aspecto acabrunhador, a floração heróica dos umbuzeiros, e, ao luar dessas noites quentes, de longe em longe, os flocos de neve

<sup>62</sup> RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Record, 1986, p. 36.

<sup>63</sup> *Ibidem*, p. 18.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 95-96.

<sup>65</sup> O uso de “Sinha” ao invés de “Sinhá” se justifica por que em Alagoas a palavra *sinhá* é usada para mulheres de classe dominante e *sinhá* para as pobres, casadas e dignas de respeito. Ver: REBELLO, Ilma da Silva. “As classes populares e as duras cavalgadas da vida: uma leitura de *Vidas Secas* de Graciliano Ramos. In: *SOLETRAS*, ano V, n 10, São Gonçalo: UERJ, jul/dez. 2005.

da flor de “barriguda” a caírem branqueando em torno a arvore singular. Andam pelo espaço gemidos aguniados das victimas desse monstro sanguinário que a fatalidade atirou sobre as terras infelizes, e as preces dos que ficaram a implorar a misericórdia de Deus. É uma primavera triste esta! Nem as alegrias da natureza, que desperta para a vida, podem ser saudadas pelas almas amarguradas dos sertanejos...por toda a parte, o lucto chora a desolação geme na paisagem quieta, onde o olhar apagado das lagoas mortas parece querer também implorar do infinito o milagre da paz que se foi...<sup>66</sup>

Esperar parece ser a sina do sertanejo, que ansiosamente aguarda os sinais de chuva. Em dezembro, cheio de esperança, espera pela barra de natal; dezembro passou e sua expectativa foi frustrada. Acreditou mais uma vez, tentou prevê a chegada da chuva através das pedras de sal e estas também não lhe deram boas notícias, mas acredita que em março, mês de São José, trará o anúncio de um ano bom. No entanto, de forma bastante pesarosa e melancólica o Jornal *Correio de Bonfim* anuncia o advento da primavera do ano de 1931, primavera que não apresentou os sinais que indicariam a chegada da tão esperada chuva, sinais observados com tanto empenho pelos sertanejos da região e assim a esperança foi morrendo junto com a plantação.

A primavera passou e com ela não se foi o sol causticante. Com o verão, ele se apresentou mais forte e impiedoso. Até a natureza parece fazer coro e se juntar aos sertanejos nas suas orações. Nessas primeiras notícias sobre a seca, os sertanejos atingidos diretamente por seus efeitos eram vistos pelos jornais como agentes passivos, que apenas se deixavam sofrer os desmandos de uma natureza cruel, de um meio inóspito a pedir misericórdia a Deus, para que este pudesse amenizar-lhes o sofrimento. “Andam pelo espaço gemidos aguniados das victimas desse monstro sanguinário que a fatalidade atirou sobre as terras infelizes, e as preces dos que ficaram a implorar a misericórdia de Deus [sic]”. A ideia de seca enquanto castigo divino era uma ideia recorrente. “A seca não é outra coisa que a *justiça divina* decretada”<sup>67</sup>. O homem deveria, portanto, suportar resignado por saber que é pecador.

A seca foi significada no imaginário sertanejo como vontade de Deus, não gratuita, mas motivada pela condição de pecador e pela natureza e gravidade dos pecados. Autodenominando-se pecadores, os sujeitos admitem de forma incontestante merecer algum tipo de castigo.<sup>68</sup>

O jornal *O Correio de Bonfim* partilha da concepção de Euclides da Cunha, que baseado nos princípios de civilização e cientificismo de sua época, calcados em

<sup>66</sup> *Correio do Bonfim*, 1 de outubro de 1931, ed. 01, p. 01.

<sup>67</sup> GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da Seca*. Recife: Massangana, 1998. p. 65.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 111.

determinismos climáticos e biológicos, ajudou a criar uma memória sobre o homem do sertão, em que este “[...] estaria envolto numa atmosfera de resignação aos ditames de Deus no seu sofrível cotidiano, espaço inóspito, em que o sol também surge como personagem”.<sup>69</sup>

O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre perdidias, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de má luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos a altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzeiros alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos claudicantes, carregando aos ombros as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. Ecoam largos dias, monótonas, pelos ermos, por onde passam as lentas procissões propiciatórias, as ladainhas tristes. Rebrilham longas noites nas chapadas, pervagantes, as velas dos penitentes... Mas os céus persistem sinistramente claros; o sol fulmina a terra; progride o espasmo assombrador da seca. O matuto considera a prole apavorada; contempla entristecido os bois sucumbidos, que se agrupam sobre as fundagens das ipueiras, ou, ao longe, em grupos erradios e lentos, pescoços dobrados, acaroados com o chão, em mugidos prantivos “farejando a água”; - e sem que lhe amorteça a crença, sem duvidar da Providência que o esmaga.<sup>70</sup>

Essa imagem do sertanejo difundida por Euclides da Cunha estava profundamente marcada por essa busca da identidade nacional, que foi fundada sob a dicotomia litoral/sertão, moderno/arcaico e civilização/ barbárie. É uma visão que parte de uma “estranheza piedosa”. “Todas as crenças ingênuas, do fetichismo bárbaro às aberrações católicas, todas as tendências impulsivas das raças inferiores [...] na vida sertaneja, se condensam no seu misticismo feroz e extravagante”<sup>71</sup>. O sertanejo enquanto fanático e alienado, segundo a visão de uma sociedade que se pretendia culta e que buscava o progresso e a civilização.

Já houve quem tivesse a idéia feliz de dizer que o sertanejo é um homem de pouca sorte. De facto. Mas elle, em compensação, não sabemos se pela bravura da raça ou verdadeira ignorância dos seus direitos, calmo, sorridente, analphabeto, opilado, famintos de unhas grandes, cabellos crescidos, mãos callosas e pés descalços, assiste impassível e esperançoso o desenrolar de sua pouca sorte [sic].<sup>72</sup>

A construção dessas imagens, na qual se busca enfatizar o horror do flagelo, da fome e da miséria, foi um argumento amplamente utilizado e tem se mostrado eficiente ao longo dos anos, com o propósito de angariar recursos, trazer investimentos para as cidades da região. Podemos perceber na reportagem do jornal *O correio do Sertão* de que maneira a imagem do sertanejo foi divulgada e assimilada.

<sup>69</sup> SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. “*Homo Religiosus* na formação do semi-arido cearense”. In: *Revista Homem, Espaço e Tempo*, set-out. 2009, p. 125.

<sup>70</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo-SP: Martin Claret, 2003, p. 133.

<sup>71</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo-SP: Martin Claret, 2003.

<sup>72</sup> *Correio do sertão*, 24 de janeiro de 1932, p. 01.

O homem do sertão foi visto como um homem apático, sem interesse e capacidade política de reivindicar seus direitos, no entanto, conforme as consequências da seca foram se agravando, a maneira como esses atores sociais apareciam nas notícias, também se transformaram, a depender da perspectiva que se queria ressaltar, e estes por sua vez passavam de vítimas da natureza a perturbadores da ordem. Despertando a princípio, a caridade e misericórdia, mas também a ira e a repulsa dos moradores da cidade.

### 1.2.1 “A natureza tem por esporte anunciar, generosamente, as suas intenções”

Em regiões em que o fenômeno da seca se apresenta com frequência, a religiosidade é profundamente marcada pelo binômio seca ligada a sofrimento e chuva associada à bonança. Não é apenas uma religião em si, é muito mais um modo de vida, um conjunto de valores morais que fundam e sustentam as experiências diárias, portanto, a religiosidade sertaneja deve ser entendida enquanto manifestações culturais.<sup>73</sup> “Assim os lavradores sincronizaram a cronologia da falta de chuvas com longas demonstrações de fé: as romarias, as rezas e Natal, Ano e Reis”<sup>74</sup>.

A religiosidade sertaneja se apresenta permeada por elementos materiais e culturais do cotidiano e estes permitiam a construção de medidas e previsões do tempo ou a época propícia para plantar e trabalhar. O Jornal *Correio do Sertão*, buscando tranquilizar a população, escreveu:

Um comunicado da Directoria de Meteorologia do Rio de Janeiro anuncia que o corrente anno de 1932 será de copiosas chuvas, enchentes e muita abundancia em todo paiz, especialmente para os lados do Norte onde se encontra situado o grande estado da Bahia [sic].<sup>75</sup>

*O Correio de Bonfim* anuncia ainda que,

O ano de 1932 será de chuvas copiosas, havendo grandes enchentes no Nordeste, que irá atravessar um período de abundância em contraste com a secca atual. Como se vê não é a palavra de uma phytoniza nem o sonho complexo de um visionário é a voz da sciencia que reflecte longas e pacientes observações dos sábios que nos vem dar essa nova alviçareira. Alegremo-nos! [sic].<sup>76</sup>

<sup>73</sup> CAMPOS, Roberta B. Carneiro. “Sofrimento, misericórdia e caridade em Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade”. *Ci & Tróp.* Recife, v. 30 n. 2, p. 253-266. Jul-dez. 2002.

<sup>74</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. *Fatura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 93.

<sup>75</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 31 de janeiro de 1932, n. 728. p. 01.

<sup>76</sup> *Correio de Bonfim*, 03 de maio de 1931. ed. 31, p. 01.

A previsão feita pela Diretoria de Meteorologia do Rio de Janeiro estava equivocada, mesmo estando baseada nos métodos e na precisão científica. Entretanto, os sertanejos elaboravam, através da relação com a natureza, suas próprias formas de conhecimento e saberes acerca da seca, buscando perceber sinais de “anos ruins”.

A seca, de fato, já há muito tempo se havia tornado um objeto de conhecimento para o vaqueiro errante, para o camponês tradicional e para todos que transitavam pelas áridas estradas do sertão. Décadas de experiência haviam elaborado um saber que se transformava em resignação diante de seu próprio objeto.<sup>77</sup>

Esses conhecimentos, na maioria das vezes, baseavam-se na observação de plantas, como por exemplo, o fato de que se o umbuzeiro flora cedo não é bom sinal. Pode basear-se ainda em fenômenos atmosféricos, ou seja, se o trovão é do sul, o ano costuma ser de seca. Mas a última experiência do sertanejo refere-se ao dia de São José, 19 de março, caso não chova, o sertanejo vê-se frustradas todas as esperanças de “ano bom”. Segundo Gonçalves,

A presença da seca é um fenômeno secular e o seu reconhecimento é algo que ocorre no dia a dia: das chuvas que não aparecem nos meses correspondentes a estação chuvosa, de um vento desfavorável a aglomeração de nuvens, do comportamento diferente dos animais da caatinga.<sup>78</sup>

O fenômeno da seca e suas consequências marcam a vida dos sertanejos para além do momento em que esta se faz presente. Isso se evidencia na tentativa, por parte dessa população, de prever as possibilidades de ocorrência da seca, através da observação da natureza. “Embora as secas não necessitem de previsão, pois são quase certas e o temor de que ocorram, sem que esteja preparado para tanto, leva o sertanejo a observar seus prenúncios com a mesma ansiedade com que observa os prenúncios de chuva”.<sup>79</sup>

Estando, pois, as previsões da Diretoria de Meteorologia do Rio de Janeiro incorretas, a Bahia e o Brasil viram repetir o mesmo quadro de destruição causado pelas secas, fenômeno tão conhecido dos sertanejos. “E, na verdade, para os sertanejos tais experiências valem mais

<sup>77</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 106.

<sup>78</sup> GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX (Sociedade e Política)*. 2000. 169f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000, p. 76.

<sup>79</sup> OLIVEIRA, Maria Vanilda Moraes. “Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia”. *In: Sittientibus: série Ciências Biológicas*. v. 06, 2006, p. 122.

que toda a ciência experimental dos doutores, porque são tradições orais que vêm de outras eras, legadas por seus maiores, homens bem”.<sup>80</sup>

O saber dos sertanejos, desenvolvido ao longo do tempo, através do contato direto com a natureza é a maneira usada por eles para tentar antever se no próximo ano haveria bom inverno ou não. E essas experiências são passadas pela oralidade e experimentação. “O tabaréu, entretanto, compreende o que dizem as coisas sem palavras. Não sofre dislexia ante a escrita que aprendeu a ler no ar”.<sup>81</sup>

O sertanejo geralmente acorda cedo, e observando o nascer do sol já pode tirar algumas conclusões acerca do inverno vindouro e se o sol nascer circundado por um arco-íris é sinal de chuva. O pôr do sol também pode trazer indícios de chuva, se este irradia um tom dourado de luz, pode se apresentar como indicador de chuva ou seca, observando-se o círculo em volta dele.

De outubro a janeiro deve-se monitorar a temperatura e direção dos ventos; o comportamento dos animais e plantas da caatinga pode contribuir para que percebesse se as chuvas estavam próximas; entre os insetos, as formigas são as mais representativas quando se trata de prever a chegada das chuvas, se for observado que estas mudaram o lugar do formigueiro para outro mais alto, é sinal de trovoadas. Entre as plantas, talvez o mandacaru seja o mais conhecido, quando suas flores se abrem é indicativo de fartura. No entanto, os dias de sol não precisam de previsão, eles são certos.<sup>82</sup>

Vitanor nos conta sobre as experiências que ajudavam a prever a chegada das chuvas, que ele aprendeu com os mais velhos, ao longo do tempo.

**Ha minha fia, naquele tempo as coisas era boa, era bom.** Ói, hoje prepara varias vez pra dar uma chuva, naquele tempo o verão tava assim tinindo, com pouca, começava a ventar do Norte, lá vai, com pouca aparecia uma torrezinha e um relampinho. (...) O povo ficava todo alegre, e lá vai, lá vai é tirar lama de tanque, tirar resto de laminha na lata, que tava mole ainda. Amanha você já via o torreado, o relâmpago já clareando, e hoje não, acabou todos os sinais. De primeiro, se o mandacaru fulorou no seco, já tinha a musica de Luiz Gonzaga, era tiro e queda, pois bom, hoje nada vale, se você visse um sapo bezerro cantar na beira da fonte, podia botar a vazia na goteira, hoje ele canta coitado que só falta morrer [...]. Os sinais de primeiro valia, mas hoje não vale não. Bem que o povo dizia que quando o povo quisesse saber mais que Deus, Ele mudaria os tempo, e mudou mesmo [sic].<sup>83</sup>

<sup>80</sup>MAGALHÃES, J. “Previsões folclóricas das sêcas e dos invernos no Nordeste brasileiro”. **In:** *Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará*, 1963, p. 254.

<sup>81</sup> BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006, p. 203.

<sup>82</sup> OLIVEIRA, Maria Vanilda Moraes. “Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia”. **In:** *Sitientibus: série Ciências Biológicas*. v. 06, 2006, p. 123.

<sup>83</sup> Vitanor Moreira dos Santos, entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.



O homem do sertão é como um autodidata, que conhece a natureza através do empirismo. Para Benjamin “A experiência passada de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”<sup>84</sup>. Os narradores têm como matéria prima a própria vida e retira da sua própria experiência ou da relatada pelos outros, o que conta e incorpora às experiências de seus ouvintes<sup>85</sup>. Essa arte de narrar, no entanto, está em vias de extinção em uma sociedade cada vez mais voltada para a técnica instrumental e utilitária. As histórias e ensinamentos que eram narradas, como forma de experiência permitia voltar sobre aquilo que foi vivido, compreendendo as marcas que formaram o nosso modo de pensar, agir e sentir. “Ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”.<sup>86</sup>

As experiências vividas cotidianamente pelos agricultores permitem saber o melhor período para cada atividade, como por exemplo, o momento de limpar os reservatórios para que pudessem armazenar a água das chuvas, o tempo de plantar e colher. O agricultor argumenta que no passado os sinais eram infalíveis, hoje, no entanto, eles não funcionam mais, e segundo ele o motivo seria a mudança dos tempos por Deus, uma vez que o homem estaria se tornando presunçoso, reforçando mais uma vez que o ser humano deveria ser submisso a Deus para que este pudesse se compadecer de seu sofrimento na terra e pudesse auxiliá-los.

Não podemos deixar de perceber certo saudosismo nas lembranças das pessoas, saudades de uma época em que podiam se basear e projetar suas atividades nos sinais da natureza, um mundo em que eles se reconheciam e se identificavam. Para Ricoeur esquecimento está ligado à ideia de apagamento de rastros. Dito de outra forma, seria o esquecimento causado pela ausência de materialidade, dos rastros desse mundo rural. Ainda segundo Ricoeur, as lembranças são ativadas por gestos habituais, esses sinais visíveis e com significado principalmente para a população da zona rural.<sup>87</sup>

Essa população rural passou a residir nas cidades, e com as transformações que se operou, com o advento da energia elétrica e a rapidez dos novos transportes, ofuscou uma

---

<sup>84</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 205.

<sup>85</sup> *Ibidem*.

<sup>86</sup> *Ibidem*.

<sup>87</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alan François. Campinas: EDUNICAMP, 2007.

série de saberes a respeito do mundo rural. Dessa maneira, narrativas são silenciadas e personagens esquecidas. Ricoeur analisa que o perigo maior seria a proibição “[...] aos atores sociais de seu poder de narrar a si mesmos”.<sup>88</sup>

Jacobina, durante as primeiras décadas do século XX, era uma cidade com fortes ligações com o mundo rural, sua população predominantemente estava concentrada no campo. Esse predomínio do mundo rural marcou profundamente a formação de Jacobina, uma vez que seus habitantes tinham seus costumes pautados na vida no campo, com suas histórias, religiosidades e sociabilidades. A labuta diária dessas pessoas contava com o auxílio de seus saberes, produzidos nos experimentos cotidianos, na lida com a natureza.

Costumes e saberes entraram em conflito e disputavam espaço e legitimidade com os saberes citadinos. O que para muitos passou a ser carrancismo<sup>89</sup> pode ser entendido e ressignificado como resistência baseada na tradição e a não aceitação das transformações sofridas pela sociedade na contemporaneidade. “Ah minha fia, naquele tempo as coisas era boa, era bom”<sup>90</sup>. Esse saudosismo observado na fala dos narradores pode estar relacionado à ambiguidade que a “civilização” traz e os benefícios materiais que esta proporciona teria um lado nocivo, a destruição da tradição. Por isso, o elogio ao passado, no sentido de ser um tempo onde os valores eram preservados.

Benjamin analisa as transformações que o mundo sofreu durante a época moderna, especialmente após a Segunda Guerra, com os processos de urbanização, mercantilização e o avanço da tecnologia, que como consequência, torna-se cada vez mais rara a experiência de contar e ouvir histórias. Era o declínio da narrativa, que funcionava como meio de transmissão de lições de vida e formação moral. Houve uma desqualificação desses saberes e essas pessoas perderam a legitimidade enquanto testemunhas, que viram esses sinais se realizarem ao longo do tempo.

Esse “código da sabedoria popular” perdeu a importância por ser considerado “coisa dos mais velhos”, diante muitas vezes de conflitos de gerações, na qual outras instituições passaram a ser responsáveis pelas previsões, partindo de seus lugares legitimados socialmente. Como analisa Benjamin, numa sociedade em que as pessoas não se interessam mais pelo que não pode ser abreviado, a narrativa torna-se antiquada. “Mas, se ‘dar

---

<sup>88</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alan François. Campinas: EDUNICAMP, 2007, p. 455.

<sup>89</sup> Carrancismo pode ser compreendido como a característica da pessoa ligada ao passado, que não se dobra ante opiniões contrárias, inflexível, sisudo. Ver: MARTINS, Flávio Dantas. *Agrocaatinga: formação da propriedade fundiária, organização social e estrutura econômica em Morro do Chapéu e Xique-Xique (1840-1920)*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012, p. 34.

<sup>90</sup> Vitanor Moreira dos Santos entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.

conselhos’ parece hoje algo de antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis”<sup>91</sup>. Benjamin denuncia que, não há mais espaço nessas sociedades para as tradições transmitidas de pai para filho, o tempo agora é o da informação e da efemeridade das coisas.

A transmissão da experiência conferia autoridade aos mais velhos, os segredos e saberes acerca da natureza eram passados de geração para geração, assim os mais jovens aprendiam a reconhecer os sinais dados pela natureza. Os sertanejos podiam se basear também nas eras<sup>92</sup>. A satisfação das necessidades básicas, cultivo da lavoura e o não aparecimento da temida seca eram entendidos como eras boas. Ao longo do tempo, os sertanejos foram observando a ocorrência de secas que coincidiam com determinados anos, chegando, portanto, a conclusão que havia eras boas e ruins. Lindolfo aponta que a era não traz boas lembranças, tendo ficado marcada na memória da população com marcas profundas de sofrimento e miséria.

Um dia eu perguntei ao finado Alvino, ele já tava perto de morrer eu perguntei ao finado Alvino o senhor já viu alguma era de dois boa? E ele disse: só se eu ver antes de morrer. Morreu e não viu, por que teve uma boa em oitenta, mas ele não viu por que ele tinha morrido em oitenta e seis e ele já tinha morrido, ele não viu. Agora toda era de dois era ruim, em cinqüenta e dois mesmo eu comi o diabo (risos) em cinqüenta e dois acabou tudo, tudo, tudo [sic].<sup>93</sup>

Para essa população, em geral, as eras boas compreendem os anos com terminações 4 e 5, e essas conclusões baseiam-se na repetição continuada de fases boas. Os anos que terminam em 2 e 3 são anos que não apresentam esperança de bom inverno. Já os anos com as terminações 6, 7, 8 e 9 são anos neutros, transitórios.<sup>94</sup>

### 1.2.2 O inferno é uma seca eterna

A interferência do divino na região estava muito além do espaço da igreja ou de seus sacramentos, estava relacionado também à vida mundana e cotidiana. “A formação cristã da gente sertaneja deve-se basicamente às missões itinerantes”<sup>95</sup>. DeJulina aponta em sua fala essa distância em relação ao espaço físico da igreja e dos seus ritos. “[...] ninguém ia em

<sup>91</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 200.

<sup>92</sup> Segundo os informantes o termo “era” é entendido como referencia ao tempo, tomando o último algarismo como definidor da era, por exemplo, o ano de 1932 é definido como era de 2.

<sup>93</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida a autora em 27 de novembro de 2011.

<sup>94</sup> GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da Seca*. Recife: Massangana, 1998, p. 143.

<sup>95</sup> SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 33.

missa, como era que ia? Missa era de ano em ano, num era todo domingo”<sup>96</sup>. A igreja catequizava, mas não se fazia presente. Na ausência dos párocos, a população acabou por fazer adaptações, configurando o catolicismo às necessidades cotidianas, que iam muito além dos dogmas estabelecidos pela igreja.

O homem oriundo de uma cultura rural sente o sagrado como uma dimensão poderosa que lhes é totalmente estranha, e sente-se profundamente dependente das condições naturais.

A própria ideia sobre Deus passava a ser ressignificada pelo homem do sertão estabelecendo relações entre as intempéries climáticas, a fome, a morte, a um Deus castigador, lembrança do Jeová calamitoso dos Hebreus. Essa divindade seria uma potência da terra seca. Se os sertanejos responsabilizavam Deus pelas leis ferozes, maldições e castigos eternos, recorriam a Jesus como providência mediadora, encarregado de amansar a dureza das leis naturais e de distribuir o bem e a felicidade.<sup>97</sup>

A ameaça da seca e suas terríveis consequências era uma constante na vida dos sertanejos e a possibilidade de que o inverno não fosse bom, causava insegurança e medo, fazendo com que essas pessoas se sentissem pequenas e impotentes diante da força da natureza. A seca era entendida como um castigo pelos pecados cometidos pela população e as dificuldades impostas deveriam ser percebidas enquanto punição, dessa maneira a religiosidade sertaneja era calcada em uma “perspectiva penitencial”. “A seca enquanto decorrência de metafísicos, constituindo-se em expressão de um ‘castigo divino’ destinado a purgar os pecados cometidos ou sendo fruto de um ‘esquecimento’ do Senhor em relação às necessidades dos grupos vitimados”.<sup>98</sup>

Quem envolto nas ardências constantes do Nordeste, não se enche de pavor na antevisão dessa seca eterna? Suas carências e dores mais cruéis, que o cotidiano oferece como castigo e expiação, prolongadas para sempre? Há como que uma experiência ecológica e existencial do inferno que reforça o sentimento de culpa e o rigor penitencial.<sup>99</sup>

Para os sertanejos o inferno seria uma seca eterna. A seca enquanto castigo deveria servir para purgar os pecados aqui na terra, para que pudessem gozar da felicidade eterna, sem as privações que as secas impõem “[...] mortificando a vida, pra viver na morte”. Seria representado por polos opostos, inferno representando a seca, o que a população dessa região

<sup>96</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida a autora em 29 de novembro de 2011.

<sup>97</sup> SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. “Homo Religiosus na formação do semi-árido cearense”. In: *Revista Homem, Espaço e Tempo*, set/out de 2009.

<sup>98</sup> ARAUJO, Maria Lia Corrêa de. “Seca: fenômeno de muitas faces”. *Cad. Est. Soc. Recife*. v. 16, n. 1, jan- jun. 2000, p. 11.

<sup>99</sup> SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982, p 48.

conhecia de mais triste e penoso, e o céu imaginado seria o bom inverno, com fartura e abundância.

“Um grande desanimo se reflecte nas coisas e nas creaturas, [...] na galharia ressequida das árvores e no mugir tristissimo do gado em torno das cacimbas sem água. Que maldição terrível teria descido na região [...] para tanto sofrimento e tanta dor ?”<sup>100</sup>. O jornal *Correio de Bonfim* aborda a questão da seca enquanto castigo divino, e busca entender qual teria sido o pecado cometido pela população da região para que merecesse tamanha punição. Ao analisar dessa maneira, um fenômeno que nesse período, meados do ano de 31, ainda não causavam grandes prejuízos a outras camadas da população que não fosse aquelas diretamente ligadas à lavoura, isentava o poder público de qualquer responsabilidade, sendo castigo dos céus, nada se podia fazer.

Transformar o fenômeno da seca em um problema apenas hídrico e natural era negar que a situação de penúria em que vivia essa população dizia muito mais respeito a uma estrutura social, política e econômica excludente e concentradora. Portanto, desviava-se o foco dos problemas sociais, que eram apenas agravados pela seca, para transformá-los em algo natural e intransponível. A situação de pobreza estava presente antes da seca, e não se acabava com o fim dela, pois a população enfrentava dificuldades cotidianas de baixo de chuva ou de sol.

Carlos Alberto Steil, ao trabalhar com a experiência da romaria em Bom Jesus da Lapa, aponta o fato de que a partir dos séculos XVI e XVII houve um novo impulso em relação ao culto aos santos, pois estes passaram a ser incorporados ao sistema e práticas do catolicismo universal, permitindo que se tornassem uma maneira de estender a presença da igreja, libertando as devoções dos espaços restritos do templo<sup>101</sup>. A religiosidade no sertão perpassa todos os estágios da vida, como por exemplo, as festas profundamente ligadas aos aspectos religiosos, assim como o trabalho.

Nos folguedos populares quase tudo persistia a invocação de santos e o temor ao castigo dos céus. Nos mês de Junho, considerado o mês dos santos, os sertanejos reúnem versos e orações demonstrando o temor a Deus e o respeito aos santos e os céus [...]. Estabelecendo uma relação com o divino em todas as suas ações, transformando sua vida, num grande ato litúrgico.<sup>102</sup>

<sup>100</sup> *Correio de Bonfim*, 28 de junho de 31, ed. 39, p. 1.

<sup>101</sup> STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Ba. Petrópolis*, Vozes, 1996.

<sup>102</sup> SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. “Homo Religiosus na formação do semi-árido cearense”. In: *Revista Homem, Espaço e Tempo*, set-out. 2009, p. 138.

Os santos deveriam interceder a favor dos sertanejos junto a Deus. Em março, São José; e no mês de junho, São Pedro e São João, tinham por tarefa auxiliar os sertanejos para que tivessem um ano de fartura. Faziam-se orações, procissões e promessas, pessoais ou coletivas para afastar a possibilidade de seca. As secas eram entendidas enquanto um desequilíbrio entre as ações dos homens que estavam em falta com os santos e os céus. As rezas, romarias, novenas e festejos eram compreendidos como uma maneira de reestabelecer esse equilíbrio e dessa maneira os santos faziam a ressacralização desses espaços.

Existem, entretanto, algumas lendas em que os santos do catolicismo são figuras capitulares. Assim é que para virem as chuvas, com abundância, costuma-se as vezes, proceder a transferência das imagens de um altar para outro, não só dentro da mesma igreja, vila ou cidade, senão, também, para altares situados a varias léguas de distancia. É costume, outrossim, roubar e ocultar os santos de altares particulares. Estas imagens, destarte, expatriadas, só voltarão a seus próprios lares quando o inverno se manifestar.<sup>103</sup>

O dia de São José, dia 19 de março é a esperança última do sertanejo, se chover nesse dia, o inverno também será de chuva e o milho plantado nesse dia estará maduro para ser colhido no São João.

### **1.2.3 Faz por ti que te ajudarei: a fé dando o ritmo da vida**

As festas religiosas e os festejos para os santos eram diretamente ligados aos períodos de colheitas. A população sertaneja dependia do tempo favorável para que pudessem oferecer os dízimos, pagar as promessas aos santos e participar dos festejos. “[...] o tempo e o modo da festa articulam-se diretamente ao tempo do trabalho”<sup>104</sup>. É uma religiosidade pragmática, em que é possível perceber, por exemplo, a solidariedade em forma de adjuntório, boi roubado, quebras e tiras de licuri. O trabalho possui múltiplas dimensões, reunindo elementos técnicos, festivos, com rituais religiosos e mágicos. A maioria dos festejos sertanejos está intimamente ligada ao trabalho. O meio ambiente se apresenta na constituição dos hábitos, dos costumes e valores.

Nesses momentos, assim como em toda a vida sertaneja, o trabalho está intimamente ligado à religiosidade e à festa. Podemos perceber nas práticas da religiosidade sertaneja que

<sup>103</sup> MAGALHÃES, J. “Previsões folclóricas das secas e dos invernos no Nordeste brasileiro”. In: *Fortaleza*: Imprensa Universitária do Ceará, 1963, p. 255.

<sup>104</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações - Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 63.

não há sacrifícios de animais, uma vez que a situação de penúria vivida por essa população não permitia que estes pudessem oferecer víveres como sacrifícios. Os próprios sertanejos já eram transformados em vítimas, na sua labuta diária pela sobrevivência, dessa maneira as dificuldades diárias impostas a eles influenciavam também as formas da religiosidade local, “[...] seu corpo e o espírito- foram convertidos na simbólica diária da oferenda possível”<sup>105</sup>. Os sacrifícios eram feitos usando o próprio corpo em longas e dolorosas caminhadas, ou romarias para pagar promessas.

A comunidade, indiscutivelmente sensível ao apelo religioso, é cômico também de outras tantas razões, muito humanas. O tempo deveria ser favorável, o que vale dizer lavoura promissora, safra satisfatória, água menos escassa, época não chuvosa. Condicionantes nem sempre reunidas, mas sempre analisadas como pré-requisitos para o êxito.<sup>106</sup>

O catolicismo popular, enquanto uma religiosidade que deriva de uma “matriz erudita” assim como de uma tradição popular, resulta de influência de várias outras religiosidades e acaba por se afastar desse catolicismo oficial. Muito desse “código de sabedoria popular”, festejos e promessas eram considerados pela Igreja enquanto “folclore dos subalternos”<sup>107</sup>.

Não podemos achar que a submissão dos homens e mulheres do sertão diante das leis da natureza e de Deus era simplesmente passividade. A confiança de que Deus vai prover e ajudar nos momentos de dificuldade não significa que estes não estivessem atentos às obrigações dos governantes aqui na terra. Era muito mais a ideia de confiar na justiça e generosidade divina, superior a dos homens, uma vez que sofriam a exploração do homem pelo homem e eram esquecidos pelos governantes.

Há uma grande distância entre aceitar os desastres ecológicos por falta de defesas culturais proporcionadas e submeter-se às injustiças e violências como vontade divina. Aqui também não alvitra o povo uma saída racional para os impasses, mas sua sabedoria destila uma desconfiança crítica em relação ao poder político.<sup>108</sup>

A configuração da religiosidade sertaneja em sua maneira, adaptada às concepções de vida, em muitos momentos se afastando da ortodoxia da igreja, foi considerada práticas de pessoas rústicas, atrasadas, não civilizadas, e ainda entendidas como credices, superstições e

<sup>105</sup> GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da Seca*. Recife: Massangana, 1998, p. 135.

<sup>106</sup> SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 39.

<sup>107</sup> ZALUAR, Alba. *Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983, p. 9.

<sup>108</sup> SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982, p. 61.

erros. Essa ideia, baseada na concepção de sagrado divulgado pelos dogmas da igreja, classifica certos atos e manifestações da religiosidade sertaneja enquanto “profanos”.<sup>109</sup>

Esses saberes populares podem ser entendidos como brechas de autonomia dessa população diante do lugar de subalternidade que lhes confere. Muitas vezes tendo os conflitos sociais expressos em seus símbolos podendo servir de base para movimentos sociais em momentos de crise.<sup>110</sup>

Não podemos esquecer que muitos dos movimentos sociais que mais repercutiram no Nordeste foram movimentos que tinham como base o catolicismo “rústico” ou popular. No entanto, sob o olhar preconceituoso que buscava delimitar o sagrado dentro de determinados limites definidos pela igreja, a religiosidade sertaneja foi vista como credices, assim como os movimentos sociais do sertão foram entendidos como “fanatismo”.

Rui Facó aborda em seu livro *Cangaceiros e Fanáticos* as causas de movimentos sociais como o Cangaço e o surgimento de líderes religiosos que foram entendidos enquanto “fanáticos”, tendo como causas uma base “perfeitamente material”. Busca na origem de personagens como Lampião, Corisco e tantos outros, a miséria, o analfabetismo e a exploração sofrida como as causas para o surgimento destes. Para o autor, esses movimentos foram uma resposta à miséria em que viviam, tendo como expressão a religião ou as armas<sup>111</sup>.

O que se convencionou chamar de fanatismo expressava a rebeldia e a insubmissão da população sertaneja. Adjetivar de modo pejorativo esses movimentos é ignorar que essa população encontrou na religiosidade o elemento impulsionador, o instrumento de luta pela libertação e melhoria de vida.

### 1.3 BARRIGA SECA NUM DÁ SONO: ADAPTAÇÃO DA DIETA ALIMENTAR

José Américo de Almeida<sup>112</sup> descreve, no clássico *A Bagaceira*, o sofrimento e as esperanças do homem sertanejo, como mostra trecho publicado no jornal *O Lيدador*: “Pintava uma nuvem de chuva. Corria tudo besta, escogotado, com a bocca aberta, como se fosse aparar água com a bocca [...]. Era urubu até dizer basta” [sic]<sup>113</sup>. Para as famílias que

<sup>109</sup> ZALUAR, Alba. *Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

<sup>110</sup> *Ibidem*.

<sup>111</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 1980.

<sup>112</sup> Ministro da Viação e Obras Públicas nos dois governos de Getúlio Vargas, destacando-se no cenário brasileiro com a publicação do clássico *A Bagaceira*.

<sup>113</sup> Jornal *O Lيدador*, 14 de abril de 1935, n. 83, p. 01.



dependiam da regularidade das chuvas para manter sua segurança alimentar, o fenômeno da seca fazia parte do cotidiano e as atividades diárias eram organizadas com base na possibilidade de sua ocorrência, a expectativa de que qualquer sinal da natureza fosse sinônimo de esperança e alento para amenizar o sofrimento do sertanejo para que ele pudesse retornar as atividades no campo. A ocorrência ou não das chuvas, orientava as tarefas que deveriam ser desempenhadas em cada um desses momentos, dividindo o ano em “seca” e “verde”.

Gonçalves aborda que a seca atingia de modo diferenciado cada seguimento social, pois ela se apropria de conceitos como “Obrigação-Deferência” para explicar como esses sujeitos se inseriam de forma desigual nas relações sociais, através de assistencialismos partidários e a perpetuação de grupos hegemônicos no poder que intermediavam a distribuição dos recursos. Essas práticas fortificavam os interesses dos líderes políticos, sendo a seca uma forma de arregimentar recursos, por meio da qual o sofrimento dessa população era usado como estratégia para que dirigentes locais pudessem se beneficiar dos recursos destinados para socorrê-los.<sup>114</sup>

Apesar da seca ser um fenômeno que ocorre de modo generalizado por toda a região do sertão nordestino, seus efeitos manifestam-se de forma diferenciada sobre a população. Essa diferenciação se baseia na capacidade de resistência de determinados segmentos sociais frente aos efeitos da estiagem. Para os grandes e médios proprietários, a seca traz prejuízos em relação à produção, como a perda de lavouras ou diminuição dos rebanhos. Entretanto, para a população composta por pequenos proprietários, empregados assalariados ou temporários, a seca se apresenta como o período em que o seu estado de pobreza se agrava e esses caem em estado de mendicância.

Um dos principais aspectos ressaltados quando se discute sobre a seca é a fome. A seca de 1932 desestruturou todo o sistema produtivo rural da região, agravando a situação da grande maioria da população, que já enfrentava dificuldades cotidianamente. Dessa forma, foi necessário por parte dessa população, a readaptação da rotina dessas famílias, que passaram a buscar nos pouquíssimos recursos que a natureza ainda dispunha, meios para se alimentarem, fazendo o uso de raízes e sementes silvestres, a exemplo da mucunã, o bró, entre outros.

Fazem parte desta dieta forçada dos flagelados pela seca inúmeras substâncias bem pouco propícias à alimentação, das quais os habitantes de outras zonas do país nunca

---

<sup>114</sup> GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX (Sociedade e Política)*. 2000. 169f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2000, p. 45.

ouviram falar que fossem alimentos. Substancias de valor estranho, algumas toxicas, outras irritantes, poucas possuindo qualidades outras além da de enganar por mais algumas horas a fome devoradora, enchendo o saco do estomago com um pouco de celulose.<sup>115</sup>

Ao discutir sobre a fome no sertão nordestino, Castro analisa que as epidemias de fome que atingiam a região não se limitavam aos aspectos discretos e toleráveis encontrados em outras áreas do país. Ainda segundo o autor,

São epidemias de fome global, quantitativa e qualitativa, alcançando com incrível violência os limites extremos da desnutrição e da inanição aguda, atingindo indistintamente a todos, ricos e pobres, fazendeiros abastados e trabalhadores do eito, homens mulheres e crianças, todos açoitados de maneira impiedosa pelo terrível flagelo da seca.<sup>116</sup>

Concordamos com Castro que a amplitude dos efeitos da seca é enorme, no entanto ela não atingiu da mesma maneira a todas as camadas da população, ela recaiu de forma mais perversa sobre a população carente. Palestino nos oferece uma descrição da situação em que muitas famílias da região de Jacobina se encontravam diante dos efeitos da seca de 1932: “Quem não comeu o bró sofreu, muitos, muita gente saiu daqui pro sul<sup>117</sup>, que é onde tinha farinha e morreu no caminho. Vi contar muitos que pedia e o povo num dava, morria de fome. Entonce, a gente se valeu com o bró”.<sup>118</sup>

Segundo o Jornal *O Correio do Sertão* “Aqui, Por exemplo, em Morro do Chapéu, a situação tocou o auge: a fome estendeu seus tentáculos por innumerous lares, já tendo se registrado até diversos casos de falecimento pela citada fome [sic]”<sup>119</sup>. Nem sempre as estratégias adotadas pela população, como a adaptação da dieta alimentar, eram suficientes. Estando essa população sem recursos para manter a segurança alimentar, muitos não resistiam e acabavam falecendo.

“O bró de urucurizeiro, tristemente, já esta sendo usado, como alimento pela pobresa necessitada em muitas vila e povoados [sic]”<sup>120</sup>. A farinha de mandioca era a base da alimentação, principalmente da população com menos recursos. Quando em tempo de estiagem e diminuição da oferta, foi necessário por parte da população faminta recorrer ao uso de outras plantas e raízes para a fabricação de farinha. Conforme aborda Martins, “A ausência

<sup>115</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: dilema brasileiro, pão ou aço*. Rio de Janeiro: Antares, 1984, p. 219.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 175.

<sup>117</sup> O Sul que o depoente se refere é o Sul da Bahia.

<sup>118</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

<sup>119</sup> *Jornal Correio do Sertão*, 18 de dezembro de 1932, n. 774. p. 01.

<sup>120</sup> *Jornal Correio do Sertão*, 29 de maio de 1932, n. 745. p. 02.

desse alimento, devido a escassez de chuva seria, portanto, a principal causadora da fome, e em consequência, do sofrimento”.<sup>121</sup>

A importância da farinha de mandioca na alimentação da população da região, também é salientada pelo jornal *Correio do Sertão*, ao dizer que “Os gêneros, especialmente a farinha, que é o pão do pobre, continua cada vez mais subindo de preço”<sup>122</sup>. Havia, inclusive segundo a autora, uma parcela da população, com melhores condições financeiras, que produziam uma espécie de farinha com diversas matérias primas, a exemplo do palmito. Segundo Martins, “É provável que essa farinha de palmito já fosse feita com a finalidade de ser doada aos flagelados [...]”.<sup>123</sup>

Percebe-se que a maioria dos grupos de “flagelados” eram compostos por não proprietários, reunindo-se assim vários tipos de trabalhadores rurais, como meeiros e trabalhadores assalariados temporários, sobre os quais recaíam os efeitos mais devastadores da seca. Nesse caso, a fome era a principal consequência da estiagem, pois em anos normais essa camada populacional apenas conseguia o básico para a subsistência das famílias e não armazenavam alimentos ou recursos para enfrentar os “anos difíceis”, a seca agravava o estado de miséria que estavam submetidos esses sertanejos e é essa situação de pobreza que dá o tom de horror da seca.

Em regiões como a de Jacobina, no período de 1932, a base da pirâmide social era composta por pessoas ligadas a atividades agrícolas bastante vulneráveis aos efeitos do clima e essa camada sofria os impactos mais severos provocados pela estiagem, por estarem expostos à vulnerabilidade das lavouras que dependiam totalmente das chuvas.

A perda da safra colocou essa parcela da população em situação de indigência, porque em sua maioria eram pequenos proprietários ou trabalhavam em terras alheias. Mas o trabalhador, homem do sertão, tem orgulho das mãos calosas, portanto a seca seria o elemento empobrecedor do homem do campo. Além de se depararem com a falta de água, eles não tinham recursos para comprar os gêneros de primeira necessidade, provocando, simultaneamente, a redução na oferta de alimentos, a consequente alta dos preços e o

---

<sup>121</sup> MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalves/Xique-Xique)*. 2010.132f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em história Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2010, p. 424.

<sup>122</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 12 de junho de 1932, n. 747. p. 01.

<sup>123</sup> MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalves/Xique-Xique)*. 2010.132f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em história Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2010, p. 427.

desemprego, numa região onde era grande a instabilidade ocupacional dos trabalhos assalariados temporários.

Ao analisar a seca de 1932, na região de Canabrava do Gonçalo, Martins aponta que os sertanejos nos tempos de escassez necessitavam de reorganização das atividades diárias para obtenção de alimentos que permitissem a sobrevivência, principalmente para as famílias com maiores dificuldades econômicas. Ainda segundo a autora, as famílias “[...] tiveram que recorrer a raízes e frutos silvestres, não aproveitados na ausência da seca, inclusive pelas características nocivas à saúde apresentadas por alguns destes alimentos”<sup>124</sup>. A mucunã, por exemplo, leguminosa que apresentava propriedades nocivas a saúde, portanto só era utilizada quando todos os meios para conseguir alimentação falharam. Lindolfo assim nos fala das agruras sofridas no período pela camada mais pobre,

Trinta e dois foi de acabar tudo, acabou, um pingo de feijão não tinha, farinha não tinha e quem não quisesse morrer comia bró, quem podia tirar o bró, comia bró (pausa) é assim. E farinha um caroço não tinha em terra nenhuma, lugar nenhum, no sul tinha, no sul tinha farinha, mas quando uma pessoa pegava um animal que ia buscar no caminho morria, botava lá um saco de farinha no caminho viajava, não chegava aqui não [sic].<sup>125</sup>

As dificuldades eram muitas para a obtenção de alimentos, principalmente a farinha que era a base da alimentação na região e boa parte das receitas locais incluem a farinha como principal ingrediente. Com a estiagem não se produzia a mandioca, sendo necessário buscá-la em outras regiões, principalmente no Sul da Bahia. Sem sistema de transporte, menos ainda estradas naquela época, o transporte era feito através de animais, ou a pé, em longas caminhadas. Nesse sentido salienta Lindolfo, pois “[...] quando uma pessoa pegava um animal que ia buscar no caminho morria, botava lá um saco de farinha no caminho viajava, não chegava aqui não”. Eram dias de viagem e muitos não resistiam.

Compadre Manué tomou o mundo, quando foi um dia, um dia de sábado, um dia de sábado que era a feira de São José, quando tava tudo assim, óiano pro mundo assim sem ter um litro de farinha nem um litro de feijão, (...) e aí o povo disse mas o que é que se vai fazer, o povo ficou tudo doido, o que é que se vai fazer? O que é que se vai fazer? quando foi na base de duas horas, naquele tempo o povo carregava as coisas e botava a cia<sup>126</sup> nos burros viu, com pouca hora Mané Varge D`agua entrou carregado de feijão, carregado de feijão, montou, meteu oito burro arriado, bom derrubou aquelas caixa, derrubou aquelas caixa juntou mais gente, ninguém sabe de onde veio tanta gente, e ficou ali aberano ali, ai ele, ele disse vou botar aqui encostar os burro ali, encostou, foi encostar os burro, chegou disse ói, caçou aquelas pessoa que ele tinha fé e disse vá medindo aí que eu vou recebendo o dinheiro, preciso

<sup>124</sup> *Ibidem*.

<sup>125</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

<sup>126</sup> Cinta ou faixa usada para prender a sela nos animais.

receber o dinheiro, pra comprar em outra terra traveis, aí ele ficou recebendo aquele dinheiro e o povo desfazendo, ói dentro de uma hora de relógio cabou tudinho, tudinho tudinho ele levou só o dinheiro [sic]<sup>127</sup>.

Lindolfo nos conta nas suas lembranças de menino que tinha apenas doze anos, o que marcou sua memória. Aqueles que conseguiam chegar à região de Jacobina com gêneros alimentícios conseguiam vendê-los rapidamente, como aponta o depoimento acima, demonstrando a escassez total destes alimentos. Não podemos esquecer, no entanto que aqueles que não possuíam dinheiro algum para comprar esses gêneros, só lhes restavam a flora silvestre para amenizar a fome.

No momento em que o Lindolfo aponta no seu depoimento que “[...] caçou aquelas pessoa que ele tinha fé e disse vá medindo aí que eu vou recebendo o dinheiro, preciso receber o dinheiro, pra comprar em outra terra traveis”, ele deixa claro que havia o risco de saques por parte da população que ficou ali “aberano”. Uma vez que é possível inferir que boa parte da população não podia comprar os alimentos que eram a base da alimentação local.

[...] agora a farinha foi com dificuldade pra plantar a mandioca e ela criar e dar a farinha. O mais vinha do sul, quem tinha dois ou três burros ia buscar no Sul. A pessoa que ia comprar um prato<sup>128</sup> de farinha, **que o pobre só comprava um, dois**, a feira era no São José, o tropeiro tava com a agúia de arrochar o burro na mão, quem tinha o direito de meter a mão pra panhar? Se metesse a mão óia, pau! Batia na mão. Eu ia comprar pros pequeno que tinha e nós comemo o bró e assim por diante [sic].<sup>129</sup>

O narrador nos mostra também a dificuldade para obter farinha, já que a mandioca demora cerca de dois anos para ficar no ponto para ser colhida e transformada em farinha. Ele salienta ainda que “A pessoa que ia comprar um prato de farinha, que o pobre só comprava um, dois”, portanto a camada mais pobre da população apenas comprava pequenas quantidades, muitas vezes para alimentar as crianças. Dizia ainda que “[...] ia comprar pros pequeno que tinha e nós comemo o bró”. O senhor Palestino comprava para seus irmãos menores, que eram mais sensíveis a alimentação exótica de plantas e raízes.

Assim como Lindolfo, o depoimento de Palestino aponta a necessidade de que o tropeiro estivesse munido com uma agulha utilizada para lidar com cavalos e burros, porém nas feiras enquanto vendia os gêneros alimentícios também servia para punir possíveis tentativas de pequenos saques de punhados de farinha, pois “[...] tropeiro tava com a agúia de

<sup>127</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

<sup>128</sup> É a unidade de medida que corresponde a cinco litros, o recipiente é feito de madeira e é usado para medir gêneros alimentícios como feijão, milho e farinha.

<sup>129</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

arrochar o burro na mão, quem tinha o direito de meter a mão pra panhar? Se metesse a mão óia, pau! Batia na mão”.<sup>130</sup>

Ai esse Quirino **tinha três burro, era os caminhão de hoje**, ele ia no Gandú<sup>131</sup>, chamava o sul era de Gandú e trazia esses três burro, me lembro dos nome era Passo preto, Andorinha e Mazona trazia carregado, uma de milho, um de feijão e um de farinha, num trazia os sacos cheio não, uns sacos veio de couro oxe. Chegava na rua do São José botava uns litrinho de pau, uma banda de um litro e outro meio litro, quem tinha dinheiro pra comprar dois ou três litro comprava, quem não tinha comprava meio, comprava litro e meio quem comia era as crianças, ói os meninos cresceram as barrigas ficou deste tamanho [sic].<sup>132</sup>

Os gêneros alimentícios que chegavam através dos tropeiros eram vendidos nas feiras da região. A narradora indicou que o transporte que era feito no lombo de animais “[...] era os caminhão de hoje”, pois a falta de transporte dificultava a chegada rápida e em quantidade suficiente dos alimentos, o que os tornavam mais caros, dificultando ainda mais a aquisição destes por parte da população mais carente.

Para essa população talvez prevalecesse a ideia de que eles eram “[...] a outra face do país que não produz para enriquecer e, sim para sobreviver”<sup>133</sup>. A produção dos pequenos lavradores, trabalhadores temporários e meeiros era o plantio para a alimentação da família, apenas o excedente era comercializado nas feiras da região para aquisição de bens que não eram produzidos por eles, como combustíveis e ferramentas. Esse auto-abastecimento tornava-se necessário devido ao isolamento das estradas e ao transporte de diversos gêneros serem feito em lombos de animais, demorando dias para chegar ao destino.

Quando DeJulina fala que “[...] quem comia era as criança [sic]”, demonstra que possivelmente a sua família não tenha conseguido comprar essa pequena quantidade destinada às crianças, denunciando novamente as condições de vida em que a maior parte da população de Jacobina vivia. Dizia ainda que “[...] lá em casa nós era doze, vivia do que a roça dava e do macaco<sup>134</sup> quando achava”. Nos conta a história de um de seus irmãos que veio a falecer, relatando que “[...] foi de manhã ele manheceu dizendo que tava com a cabeça doendo e

<sup>130</sup> *Ibidem*.

<sup>131</sup> O Gandú a que a depoente se refere é a atual região do Sul da Bahia.

<sup>132</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>133</sup> MARTINS, Flávio Dantas. *Agrocaatinga: formação da propriedade fundiária, organização social e estrutura econômica em Morro do Chapéu e Xique-Xique (1840-1920)*. 2012. 194f. –Programa de Pós Graduação em História- Mestrado, Universidade Estadual da Bahia, Feira de Santana, 2012.

<sup>134</sup> Trabalhar de macaco significa vender sua força de trabalho, a diária por exemplo para os proprietários e fazendeiros. Ser macaqueiro corresponde a ser um trabalhador temporário, como analisa OLIVEIRA (2009) a associação com o símio, que vive pulando de galho em galho, está ligada a instabilidade que vive o trabalhador rural que não possui propriedades.

vomitando, só durou vinte e quatro hora, morreu, era loirinho, Manuel, foi batizado em casa [...] acho que era aquelas comida”.

Luiz lembra que “[...] é muitos, muitos na seca de 32 trazia na cabeça de a pé, trazia um mói de farinha na cabeça, comprava oito ou dez pratos, amarrava bem marradinho marrava na cabeça tocava de lá pra cá” e aponta ainda que “[...] a farinha a gente trazia, era pouca gente que comia a farinha naquele tempo de 32”<sup>135</sup>. Demonstrando que a farinha de mandioca tornou-se um artigo raro e caro, portanto poucas pessoas tinham acesso a ela durante a seca.

Diante desse quadro em que a agricultura estava em colapso, a carestia e a fome campeavam por Jacobina e região, sementes e raízes silvestres, que não eram utilizadas normalmente, passaram a ser usadas como alimento para as pessoas e os animais.

Entre as famílias que compõem a flora xerófita destacam-se as cactáceas, tais como as palmatorias, os mandacarus, os xique-xique e os faicheiros. Plantas dum valor inestimável na época das secas, ajudando a gente e o gado a escapar aos seus rigores mortíferos.<sup>136</sup>

Segundo Oliveira, o bioma caatinga, que é o característico da região em estudo, é visto pela literatura em geral enquanto uma vegetação pobre, no entanto ela salienta que a caatinga,

[...] possui um considerável número de espécies endêmicas que devem ser consideradas como um patrimônio biológico de valor incalculável principalmente nas épocas das secas, já que ajuda tanto as pessoas quanto os animais a escaparem dos rigores da estiagem.<sup>137</sup>

Dentre essas espécies, uma das mais importantes para os sertanejos foi o licuri, segundo Oliveira “O licuri (*Syagrus caronata*) é uma palmeira nativa do semiárido, de frutos comestíveis, cuja medula fornece fécula e cujas sementes produzem óleo”. O caule do ouricurizeiro ou licurizeiro foi utilizado por boa parte da população, especialmente a mais carente, como alimento. A utilização do bró foi comum, usado como o último recurso diante da total escassez imposta pela estiagem. Palestino relembra como era o processo para retirar o bró do licurizeiro:

<sup>135</sup> Luiz Maciel Sobrinho, entrevista concedida à autora, em 19 de fevereiro de 2012.

<sup>136</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: dilema brasileiro, pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984, p.180.

<sup>137</sup> OLIVEIRA, Joseane Bispo. Trabalho e sociabilidade no sertão da Bahia: as “quebras” e “tiras” do licuri. 2009. 135 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2009, p.15.

O bró tinha que derrubar o licurizeiro, o licurizeiro baixo, tirar a ingarra daqui pra baixo, era limpo daqui pra baixo a madeira, depois a ingarra, até dentro da ingarra. Primeiro se derrubava o licurizeiro, (...) vinha tirar aqui, descascava dois licurizeiro e botava no animal, levava pra bater lá, descascava o licurizeiro, cabá cortava as tora, rachava com a cuia da enxada, fazia uma cuia com a enxada, rachava, botava numa esteira por que lá tinha lagedo, botava numa esteira no tempo batia com cêpo, sacudia caia a massa, tinha licurizeiro de ser como melhor do que farinha, era tapioca pura, alvinho, ali cozinhava o cuscuz [sic].<sup>138</sup>

Dejulina também nos falou como era o processo para transformar o palmito do licurizeiro em alimento. A alimentação do jacobinense, que diariamente não era tão farta nos períodos de seca, passava por uma drástica redução. Quando chegava a esse estágio, os sertanejos a caracterizava como “necessidade”. O que significava que esta já havia ultrapassado os níveis tolerados das carências diárias e chegava a um nível crítico.

[...] batia aquele bró, batia, batia, assim lá em casa onde eu moro tem um lagedinho, (...) chamava o lagedo do bró, estendia aquele bró, num vê uma serragem de pau, uma serragem de madeira, bem vermeia? era aquela .Quando tava seco ia pro pilão, ia pro pilão, quando acabava cessava numa arupemba, fazia ou o cuscuz ou beiju, agora ia comer aquele cuscuz ou beiju de bró, num vê moía um bucadinho de uma areia bem vermeia e fazer? era assim, era sorto, tinha um fedor assim marguento num sei cuma era [sic].<sup>139</sup>

Como podemos perceber era um processo trabalhoso, sendo um conhecimento desenvolvido através de uma relação próxima com a natureza e que deveria ser passado pela experiência. Luiz relembra que,

Bró, nós comemomuito o bró, eu eu já era grandinho, eu ia mais meu pai, meu pai, meu pai nós furava os licurizeiro, aqui acolá nós achava um que prestava, que tinha madeira, na canela do licurizeiro era uns não era todos não. Batia pra fazer o cuscuz, eu ainda ví fazer o cuscuz de bró, eu ví, fazer cuscuz de bró em 1932 pra entrar em 33 [sic].<sup>140</sup>

Os narradores deixam claro que a utilização do bró foi feita apenas em momentos de extrema necessidade, que o mesmo tinha um péssimo gosto, como enfatiza DeJulina: “[...] num vê moía um bucadinho de uma areia bem vermeia e fazer? Era assim, era sorto, tinha um fedor assim marguento, num sei cuma era”. Na memória dessa população o licuri e, conseqüentemente, o bró ficaram marcados, talvez porque remetessem diretamente às dificuldades que enfrentaram nesse período. Mas, é fundamental percebermos que para essa população o licuri foi e é ainda hoje um produto de muita importância.

<sup>138</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

<sup>139</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>140</sup> Luiz Maciel Sobrinho, entrevista concedida à autora, em 19 de fevereiro de 2012.



Com a transformação da paisagem que ocorria com a prolongada escassez, o licuri sempre foi um grande aliado do sertanejo, servindo como alimento ou ainda complementando a renda deles que fabricavam com o licuri artesanatos e comercializavam o coquilho. Praticamente todas as partes da palmeira eram aproveitáveis, as folhas serviam para a cobertura das casas e também eram utilizadas para confecção de chapéus, esteiras, peneiras e capangas, como salienta DeJulina,

Eu cansei de ver casa, uma casa com uma porta de paia, a porta era de paia, pegava as paia de licurizeiro e trançava óia, umas nas outras cuma quem tá fazendo esteira, fazia aquelas portas, nos pezinhos com uma vara e dobrava as pontas em cima em dobradinha, tudo isso eu vi [sic]<sup>141</sup>.

O sertanejo, lavrador, meeiro e tantas outras formas de trabalho ligadas ao mundo rural, através das experimentações vividas diariamente na luta pela sobrevivência, não produzem apenas bens materiais, mas principalmente uma visão de mundo particular, que se manifesta no código de saberes populares, técnicas, crenças, culinária, artesanatos. A narrativa de DeJulina nos mostra de que maneira essa visão de mundo, que foi construída por meio das dificuldades impostas pela situação de pobreza, permitia-os fazer uso do que a natureza dispunha, para satisfazer suas necessidades, como cobrir as casas com palhas de licurizeiro. Ou ainda, a maneira como preparam as vísceras de animais, por saber que estragavam rápido, e transformaram em um dos principais pratos da culinária nordestina, a buchada ou o sarapatel, para só depois comer a carne salgada que poderia ser conservada por mais tempo.

Para além do licuri outras plantas e raízes eram usadas em momentos de estiagem, como o chique-chique e a palma, mostrados na reportagem do Jornal *Correio do Sertão*:

A maior parte do povo, em todo Município, está se alimentando com o bró de uricuriseiro, mandacaru, farinha de umbú, raiz de parreira e outras raízes nocivas que só tendem a depauperar o physico dos nossos pobres irmãos, já infelizmente aniquilados pelo lado moral [sic].<sup>142</sup>

DeJulina salienta que não foi apenas o bró que a população da região utilizou,

Outros era batata de imbu, metia o pé rancava o bichinho pela raiz cavano aquela batata, o bró era ruim mas a batata era pior, por que secava ficava que nem uma prana de cangaia, [...] ficava aquela lama, tu botava ela numa agua quente agora ela ficava assim por cima nadano, nadano [sic]<sup>143</sup>.

<sup>141</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>142</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 18 de dezembro de 1932, n. 745. p. 01.

<sup>143</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

Palestino também aponta outros alimentos,

[...] entonce a comida da seca era essas, o bró, o mucunã, batata de imbu vixe! foi o mais ruim que houve. Os imbuzeiro [...] debaixo dos imbuzeiros era tudo cavado do povo cavar, tirar a batata, mas a comida era ruim, era ruim, ruim a massa seca, moiava com caldo de carne e ainda assim não se podia comer direito, mas de qualquer maneira enchia o bucho né? [sic].<sup>144</sup>

A mucunã também foi muito utilizada pelos sertanejos, mas havia uma série de dúvidas e receios a respeito da mucunã. Havia a crença, por parte da população, que ela era venenosa, por acreditar que a mucunã possuía características nocivas à saúde. Havia alguns procedimentos para a sua utilização e segundo Palestino para que se pudesse comer a mucunã era preciso alguns cuidados: “[...] era lavado em nove água, se fosse na lua nova ainda embebedava gente. Ainda tinha gente que não guentava ele, embebedava pra ficar ai largado, era lavado em nove água”. A mucunã era usada para fazer uma espécie de cuscuz e para comê-lo havia ainda uma época específica. Conta Palestino que “[...] comia, lavava na água, uma liga danada, fazia o cuscuz, pra cortar dava trabalho, tinha de comer ele frio, na estação de lua nova não comia, lavava o tanto que lavasse”<sup>145</sup>.

Dentro do conjunto de saberes que foram sendo formulados, a partir da convivência com a natureza e as necessidades que faziam parte do cotidiano dessa população, os sertanejos criaram maneiras para que a mucunã pudesse ser usada como alimento, fazendo com que fosse retirado o seu veneno. Mas, segundo Castro a mucunã não é venenosa, pelo contrário, é rica em vários nutrientes importantes: “Trata-se, pois, de um alimento vegetal [...] rico em proteínas, dos mais ricos do mundo, quase idêntico a soja (com 38%) e altamente energético por seu conteúdo de hidrocarbonetos”.<sup>146</sup>

Dessa maneira, podemos perceber que a utilização dessas raízes e frutos silvestres era feita nos momentos de escassez pela camada da população mais carente, indicativo de que a seca não atingia a todos com a mesma intensidade. Lindolfo, por exemplo, se encontrava em uma situação financeira um pouco melhor do que boa parte da população, apesar de sua mãe ser viúva e ter oito filhos, ele nos conta que eles tinham um rebanho de ovinos considerável.

Por que nós mesmo lá em casa num murrimo e também comia muito carne, que a criação, a criação era de matar três por semana, que era carne, era criação, era criação que tava nagejano, foi sumindo, sumindo, sumindo. Ói em 32, um dia

<sup>144</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

<sup>145</sup> *Ibidem*.

<sup>146</sup> CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: dilema brasileiro, pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

mamãe disse: hoje é pra prender as criação de Lindolfo pra saber quantas tem, as ôveia, ai os meninos de tarde foi juntar, de tarde foi juntar as ôveia tinha dormido num dormidor [...], que era ôveia, era ôveia mesmo. Ai eles chegaram, eles arrudiam, ela disse: pega, tinha dois curral, bota as de Lindolfo pra um canto e as outras pra outro, ai os meninos pegaram aqueles [...] correno e pegano ainda contou setenta e duas cabeça minha, só minha, setenta e duas cabeça de ôveia, quando acabou a seca ficou as duas. (risos) As duas contadas, as duas contadas nesses dois dedos ai. A seca comeu tudo, comeu, esparramou, morria e e e esparramou tudo ficou duas pode jurar isso na verdade como a isso que lhe digo e foi assim minha fia [sic].<sup>147</sup>

Podemos considerar que Lindolfo e sua família estavam no grupo dos que possuíam suas próprias terras, portanto eram os produtores. Ainda que a seca tenha atingido a sua família de forma bastante intensa, como ele mesmo ressalta: “[...] ainda contou setenta e duas cabeça minha, só minha, setenta e duas cabeça de ôveia, quando acabou a seca ficou as duas”, assim é possível perceber que a família conseguiu administrar os efeitos da seca de forma mais tranquila. Ele e sua família não comeram o bró, “[...] é, o bró, eu mesmo não comi o bró. Eu não comi e o meu povo também, morria de fome mas não comia, mas passava fome”.<sup>148</sup>

É inegável o prejuízo causado pela seca, seja por que as criações de ovelhas morreram de fome, foi roubada ou ainda porque foi o último recurso utilizado pela família como maneira de se manter, mas o que queremos demonstrar é que essas famílias possuíam melhores condições para enfrentar a seca. Não comendo o bró, por exemplo, mesmo que sendo pouquíssimos os recursos disponíveis, ainda havia a opção de se utilizar de seu rebanho, diferentemente da população que, não sendo proprietária, vendia sua força de trabalho aos fazendeiros da região, o que é chamado ainda hoje de “trabalhar de macaco”. O trabalho era extremamente desgastante e os trabalhadores faziam a roçagem, capinavam, plantavam e colhiam, no entanto a remuneração recebida era baixíssima, o que os impediam de manter de forma digna suas famílias.

Para além da fome, essa população enfrentava ainda dificuldades para conseguir água para os seres humanos e os animais. Todos os depoentes abordam as dificuldades enfrentadas para conseguirem água. Lindolfo lembra que,

A seca de 32 minha fia só de fala ela por que é o jeito, mais ói, foi uma seca, não tinha um pingo d’água, passou três anos sem nada, sem um pingo d’água, se num tinha chuva [...] quatro horas ia pro rio panhar água [risos] quando chegava no rio panhava um pote de água saia bebendo com ele até em casa [sic].<sup>149</sup>

<sup>147</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

<sup>148</sup> *Ibidem*.

<sup>149</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

É possível supor que essa água deveria em muitas situações ser de péssima qualidade, o que piorava e muito a saúde da população já fragilizada devido à má alimentação. A falta de água piorava as condições de higiene dessas pessoas, o que contribuía para o surgimento de várias doenças que atacavam os corpos já bastante debilitados. Palestino nos conta que para obter água, quando chovia em algum lugar, retiravam a água das folhas do gravatá:

Água era a coisa mais difícil, dava um sereno de chuva, os gravatá era tudo limpo arrumadinho assim [...] assim e a chuva era assim uma aqui outra ali, uma manguinha de chuva, enchia os gravatá e agora pegava numa bacia pra beber, pra dar água a um bichinho.<sup>150</sup>

Dejulina nos conta também as dificuldades que enfrentou para conseguir água:

[...] viva Deus, secou o rio, secou todo rio secou, nos lugar tinha aquele poço, num tem uns lugar que tem aqueles poço grande que sempre fica mais fundo [...] de baixo de um pé de pau onde secou aquela água, ficava meio moiado o povo picava o pau cavava pra fazer uma cacimba, todo mundo [...].<sup>151</sup>

A situação da população de Jacobina era de extrema carência, situação agravada nos tempos de escassez, pois a estrutura social dependia diretamente da agricultura, como mostra a reportagem publicada em *O Lidador*. Nele o Cel. Francisco Rocha Pires pede ao Interventor Federal Cap. Juracy Magalhães, que não cobrasse o imposto sobre a carne verde no município, devido às consequências da seca.

Assim testemunham os que conhecem de perto o Sertão, demonstrando-o ao mesmo tempo as estatísticas. Estamos ainda experimentando as vixitudes produsidas pela maior secca até então verificada, e o povo, que vendeu para se alimentar os seus últimos recursos, este mesmo povo que extinguiu os extensos palmeraes desta região na extração do “bró” para com elle se alimentar, sente-se ainda desanimado e pobre. [sic].<sup>152</sup>

As crises climáticas afetam diretamente as populações rurais, reduzindo a produção agrícola e diminuindo o minguado poder aquisitivo das populações. Segundo relatório produzido pela Fundação Joaquim Nabuco, a concentração da força de trabalho nas lavouras amplia o impacto da crise, atirando rapidamente no desemprego centenas de milhares de

<sup>150</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

<sup>151</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>152</sup> Jornal *O Lidador*, de 04 de maio de 1934, n. 35, p. 01.

trabalhadores e de pequenos proprietários rurais que não tiveram como evitar as perdas decorrentes das pelas secas, provocando a vulnerabilidade das culturas alimentares.

O fato ocorria porque esses sertanejos não conseguiam, em anos de inverno normal, formar reservas de dinheiro ou alimentos que pudessem utilizar para sua sobrevivência em tempos de escassez. Já os médios e grandes empresários tinham algumas reservas e suportavam por mais tempo os efeitos da estiagem, e mesmo assim não estavam totalmente livres dos seus efeitos.

A pecuária atingida sofreu com a mortandade do gado, obrigando os fazendeiros a venderem seus rebanhos ou emigrarem para outros lugares como mostra reportagem de *O Lيدador*: “Acontece todavia que as estações falliram e falliram as pastagens, falliram quase todos os fazendeiros e até a “ semente” de gado falliu em muitas fazendas”<sup>153</sup>. A seca e sua força desreguladora do cotidiano sertanejo atingiu também os proprietários da região, estes que não estavam imunes às consequências da seca, mas possuíam recursos para melhor enfrentar os efeitos da estiagem.

Para muitos “Fabianos” errantes do sertão, sem terra e submetidos à exploração dos grandes proprietários; enfrentando as carências materiais e de direito à cidadania; a seca representada pelo mando do patrão e abandono por parte do Estado, condenaram essa parcela da população à “vida secas”.

---

<sup>153</sup> Jornal *O Lيدador*, 04 de maio de 1934, n. 35, p. 1.

**CAPÍTULO 2:**  
**“HÁ UMA MISÉRIA MAIOR QUE MORRER DE FOME NO DESERTO, É NÃO  
 TER O QUE COMER NA TERRA DE CANÃA”**

2.1 OBRAS PÚBLICAS: O SOCORRO DE QUEM?

O presente tópico tem por objetivo discutir de que maneira a seca foi usada como argumento para angariar recursos dos poderes estaduais e federais. As ações eram notadamente direcionadas para o combate aos efeitos da seca e não as suas causas, sendo esta considerada apenas enquanto falta d'água, indicando assim que a solução para o fenômeno seria a construção de açudes, poços e estradas. Essas obras deveriam servir para dar emprego aos flagelados, substituindo as doações de mantimentos, que incentivaria o ócio, ocupando e afastando os sertanejos dos centros urbanos, além de contribuir para a melhora das cidades, utilizando os sertanejos como mão de obra barata.

Segundo Albuquerque, o nordeste é uma invenção, ou seja, um constructo imagético-discursivo<sup>154</sup>. O mesmo tipo de análise pode ser aplicado ao semiárido brasileiro, pois a partir de algumas de suas características, como a caatinga ressequida, carcaças de boi, retirantes sujos e maltrapilhos, a mídia brasileira constrói seu discurso sobre essa região, definindo-a enquanto uma realidade imutável, pensamento que passa a ser internalizado por toda a sociedade.

É necessário desenvolver questionamentos sobre os porquês de um fenômeno tão recorrente na região ainda ser a causa de inúmeros prejuízos sociais. A investigação sobre o processo de construção dessa imagem de sofrimento foi apropriada e politicamente utilizada pelos dirigentes locais, a fim de angariar recursos financeiros para interesses pessoais. Seguindo essa linha de raciocínio, ironiza Castro, ao dizer que “A culpa da miséria era dos céus e não dos homens”<sup>155</sup>, elucidando a ideia de que os problemas que afligem o Nordeste são consequências apenas de fatores climáticos e não responsabilidade de seus dirigentes políticos.

Segundo Gonçalves, até década de 50 do século XIX, a seca não despertava grandes apreensões naqueles que não estavam diretamente ligados aos seus efeitos. Por outro lado,

---

<sup>154</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

<sup>155</sup> CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 59.

uma vasta literatura aponta a seca de 1877, como o momento em que ela surge enquanto problema nacional, preocupando os poderes públicos.<sup>156</sup>

No entanto, não é possível entendermos a seca somente a partir de seus aspectos climáticos, mas também se faz necessário pensá-la como objeto de discursos e práticas. De acordo com Albuquerque Jr, é importante perceber de que forma o período de 1877 se instaura como um contexto de desestruturação e conflitos, em que a seca teve condição de surgir enquanto problema nacional.

Inicia-se uma série de discursos e estratégias que consistiam em propagar de forma indutiva que os sertanejos eram seres sofridos, algo como “vítimas da natureza”, sendo este fenômeno a explicação para todos os problemas enfrentados pela população da região, cuja solução perpassava pelos interesses da elite<sup>157</sup>. Como afirma Castro, “[...] a questão nordestina é uma falsa questão e deve ser deslocada da região para o espaço político historicamente ocupado por suas elites”<sup>158</sup>. Essa seca tornou-se um marco inicial das políticas assistencialistas voltadas para o seu enfrentamento na região.

A partir de 1877, a seca não é mais um simples fenômeno climático de ausência ou irregularidade de chuva, mas é um fenômeno de caráter social, em que o cenário se expande até alcançar todos os recantos da sociedade, no campo e na cidade, e seus atores não são apenas os que sofrem as penúrias ou que passam fome, mas são todos os que se vêm envolvidos com estes; e cada vez mais fica difícil fugir deste contato.<sup>159</sup>

O ano de 1877 merece destaque por ter sido o momento em que o Estado assumiu uma postura paternalista em períodos de seca no Nordeste, pois até então o governo não havia assumido esse papel de responsável por auxiliar a população mais carente em períodos de escassez, essa função era realizada pelos líderes locais.

As consequências dessa seca foram visíveis em todos os recantos da sociedade, e a caridade não conseguia mais amenizar a situação crescente de inúmeros flagelados. Vários foram os motivos que fizeram com que o Estado prestasse socorro à população mais afetada, desencadeando assim uma mudança na forma como a população carente percebia os

<sup>156</sup> GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX* (Sociedade e Política). 2000. 169f. Dissertação (Mestrado) –Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2000.

<sup>157</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR. Durval Muniz. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

<sup>158</sup> CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 19.

<sup>159</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 50.

mecanismos de assistência governamental, que passaram de medidas paliativas a uma obrigação governo.

De acordo com Villa, “Foi no período regencial que pela primeira vez o poder central aprovou verbas para enfrentar as consequências de uma seca”<sup>160</sup>. Desde então, muitas foram às ações empreendidas pelos governantes na tentativa de amenizar esse problema, chegando até a ideia de importar camelos da África, “Mas as reflexões sobre as formas de combater as secas acabaram tendo uma curiosa contribuição vinda da Argélia: a importação de camelos”.<sup>161</sup>

Ações como estas demonstram que o governo tomou diversas atitudes na tentativa de minimizar os efeitos das secas, porém essas medidas foram insuficientes, já que não atingiram as reais causas dos problemas, que não eram climáticas, mas sim relacionadas, sobretudo, com a estrutura socioeconômica e política da região.

A seca é um fenômeno recorrente em regiões de clima semiárido e desde o Império o governo põe em prática medidas que intencionam a redução dos efeitos das estiagens. No entanto, elas sempre se limitaram a ações paliativas, uma vez que esse problema proporcionava troca de favores e a manutenção do poder dos grupos dirigentes locais, por isso apenas agravava uma situação de pobreza já existente, como é possível perceber no seguinte relatório da Fundação Joaquim Nabuco,

As medidas de combate aos efeitos da seca datam do Império. Com a organização em 1909, da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), a atuação do governo passou a ser coordenada e executada por um órgão específico. No entanto, a assistência nos anos de seca ficava na dependência de recurso extra-orçamentário, interrompendo-se as obras tão logo voltaram as chuvas regulares.<sup>162</sup>

O IOCS foi criado no ano de 1909, na chamada “Era de Ouro” da Primeira República, em que grandes obras de infraestrutura estavam sendo construídas. Os recursos destinados ao órgão estavam muito abaixo do previsto e as obras da Inspetoria não entusiasmavam os políticos locais, que temiam a modernização do sertão e a erradicação da miséria, esta que constituía seu principal capital político. Em 1945, o então Instituto Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), que em 1919 rebatizou o antigo IOCS, tornou-se Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS).

---

<sup>160</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 22.

<sup>161</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>162</sup> DUARTE, Renato Santos. *Do desastre natural à calamidade pública: a seca de 1998/1999*. Fortaleza: Banco do Nordeste; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.



A seca era entendida no meio técnico como a deficiência na distribuição de água, apenas como a falta ou irregularidade das chuvas. Logo, a solução para este problema perpassava pela construção de açudes, poços artesianos e fontes. Essas ações, notadamente, eram direcionadas apenas aos efeitos da seca, não resolvendo as reais causas do fenômeno, que eram muito menos climáticas e muito mais ligadas ao sistema fundiário e político dos sertões. Com a IOCS, posteriormente IFOCS, foi difundida a noção de “combate às secas”, regularizando e institucionalizando o trabalho de obras contra as secas, delimitando inclusive através de suas ações o território que seria “a região das secas”.<sup>163</sup>

Para compreender de que forma ocorreram as relações nos momentos de escassez, entre os diversos âmbitos do governo (estadual, federal e local) e a população, é necessário refletirmos sobre o contexto político e econômico vivenciado não só na Bahia, como também no Brasil. Com a quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a estreita ligação do processo produtivo brasileiro com o mercado internacional, a produção açucareira foi ao declínio e os estados do nordeste perderam gradualmente relevância no cenário nacional.

[...] Com a ascensão do café como principal produto de exportação do Brasil, São Paulo e Minas Gerais passaram a ocupar os lugares de maior importância no cenário político e econômico do país. A Bahia, no entanto, tornou-se um estado secundário.<sup>164</sup>

Ainda segundo a autora, “Enfim, será este estado que, em 1930, observa sem intervir, o desenvolvimento dos planos revolucionários, mantendo seu posicionamento conservador até quando é possível”<sup>165</sup>. No entanto, “O apoio que os revolucionários de 30 receberam no Nordeste não foi ocasional, mas produto do descaso do governo Federal para com a região, especialmente a partir de 1922”<sup>166</sup>. O engajamento no processo revolucionário poderia representar a obtenção de recursos que eram negados, segundo os dirigentes locais, pelos governantes da República Velha. Portanto, esperava-se que o governo Provisório alterasse a maneira como estava estabelecida a política com a região. A seca deveria ser a primeira questão a ser tratada.

<sup>163</sup> FARIAS, Helio Takashi M. de. *Contra as secas: A engenharia e as origens de um planejamento territorial no nordeste brasileiro (1877-1938)*. 2008. 169f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2008, p. 92.

<sup>164</sup> PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 21.

<sup>165</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>166</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 142.

Com a “[...] revolução de outubro de 1930”, foi designado como interventor da Bahia, o Ten. Juracy Magalhães, que encontrou o estado em péssimas condições econômicas. “O governo do estado encontra-se em dívidas com bancos internacionais. Sendo “[...] assim, as consequências da queda nas exportações de forma brusca, a partir de 1930, tiveram efeitos catastróficos na economia estadual”.<sup>167</sup>

Nessas condições, o interventor tomou diversas medidas a fim de reorganizar a economia do estado, dentre elas a cobrança de impostos que causou muitos problemas, principalmente no que se refere à taxa de cem réis por quilo de carne verde. A cobrança desse imposto deu margem às críticas dos opositores e como mostra o jornal *O Lidado*, até os aliados do governo pediram que fosse revisto

“[...] e o povo, que vendeu para se alimentar os seus últimos recursos, [...] sente-se ainda desanimado e pobre e não poderá [...] contribuir com tão pesado tributo sobre a carne, sem que a fome volte ao seu lar, de vez já se habituou a reduzir a metade, nas suas refeições, o primeiro alimento que é a carne.”<sup>168</sup>

A imprensa local, perante a situação da população vítima da seca e com dificuldade para manter a segurança alimentar das famílias, argumentou que era impossível para o pobre pagar um tributo tão pesado sobre um produto que já estava com preço elevado devido à estiagem. Entre as medidas tomadas pelo interventor “A primeira deveria incidir sobre o consumidor e seria utilizada para a construção de açudes no sertão, mas causou tantos problemas que acabou sendo suspensa”<sup>169</sup>. Com a intensificação da seca, outros impostos foram anunciados, como o imposto sobre “o jogo do bicho”, dando mais munição para a oposição.

Essa estratégia de Juracy de utilizar o dinheiro do jogo do bicho para financiar obras sociais, foi uma grande estratégia política que lhe possibilitava uma aproximação com uma parcela diferente da população, as classes mais baixas da sociedade baiana, que seriam as mais beneficiadas por tais medidas.<sup>170</sup>

<sup>167</sup> PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 53.

<sup>168</sup> Jornal *O Lidado*, 04 de Maio de 1934, n. 35. p. 01.

<sup>169</sup> PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 64.

<sup>170</sup> PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 69.

A princípio, a cobrança de impostos foi duramente criticada pela oposição, mas acabou surtindo o efeito desejado, uma vez que o interventor repassava os valores arrecadados com o imposto sobre o jogo do bicho para obras sociais do Estado, buscando assim aplacar o lado “nocivo” do jogo. A cobrança de impostos contribuiria também para o combate às secas. “Com o apoio de Juarez Távora, Ministro da Agricultura, e José Américo, [...] da Viação e Obras Públicas [...] o combate as secas foi intensificado com a construção de açudes por toda a região semiárida da Bahia”<sup>171</sup>.

Por mais que estas medidas tenham desagradado, conseguiram regularizar a situação financeira do estado e em finais de 1931 e início de 1932, já proporcionavam as primeiras demonstrações de apoio popular. O interventor, que era considerado um forasteiro<sup>172</sup>, foi conseguindo conquistar aliados em todo estado, principalmente no interior<sup>173</sup>.

As obras públicas tinham como principal objetivo auxiliar a população carente nos momentos de escassez gerados pela seca, no entanto, apesar do sofrimento do povo ter sido a razão principal das políticas de combate às secas, seu atendimento era precário, oportunizava ao mesmo tempo a apropriação da imagem e desse fenômeno como forma de arregimentarem recursos públicos e continuarem no poder.

A seca rendia votos através das políticas empreendidas para o seu combate. “As elites proprietárias e políticas, apropriando-se do discurso da seca, escamoteavam as várias causas da miséria humana no Estado e ainda beneficiavam-se dos recursos federais enviados para socorrer os ‘flagelados’”<sup>174</sup>.

Os políticos locais usavam como instrumento de pressão a miséria de milhares de flagelados para assegurar a obtenção de recursos que beneficiariam suas propriedades ou serviriam como barganha eleitoral. “Era justamente assentado no poder privado dos proprietários de terras que o Estado se fazia presente no ambiente conflitivo dos sertões”<sup>175</sup>. Esses grupos políticos passaram a viver do desvio desses recursos, dando origem a práticas corruptas que ficaram conhecidas como “a indústria da seca”.

---

<sup>171</sup> *Ibidem*, p. 71.

<sup>172</sup> Juracy Montenegro Magalhães, nascido no Ceará, foi escolhido interventor da Bahia sem possuir relação política no estado, sendo por isso considerado um forasteiro.

<sup>173</sup> PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 64.

<sup>174</sup> ARAUJO, Raimundo Alves de; SILVEIRA, Edvanir Maia da. “A cidade e a seca : o campo de concentração de 1932 e as transformações urbanas em Ipu-CE”. In: *Revista da casa de Geografia de Sobral*, Sobral, v. 8/9, n. 1, 2006/2007, p. 104. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: jul 2011.

<sup>175</sup> ARAUJO, Raimundo Alves de; SILVEIRA, Edvanir Maia da. “A cidade e a seca : o campo de concentração de 1932 e as transformações urbanas em Ipu-CE”. In: *Revista da casa de Geografia de Sobral*, Sobral, v. 8/9, n. 1, 2006/2007, p. 100. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: 15 jul 2011.

O abandono oficial do interior, além de favorecer o uso inadequado de recursos públicos para interesses privados, ajudou a consolidar, através do assistencialismo partidário, grupos hegemônicos no poder municipal que intermediavam a distribuição desses recursos por meio de seus pares.<sup>176</sup>

As crises climáticas geradas pelas secas permitiam que grandes proprietários aumentassem seus domínios, comprando pequenas propriedades a preços muito baixos ou transformando os sertanejos, vítimas da seca utilizada como mão de obra barata. Essas práticas permitiram que parte da população não sofresse com as temíveis consequências da estiagem, pois para os dirigentes locais a seca era uma forma de aumentar a riqueza e o poder de manipulação dos grupos políticos, sendo a população carente um alvo fácil no uso dos recursos públicos como forma de angariar votos.

Esses dirigentes se apropriavam desses recursos para benefício próprio e perpetuavam a manutenção de uma estrutura social profundamente concentradora e injusta, como aponta a reportagem do jornal *O Lidador*:

Acresce que cessaria a razão de ser dos socorros, pois na região já não existiriam mais famintos, transformada em uberrima Canahan a Gleba que a aridez tornara safara inhabitavel. Porque não se tem curado, até agora da **solução do magno problema si não por açudagens que não o resolvem, ainda que úteis o sejam, como tem sido, mas a áreas circunscriptas nos Estados em que foram construídas?** Por que? Respondamos: por que os governos se empenham em adornar as capitaes, as cidades litorianas com obras, as veses meramente simptuarias; quando não dissipam o produto das rendas desviando-o para fins menos nobres [sic].<sup>177</sup>

O jornal denuncia que essas obras nem sempre serviam para a população mais carente, muitas vezes os horrores da seca serviam para fortificar interesses regionais, servindo como formas de angariar votos, ou beneficiar os políticos e seus partidários. Quando esses recursos não eram desviados completamente, apontando que por mais que se tenha feito açudagens na região, não havia solução, pois esses benefícios ficavam restritos aos proprietários das fazendas e não beneficiavam a população mais carente.

“O objetivo é evidenciar a distância entre as propostas apresentadas nos planos de desenvolvimento regional e a realidade constituída ao longo dos anos nos sertões ressequidos [...]”<sup>178</sup>. Dessa maneira, é possível perceber que os políticos locais obtiveram respostas favoráveis as suas demandas, usando essa imagem de “vítimas da natureza”, enquanto

<sup>176</sup> *Ibidem*, p. 104.

<sup>177</sup> Jornal *O Lidador*, 14 de abril de 1935, n. 83. p. 01.

<sup>178</sup> COSTA, José Jonas Duarte da. “Seca, pobreza e desertificação na Paraíba”. In: *Saeculum - Revista de História*. n. 8/9. Jan-dez. 2002-2003. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003, p. 117.

estratégia, cujas benesses foram usufruídas por poucos. Os “Aproveitadores procuravam meios de enriquecer as custas dos recursos destinados aos socorros, utilizando-se da singeleza e da fragilidade dos métodos de controle e fiscalização”<sup>179</sup>.

Presume-se que, em Jacobina e região, essas práticas também aconteciam. No entanto, a imprensa local se calou quanto a denúncias de possíveis desvios do dinheiro destinado ao socorro dos flagelados da seca, talvez pelo fato de que essa imprensa que se dizia “imparcial” apoiava determinados grupos políticos, o que a envolvia em uma série de interesses escusos, que a tornava parcial, não podendo atacar seus correligionários.

A Constituinte de 1934 procurou criar uma base permanente de recursos financeiros para obras de defesa contra as secas e estabelecendo. ‘A defesa contra os efeitos da seca nos Estados do Norte obedecerá a um plano sistemático e será permanente, ficando a cargo da União, que dependerá, com obras e serviços de assistência, a quantia nunca inferior a 4% da sua receita tributária sem aplicação especial.’<sup>180</sup>

As medidas de combate às secas passaram a ser ordenadas e executadas com base em recursos permanentes, não sendo mais dependente de recursos extra orçamentários, “até a seca de 1932 os gastos do governo, através dos IFOCS, situaram-se sempre abaixo de 1% da receita da União”.<sup>181</sup>

O jornal *O Lidador* também apontou para o fato de que o governo forneceu um valor superior aos benefícios oferecidos anteriormente. “Tanto mais fácil se torna, agora, a actuação imaginada, quando a Constituição de 16 de julho destinou 4% das rendas federaes para as Obras Contra as Secas” [sic]<sup>182</sup>. Para muitos, com aprovação dessa lei e o envio dessas verbas, poderia melhorar a situação da população atingida diretamente pelos efeitos da seca.

Os governantes da região buscaram arremeter recursos para socorrer os flagelados da seca. O jornal *O Correio do Sertão*, edição de número 778, transcreveu diversos telegramas enviados pelas lideranças políticas locais ao Ministro da Viação e Obras Públicas, José Américo de Almeida, ao interventor Juracy Magalhães, entre outros governantes, solicitando ajuda para socorrer os flagelados da terrível seca que assolava a região; e, na edição seguinte, o jornal publicou as declarações de alguns desses governantes a respeito desses pedidos de ajuda.

<sup>179</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 2000, p. 32.

<sup>180</sup> DUARTE, Renato Santos. *Do desastre natural à calamidade pública: a seca de 1998/1999*. Fortaleza: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

<sup>181</sup> DUARTE, Renato Santos. *Do desastre natural à calamidade pública: a seca de 1998/1999*. Fortaleza: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

<sup>182</sup> *Ibidem*.

O Ministro José Américo respondeu da seguinte forma ao prefeito de Morro do Chapéu: “Edgard Bandeira prefeito Morro do Chapéu. Recebi vosso telegrama. Logo que obtiver novos recursos já solicitados governo procurarei atender situação flagellados desse município”. Já o interventor do estado argumentou que: “Exgotado recurso estado. Estou agindo governo federal auxiliar população flagellados”.<sup>183</sup>

Não obtendo ajuda imediata dos governantes, a população buscou amenizar a situação dos pobres e famintos que “Pelos ruas vaguêam dezenas de flagellados semi-nus, esqueleticos, implorando pelo amor de Deus um pouco de alimento para não morrerem de inanição”<sup>184</sup>. O Jornal *O Correio do Sertão* denunciou ainda que a ajuda prometida não chegou. “As promessas dos governantes em auxilio aos flagellados, até agora, estão ainda a ser cumpridas e nada tem apparecido para alliviar as necessidades do povo deste município”<sup>185</sup>.

Quando não atendidos em suas solicitações, os governantes apoiados pela imprensa local passavam a descrever a situação calamitosa da população flagelada em longas reportagens e nelas os flagelados aparecem de maneira passiva, sendo retratados como vítimas de uma natureza cruel e do abandono por parte dos governos estaduais e federais.

O Jornal *O Lidador* denunciou que a população de Jacobina não foi atendida no momento de necessidade, ao contrário do que ocorria com a população de Salvador, referindo-se às quantias destinadas ao socorro das vítimas das chuvas na capital do estado.

Se o sertão, excellencia, (referindo-me a esta zona) tivesse sido atendido pelo vosso antecessor, com a vigésima parte dessa quantia, não teríamos registrado a morte de centenas sertanejos, victimados pela fome e pela miséria, não estaríamos ainda soffrendo os reveses da inclemência de 1932, em que o sertanejo teimava em ficar em suas terras e o Sol também teimava, como quem diz:aqui estou garimpando de cima. Emperrado de dia e de noite, por que nunca se viu luá mais parecida com o sol.<sup>186</sup>

Segundo a denúncia, não havia por parte do poder do Estado a mesma preocupação com as catástrofes da natureza que atingiam o interior. O periódico *O Lidador* buscou através dessas notícias construir, estrategicamente, com base no discurso de “vítimas da natureza”, a ideia de que a cidade de Jacobina e o interior da Bahia sofriam com o descaso, abandonados pelo governo do estado e governo federal. Diante dessa situação, a população tomou a iniciativa de ajudar os flagelados.

<sup>183</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 15 de janeiro de 1933, n. 778, p. 01.

<sup>184</sup> Jornal *O Lidador*, 14 de abril de 1935, n. 83, p. 01.

<sup>185</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 12 de fevereiro de 1933, n. 782, p. 01.

<sup>186</sup> Jornal *O Lidador*, 14 de Abril de 1935, n. 83, p. 01

“Quem assistiu e compartilhou o sofrimento de 1932 parece que já esta secco e mirrado, porém, ainda tem coração e lágrimas para sentir e chorar pelo infortúnio alheio” [sic]<sup>187</sup>. Segundo *O Correio do sertão*, “Uma comissão composta das principaes figuras representativas da nossa sociedade, sahiu em campo angariando donativos para serem distribuídos entre os pobres” [sic]<sup>188</sup>. No entanto, essa preocupação em ajudar os flagelados revelou, para além da caridade cristã, um receio de que essa população pudesse se rebelar.

O zelo com que grupos de comerciantes e proprietários organizavam agremiações de caridade cristã, para assistir os miseráveis, retrata aí a preocupação com a segurança, o combate à criminalidade e com o amparo assistencial que os grupos dominantes deveriam prestar aos grupos excluídos.<sup>189</sup>

A primeira medida na tentativa de controlar os retirantes foi através da caridade. Os primeiros grupos de flagelados que chegavam à cidade ainda contavam com as doações das famílias mais abastadas, mas essas atitudes possuíam um limite, a partir daí os governantes temendo a insatisfação do número cada vez maior de retirantes, buscaram alternativa diferente, qual seja, o emprego dessas pessoas nas mais diversas obras visando o embelezamento e a modernização da cidade.

Se a caridade nada pedia em troca, no caso dos socorros públicos oficiais, como passou a ser chamado a política de atendimento as vítimas da seca, esta não se revestia de uma caridade publica, pois passou a ser vista como política de investimento, não apenas para execução de obras publicas, mas da transformação de antigos pedintes e mendigos em trabalhadores.<sup>190</sup>

O uso da mão de obra de retirantes para a construção de obras na cidade serviu perfeitamente para os interesses dos governantes, pois surgiu naquele momento a oportunidade para angariar os recursos para as construções das diversas obras por tanto tempo solicitadas.

Com o phenomeno da grande secca que assolado o nordeste, mais uma vez se verifica o movimento emigratório dos homens válidos, para outros lugares menos ingratos, ficando em rumos das cidades a procissão faminta de velhos e mulheres e crianças. É um nunca acabar esta lucta penosa, que se repete fatidicamente e agravada muito mais agora com essas hordas de bandidos a talar o sertão.

<sup>187</sup> *Jornal Correio do sertão*, 08 de janeiro de 1933, n. 777, p. 01.

<sup>188</sup> *Ibidem*.

<sup>189</sup> ARAUJO, Raimundo Alves de; SILVEIRA, Edvanir Maia da. “A cidade e a seca : o campo de concentração de 1932 e as transformações urbanas em Ipu-CE”. In: *Revista da casa de Geografia de Sobral*, Sobral, v. 8/9, n. 1, 2006/2007, p. 100. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: 15 jul 2011.

<sup>190</sup> NUNES, Francivaldo Alves. Interesses e sentimentos caritativos nas ações de filantropia no Brasil (caso da seca de 1877). In: *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. Ano I, n. 1. Jul. 2009, p. 4.

Despovoa-se a caatinga. E amanhã quando as chuvas benfazejas prometterem searas fartas, faltarão os braços para o arroteamento da terra e a produção ficará muito aquém das possibilidades vitais das zonas rurais. Ora com o salário miserável do trabalhador actual 1\$500 diários, poderíamos prender essa pobre gente no seu habitat, dando-lhe trabalho em troca de gêneros de primeira necessidade. Ahí esta o problema da pequena açudagem e das rodovias carroçáveis em toda a vasta região flagellada. No Ministério da Viação, exclusive o serviço de obras contra as secas, ah verbas atlântidas por fundo especial, para tal fim, com um activo de mais de dois mil contos. Não seria bem lembrado um apello dos srs. Prefeitos deste e municípios vizinhos, ao ilustríssimo titular da Viação, o grande ministro do norte, sr. dr. José Américo, no sentido de se obter uma ordem de serviço para os nossos pobres sertanejos que só deixam a sua terra para não morrerem de fome ? Não temos estradas e o effeito das seccas é mais prejudicial somente, á falta d'água exparsas pelo sertão. E quando o camponez voltasse a roça molhada pelas chuvas de Deus alguma coisa de útil ficaria, lembrando a providencia dos homens do poder em ter aproveitado economicamente essas forças que fogem agora para não mais voltarem, talvez. Com barracões de gêneros alimentícios para fornecimento pelo custo, a trabalhadores a 1\$500, teríamos em poucos dias milhares de homens válidos ganhando honestamente o sustento e produzindo trabalho útil a colectividade. Queremos trabalho para o sertanejo, trabalho que enobrece, que eleva, que salva, e não esmola que avilta, que deprime [sic].<sup>191</sup>

Os governantes locais viram no fato de ter como Ministro da Viação e Obras Públicas um nordestino, a oportunidade de se fazer ouvir. Ao longo de toda a reportagem os flagelados aparecem em segundo plano, pois primeiro vem a necessidade de desenvolvimento da região. As soluções apontadas pelo colunista não visam de fato o auxílio aos sertanejos, mas sim uma maneira de aproveitar sua mão de obra barata em tempos de seca.

Os retirantes se apresentavam assim de modo paradoxal, de um lado era o motivo para a solicitação dos recursos frente ao governo estadual e federal, afinal a seca é um tema que emocionava e comovia. Por outro lado, mostravam-se enquanto oportunidade para que obras tão desejadas pelos governantes e grupos abastados da cidade pudessem ser realizadas com os recursos adquiridos para ajudar os retirantes, mas que, no entanto, seriam empregados em obras das quais, em sua grande maioria, eles não poderiam usufruir.

Nesse sentido, a presença dos retirantes na capital mostra-se para a elite e o governo como paradoxal. Se por um lado eles representavam um contraste ao padrão de modernidade influenciado pelos costumes europeus, e que tinha na França seu arquétipo. Por outro, eles possibilitaram ao governo edificar seu projeto de modernização do centro, utilizando a mão de obra barata dos retirantes, e ainda atraindo recursos do governo federal para o combate à seca. Portanto, as classes dirigentes enxergavam os retirantes como uma possibilidade contraditória de lucro e perturbação social.<sup>192</sup>

<sup>191</sup> *Correio de Bonfim*, 07 de fevereiro de 32, Ed. 20, p. 01.

<sup>192</sup> ALMEIDA, Rodrigo Cavalcante de. *A Modernidade e as Favelas: a produção do espaço urbano de Fortaleza a partir da Seca de 1932*. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Ceará, Ceará, 2012, p. 22



Temendo que os conflitos sociais se agudizassem, as obras eram apontadas como solução para os problemas da cidade, o controle dos flagelados e o uso de mão de obra barata para as construções. As obras, nas quais os investimentos do governo foram gastos, demonstram o tipo de prioridade das classes dirigentes, enquanto grande número de famílias trabalhava para receber um salário baixíssimo, quando não apenas uma ração para alimentar a família, e os recursos eram destinados ao embelezamento da cidade, construção de pontes e calçamentos.

Os flagelados responsáveis pela construção dessas obras não usufruíam o que construía, pois estes eram frequentemente retirados do centro da cidade. Além disso, as obras se mostravam como eficientes meios pelos quais se podia fazer propaganda, era importante para os grupos políticos imprimirem seus nomes em grandes obras, marcando sua gestão.

Vivendo na cidade grande/Na força da mocidade/Tinha ofício de armador/Armou do ferro da férrea necessidade/Pontes praças e pilares/Riquezas não desfrutou/Depois de tudo pronto/Tudo feito tudo arrumado/No bronze que foi lavrado/Só deu nome de doutor/O do prefeito, o do secretariado/E o do grande encarregado/Seu nome não encontrou [...]/Precisaria de uma placa que seria/Bem do tamanho da Bahia/Juazeiro a Salvador/Pra que coubesse/O nome de quem merece/De quem vive construindo\Homem, mulher e menino/Que é tudo trabalhador.<sup>193</sup>

## 2.2 CRIMES, DIREITOS E TRABALHO

Contudo, a seca desestruturava a vida dos sertanejos, inclusive suas relações sociais e o empobrecimento geral da população revelava as restrições das relações com os grandes proprietários, que não tendo mais como prestar os assistencialismos que a população carente esperava, terminavam por não cumprir com suas obrigações nos “acordos” paternalistas que mantinham com seus subalternos.

Com a desagregação dessas relações, a população passou a esperar ajuda do Estado, que deveria intervir nos momentos de dificuldades econômicas, auxiliando a população. Findo o vínculo paternalista, os sertanejos passaram a cobrar do Estado a ajuda necessária, cientes de estarem reivindicando um direito, e dessa forma agindo politicamente.

Percebemos que, conforme afirma Frederico Castro Neves, em seu artigo *Economia Moral versus Moral Econômica*, critica a historiografia, principalmente de matriz comunista, que desconsiderava as manifestações populares que não correspondiam aos modelos de

<sup>193</sup> Música “Trabalhadores do metrô”. Compositores: Raimundo Monte Santo - Walter Marques) interpretada por Xangai (Eugenio Avelino). CD: Mutirão da vida, 1984.

organização operária do século XIX: o partido, o sindicato. Dessa maneira, ele aponta que “É como se todas as experiências anteriores dos trabalhadores constituíssem apenas uma “pré-história”, que estivesse preparando as formas ‘reais’ e ‘históricas’ de constituição da classe e de organização operária”.<sup>194</sup>

O rompimento das relações paternalistas entre grandes e pequenos proprietários de terras foi consequência das dificuldades impostas pela seca, sendo essas relações baseadas na reciprocidade, no momento em que os grandes e médios proprietários não puderam mais dar assistência aos seus agregados durante os períodos de escassez, esses últimos se tornaram livres da obediência e submissão.

A revolta do sertanejo, expressada através do roubo e da morte, se deu por essa falha no pacto, em que os ricos deveriam auxiliar os pobres nos momentos de crise. Essa crítica não era instintiva ou irracional, e sim a noção do desrespeito aos valores tradicionais, baseados no “direito costumeiro”, o furto ou o saque ganhavam uma conotação de “legitimidade”, uma vez que furtar de quem construiu riqueza explorando os trabalhadores era de certa maneira justo, assim, a concepção de crime era relativizada.

O termo Paternalismo é complexo e deve ser usado com cautela, porém pensar as relações que se estabeleceram em Jacobina, Bahia, entendendo-as enquanto relações paternalistas nos permitem perceber que havia vantagens mútuas entre os governantes e grandes proprietários assim como entre estes e a população subalternizada. Assim sendo, a partir dos costumes e valores tradicionais, os necessitados reivindicavam auxílio nos períodos de escassez, dentro de um equilíbrio que deveria existir nessas relações, em que a exploração e a resistência eram mascaradas “pelos ritos do paternalismo e da deferência”. A assistência aos pobres era uma maneira de apaziguar essa população, assim como impedir possíveis contestações por parte da camada menos favorecida que esperava essa ajuda referendada na deferência que prestavam aos grandes proprietários.

As contribuições dessa nova historiografia<sup>195</sup> consistem justamente em perceber essas relações paternalistas para além de “[...] uma autodescrição da ideologia senhorial”, assim as obras de Thompson nos mostram que havia solidariedades horizontais, assim como antagonismos sociais. Portanto, segundo Challoub, citando Scott, diz que “[...] subordinação

<sup>194</sup> NEVES, Frederico Castro. “Economia Moral versus Moral Econômica: ou o que é economicamente correto para os pobres?”. In: *Projeto História*. São Paulo, 16 fev. 1998, p. 40

<sup>195</sup> CHALHOUB, Sidney. *Visões da Liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. REIS, João; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil séc. XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

não significa necessariamente passividade”<sup>196</sup>. Por esse raciocínio, muitas ações dos governantes eram vistas como favores prestados aos pobres, vistas de baixo, eram entendidas enquanto conquistas.

O sertanejo não deve ser percebido como aquele que só reage diante do instinto da fome, pelo contrário foi sujeito ativo que construiu dentro das relações muitas vezes conflituosas de seu cotidiano, diante de embates e acordos, um senso de justiça que o orientou a reivindicar seus direitos. A ajuda prestada pelos governantes era geralmente em forma de trabalho, uma maneira de justificar a distribuição dos socorros e de não alimentar a ociosidade e a vadiagem. Segundo Neves,

O trabalho cumpre uma função moralizante explícita: a caridade, por si só, leva o pobre a resignação e ao ócio, ao receber alimentos e outros benefícios sem contribuir com o esforço de seu trabalho para com a sociedade que lhe sustenta neste momento de crise.<sup>197</sup>

Albuquerque Jr. aborda que,

O sertanejo é visto como alguém disposto a qualquer tipo de trabalho. Não gosta de ter que pedir nada a ninguém. Quando o faz é no momento de muita necessidade, como nas secas. Assim mesmo sente-se humilhado, preferindo ter trabalho para fazer.<sup>198</sup>

Ainda sobre o tema, o jornal *Correio do Sertão* cita sobre a disposição dos sertanejos em trabalhar, destacando que:

Por toda parte vemos pessoas em busca de trabalho a fim de obterem um pequeno salário que lhes possa garantir de algum modo a subsistência, o que prova o esforço que empregam para não irem de encontro à lei de Deus que condena o ladrão, o assassino, o suicídio [...].<sup>199</sup>

A caridade deveria ser destinada aos que realmente mereciam, por isso precisou ser organizada e regulada. “[...] a preocupação com a mendicância e com seus excessos - a vagabundagem contumaz - levará a uma valorização do seu inverso: o trabalho”.<sup>200</sup>

<sup>196</sup> CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 47.

<sup>197</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 52.

<sup>198</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998, p. 128.

<sup>199</sup> *Jornal Correio do Sertão*, 24 de Janeiro de 1932, n. 727, p. 01.

<sup>200</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 95.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil vivia um período de transformações, pois muitas cidades buscavam se alinhar aos padrões de cidades civilizadas, com isso o trabalho era valorizado enquanto fonte de riqueza e prosperidade, logo, práticas como a jogatina, prostituição e embriaguez eram vistas como ataques diretos à moral, civilidade e ao progresso. Esses comportamentos deveriam ser combatidos e pessoas que não possuíam trabalho fixo eram consideradas vadias, devendo, pois, ser reincorporadas ao mundo do trabalho.

Segundo Eduardo Antonio Bonzato, em seu artigo *TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição*, o trabalho pode ser interpretado de duas maneiras, para alguns ele enobrece o homem e é parte fundamental da vida, para estes o seu primórdio semântico vem da palavra latina *lavoro*. Para outros, o termo trabalho é oriundo de outra palavra latina *tripalium*, um instrumento de tortura inquisitorial, tendo a conotação de sofrimento. “Aí, o trabalho passou a significar a submissão de homens a outros homens e passou a não fazer mais sentido para a vida”.<sup>201</sup>

As atividades e sociabilidades desenvolvidas nas comunidades tradicionais se afastam do segundo sentido atribuído ao trabalho. Nestas comunidades as atividades eram baseadas em laços de solidariedade mútua que permeavam todas as esferas da vida, práticas como o adjuntório, na qual estão englobados a festa, o cultivo e a religiosidade, assim como a caça, pesca e colheita em terras comuns, para estas comunidades a terra possui valor de uso e não valor de troca.

As obras públicas funcionaram como um processo de imposição do trabalho a pessoas que possuíam outras práticas, que viviam experiências diferentes do trabalho baseado no mercado capitalista. Os períodos de seca e o consequente esgotamento das lavouras, assim como o desemprego fez com que se tornasse imperativo para essa população partir para centros urbanos em busca de melhores condições, abandonando suas atividades tradicionais e conhecendo novas experiências nas cidades. A sua subjetividade está posta entre as práticas do mundo rural, baseado em uma ética camponesa e as novas experiências vivenciadas na urbe a partir da migração.

Essas experiências foram significativas em relação à tentativa de disciplinarização desses sertanejos através do trabalho. O alistamento nas frentes de emergência foram

---

<sup>201</sup> BONZATTO, Eduardo Antônio. “TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição”. Disponível em: <[http://unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/direito\\_foco/artigos/ano2011/Direito\\_em\\_foco\\_Tripalium.pdf](http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2011/Direito_em_foco_Tripalium.pdf)>. Acesso em: 24 abr 2014, p. 2.

maneiras eficientes de submeter os flagelados ao trabalho nos moldes do mercado capitalista, objetivando a extinção de outras práticas que não tinham como base esse sistema econômico.

Para esses trabalhadores, que desenvolviam as mais diversas atividades do mundo rural, o sentido atribuído ao trabalho nas frentes de serviço era entendido como um meio de garantir a sua sobrevivência e a de sua família enquanto a seca perdurasse. Era apenas um meio de sobreviver enquanto a chuva não caía na terra e eles poderiam retornar as suas localidades. Essas atividades eram marcadas por experiências totalmente diferentes daquelas relações estabelecidas em suas comunidades, as atividades desenvolvidas nas frentes de serviço eram pautadas em métodos racionais de produção, baseadas em uma forte hierarquia, horários e normas bastante rígidos.

Na realidade, a emergência de uma nova sociedade urbano-industrial acarretou duas consequências principais para as áreas rurais. Por um lado, inicia-se um acentuado processo de perda de centralidade econômica e social, social e simbólica por parte do mundo rural. Por outro lado, este tende a ser globalmente identificado com realidades arcaicas, enquanto as aglomerações urbano-industriais são vistas como palco, por excelência, do progresso.<sup>202</sup>

Esses trabalhadores que cultivavam, tendo como base a produção familiar, plantavam variado número de culturas que atendiam às necessidades fundamentais da própria família. Buscavam certa diferenciação daqueles que possuíam apenas uma fonte de renda, o salário. No entanto, os flagelados transformaram-se em mão de obra barata nos centros urbanos, passando a viver de salários baixíssimos, com os quais não era possível assegurar a segurança alimentar das famílias. Nas cidades, sob os ditames do mercado capitalista, novas necessidades materiais surgiram, e se no campo era possível produzir a própria alimentação, nas áreas urbanas esta população ficava cada vez mais subordinada e dependente dos mercados, tornando-a cada vez mais vulneráveis.

As famílias que tinham como base a cultura campestre e cultivavam diversos gêneros, ampliando ao máximo as possibilidades de atividades produtivas, quando se transformavam em assalariados nas cidades, passavam a ter apenas uma fonte de renda.

Havia embates entre os flagelados da seca e as novas relações de trabalho estabelecidas nos centros urbanos. A desobediência ou a recusa deles em relação a estes trabalhos eram considerados pelos encarregados das obras ou governantes locais enquanto

---

<sup>202</sup> FERRAO, João. “Relações entre mundo rural e mundo urbano: evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro”. *Sociologia, Problemas e Práticas* [online]. 2000, n.33, pp. 45-54. ISSN . Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n33/n33a02>>. Acesso em: 22 abr 2014.

indolência, no entanto, os trabalhadores rurais não recusavam os afazeres do campo, ainda que estivessem sujeitos ao proprietário das terras. Restava-lhes certa autonomia, na qual o ritmo do trabalho, as ferramentas utilizadas e o modo como este era desempenhado estavam ligados aos conhecimentos adquiridos ao longo de gerações e não ditados pelo ritmo do capitalismo.<sup>203</sup>

O que para muitos foi considerado como preguiça ou indolência estava muito mais ligado à tentativa de preservação de sua autonomia no desenvolvimento de suas tarefas. “Muitos vislumbraram nas secas - como o engenheiro André Rebouças - um momento propício para disciplinar os trabalhadores rurais ao assalariamento, visto como a mais moderna relação de trabalho”.<sup>204</sup>

Essa sociedade ainda carregava os resquícios de séculos de escravidão, nos quais o trabalho braçal era associado à escravidão e por esse motivo desprestigiado. Para integrar a mão de obra livre ao mercado trabalhista foi necessário um processo de transformação do pensamento relacionado a essa atividade humana. Tornou-se cada vez mais imperioso relacionar práticas como a vadiagem e a jogatina a atitudes degradantes.

Nas primeiras ações do governo provisório de Getúlio Vargas, estavam as medidas voltadas para a questão trabalhista. Desde o início dos anos trinta era nítida a preocupação com os trabalhadores. Logo, qualquer motivo que ferisse o ideal corrente, voltado para o trabalho enquanto construtor de um ‘progresso com ordem’ seria encarado como um ‘desvio passível de reprovação’.<sup>205</sup>

Essa ideia serviu para que houvesse uma exploração desmedida da mão de obra desses flagelados, afinal eles não tinham outra opção. Esses serviços objetivavam ainda controlar os “ímpetos revolucionários” dos flagelados. “Prefeitos do sertão temiam que o aumento do número de flagelados e a ausência do trabalho permitissem o crescimento dos bandos de cangaceiros, a exemplo do liderado por Virgulino Ferreira, o Lampião”<sup>206</sup>. Dessa forma, o trabalho tinha uma função pedagógica, enquanto elemento disciplinador do homem.

Nessa perspectiva, a marginalidade (no sentido de contravenção) estava diretamente relacionada ao empobrecimento dos indivíduos, classificados enquanto vadios e desocupados. Tal conceito, vinculado a nova ética no trabalho, atuou no sentido de uma política concreta de perseguição a indivíduos ou grupos sociais que não

<sup>203</sup> CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. “Operários das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará - 1877-1919)”. In: *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 3, n. 6, jul-dez. 2011, p. 176-193.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 190.

<sup>205</sup> JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina. (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p. 54.

<sup>206</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 151.

estavam inseridos na lógica do trabalho, e principalmente exerciam comportamentos que destoavam da conduta sóbria e disciplinada eleita como padrão de comportamento para os trabalhadores/as nacionais.<sup>207</sup>

Foi desenvolvida uma operação, especialmente por parte da imprensa, relacionando o retirante desempregado que perambulava pelas ruas a termos pejorativos, que associavam essa população a vocábulos como vagabundos e preguiçosos. Defendendo a importância do trabalho para esse grupo, a solução dos problemas sociais estava vinculada ao projeto de empregar a população flagelada.

É preciso lembrar que era corrente a ideia do trabalho como fator de progresso para o país, logo o ócio inerente aos costumes aqui referidos, representava a inversão do mundo do trabalho provocada pela aproximação do mundo da criminalidade e marginalidade e se contrapunha à noção de produtividade e progresso.<sup>208</sup>

Muitas vezes o importante era ocupar essa camada da população para que não causassem distúrbios na cidade, pois o abandono do sertanejo por parte das autoridades causava uma quebra no pacto paternalista, liberando-o de sua obediência e submissão, causando uma desestruturação social.

Os constantes desrespeitos a esse código de valores leva a que, no nível de discurso, se crie um homem do sertão, um sertanejo mítico que incorpore todas as qualidades, mas que no momento da seca, se vê obrigado, pelo desespero, pela miséria, a perder muitas dessas qualidades e transgredir valores tradicionais.<sup>209</sup>

A esse respeito também demonstra o Jornal *Correio do Sertão*,

[...] impelindo para a prostituição donzelas quasi creanças que, obrigadas pela fome, cansadas de mendigarem o pão, sem proveito apelam para as suas virgindades, abandonando a flor do seu corpo a troco de uma migalha!!! Obrigando homens até bem pouco tempo, honestos, tornarem-se ladrões e até assassinos para saciar a fome dos filhinhos corda estremecida dos seus corações [sic].<sup>210</sup>

As relações de tipo paternalistas não apresentavam obrigações apenas para o agregado ou o trabalhador, mas o proprietário também deveria dar assistência e proteção ao seu agregado. Esse acordo pressupunha uma série de obrigações que se não fossem cumpridas,

<sup>207</sup> SILVA, Mayara Plácido. *Experiência de trabalhadores/as pobres em Feira de Santana (1890-1930)*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012, p. 17.

<sup>208</sup> JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina. (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p.72.

<sup>209</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998, p. 126.

<sup>210</sup> *Correio do sertão*, 04 de setembro de 1932, n. 759, p. 01.

abriam espaço para a quebra da submissão e obediência do agregado ou apadrinhado, sendo a reciprocidade o componente fundamental destas relações.

A revolta do sertanejo devia-se à falha no pacto, no qual os ricos não o auxiliavam nos momentos de crise, e não era instintivamente ou irracionalmente, mas sim a noção de desrespeito aos valores tradicionais. Esses atos eram entendidos como atos de justiça diante do desrespeito a esse código. Albuquerque Jr. diz que,

Autores que tem uma visão que restringe as grandes lutas, aos grandes momentos organizados de reivindicação, o espaço de luta na história, talvez achem que os motins ‘desorganizados’ da seca, os roubos os assassinatos, os subornos, os saques, não são formas de luta dignas de constarem nas paginas da historia dos dominados, e até que aceitem que realmente foi só o desespero pela fome que os causou: eles não só teriam a barriga vazia, mas a cabeça também seriam simples animais agindo pelo instinto de sobrevivência.<sup>211</sup>

A assistência prestada aos pobres funcionava enquanto um apaziguamento diante da possibilidade de revolta por parte dos sertanejos, que esperavam ajuda com base em um direito referendado pelo costume. Como indica Gonçalves, até o furto “[...] tratava-se como uma resposta a expectativas marcadas pelo costume, legitimando determinados usos e práticas diante das dificuldades surgidas com a seca”<sup>212</sup>. Ainda, segundo a autora,

Pequenos furtos, principalmente a plantação que ainda guardavam alimentos justificavam-se pelo apelo ‘moral’ da pobreza e da fome. Embora efetuassem algumas repressões, as autoridades policiais se recusavam a relacionar tais roubos ao crime. O empobrecimento diante da seca e a existência de relacionamentos no interior dessas comunidades impedia acusações formais ou o uso da violência diante da justificativa da fome.<sup>213</sup>

Dejulina relembra que alguns indivíduos diante das agruras impostas pela seca, ao verem um filho com fome, invadiam as propriedades dos que ainda possuíam algum tipo plantação e saqueavam. Assim ela nos conta que,

Chegava lá na roça, tinha um fio no meio da casa aí caído de fome, ia na roça daquele cara, num podia pedir por que ele num dava, por que não dava pra dar mesmo, ia lá **rancava** quatro ou cinco pezinho de mandioca, chegava em casa sabe o que é que fazia? Ia cavar um buraco no fundo da casa, enterrar e botar uma pedra em

---

<sup>211</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p. 151.

<sup>212</sup> GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX (Sociedade e Política)* 2000.169f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000, p. 47.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 151



cima, que era pro dono num achar, o dono tomava o rastro e vinha atras se chegasse a achar, pegava marrava no pescoço e levava pra delegacia ia **judiar** [...].<sup>214</sup>

Quando DeJulina enfatiza “[...] pegava marrava no pescoço e levava pra delegacia ia judiar”, ela deixa claro que essa sociedade baseada nos valores do trabalho e da defesa da propriedade privada, buscava reprimir atos como o saque, mobilizando todos os seus meios de coerção para controlar esse tipo de prática. “‘Judiar’ e ‘castigar’ são expressões que não dissociam as ‘condições objetivas’ de certo tipo de subalternidade social, mas que, principalmente indicam como elas são interpretadas pelos próprios trabalhadores”.<sup>215</sup>

A narradora deixa claro que a expressão judiar ganha o sentido de maltratar injustamente, alguém que diante das dificuldades impostas e pelo descaso em que vive, “pegou” um gênero alimentício para matar a sua fome ou de um familiar. Assim, ela continua a dizer que [...] um cara fosse num chiqueiro de noite e pegasse um cabrito pra dar um caldo a um por que tava caído no meio da casa, eles pegava amarrava a fuçura no pescoço, marrava o couro, levava pra delegacia pra bater<sup>216</sup>. Quando a narradora deixa claro que o objeto do roubo deveria ser exposto no pescoço do acusado, é possível perceber que existe nessa prática uma ideia de que a punição deveria ser pedagógica, exemplar.

E o “saque” acontecia, não porque os flagelados não acreditassem nas punições, mas por que as penúrias sofridas gritavam mais alto. “Como é que se pode incutir medo num homem que não sente fome apenas em seu estômago, mas também na barriga torturada dos filhos? Não se pode assustar um homem assim [...]”<sup>217</sup>. Não havia punição mais cruel do que aquela já vivida pelos retirantes. Não era possível imputar em alguém o medo pela punição de um crime, quando esta pessoa está vivenciando a dor da fome. Um conceito abstrato como o de propriedade privada é muito vago, para na prática impedir que alguém a quem foi roubado a dignidade, possa matar a sua fome e de familiares.

Os fazendeiros percebiam com clareza a dimensão de resistência à disciplina de trabalho de que se revestia a ação do furto entre os trabalhadores. Por isso, explicavam a ideia segundo a qual somente era possível à subordinação do homem ao trabalho, moralizando o povo e acoçando os ladrões.<sup>218</sup>

<sup>214</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 20011.

<sup>215</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações*: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998, p. 113.

<sup>216</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações*: Bahia 1950-1980. São Paulo: Annablume, 1998, p. 113.

<sup>217</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2008, p. 297.

<sup>218</sup> BARREIRO, José Carlos. “Tradição, Cultura e Protesto Popular no Brasil, 1780-1880”. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 16, 1998, p. 23.

Barreiro, ao analisar as contribuições da historiografia social Inglesa, que estuda os movimentos operários do século XIX, mostra que esses estudos foram pontos de partida importantes para analisar os movimentos sociais contemporâneos. Assim ele aborda que é necessário “[...] subverter as interpretações da historiografia que tem até agora visto o crime como um ato primitivo, brutal e estéril de manifestação ou mesmo como um estagio patológico da vida social”.<sup>219</sup>

Com base nessa ideia, seria a situação de penúria e miséria, na qual estaria essa população, que levaria alguns a saquear, no entanto, é possível conceber que os sertanejos possuíam uma concepção de saque no qual “Quando se trata de furtar o fazendeiro, o furto assumia uma noção legitimante”.<sup>220</sup>

Essa “noção legitimante” surgiu da situação de exploração que essa população vivia, percebendo que o fruto de seu trabalho, na maioria das vezes, não era suficiente para alimentar sua família e que os proprietários, pelo contrário se aproveitavam dessa situação para aumentar seus domínios.

Os trabalhadores dentro dessas relações estabelecidas cotidianamente questionavam a distribuição de riquezas, relativizando o conceito de crime, por entender que a riqueza dos grandes fazendeiros foi construída através de sua própria exploração. Podemos perceber essa noção na narrativa de DeJulina, uma vez que em momento algum ela usa a palavra “saque”, “roubo” ou “furto”, demonstrando que não era considerado crime pela depoente. O fato de um pai de família “pegar” um gênero alimentício na propriedade de outro, para ela era justificável.

O saque era entendido como uma ação ilegal, mas legitimado diante da situação de escassez. Para um trabalhador, para um pai de família, a decisão do saque leva a questionamentos profundos dos seus princípios e valores sociais, pois do outro lado está o que ele rejeita, o “ladrão”. Devido a esse conflito vivido no momento de penúria pela população, o saque pode ser visto ainda enquanto instrumento de pressão com vistas o atendimento das solicitações dos flagelados perante os governantes.<sup>221</sup>

Segundo a corrente que analisa as ações dos homens em tempos de escassez com base na “visão espasmódica” criticada por Neves, o homem estando com fome se aproximaria dos instintos animais, nos quais de maneira irracional lutaria pela sobrevivência, logo essa população que estaria sob o efeito da fome, do desespero, não poderia ser responsabilizada

---

<sup>219</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>220</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>221</sup> GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da seca*. Recife: Massangana, 1998, p. 191.

por suas ações. Esse tipo de “saque” já era esperado diante da situação imposta pela seca. “Agindo pelo impulso da fome e do instinto de sobrevivência, o homem não pode ser responsabilizado pelos seus atos”<sup>222</sup>. Não podemos esquecer, no entanto, que as ações dos sertanejos não refletem apenas o desespero, mas sim a noção de que era obrigação dos poderosos socorrer os necessitados nos momentos de dificuldade. É a quebra nesse pacto que faz com que os sertanejos optem pelo saque e outras ações.

As obras públicas tinham por objetivo principal a ocupação dos flagelados da seca, através das frentes de trabalho, pois estes deveriam contribuir com o seu esforço, para obterem ajuda nos tempos difíceis. A oportunidade de ter acesso à ajuda prestada pelo governo era dependente de uma disposição incondicional para trabalhar.

Na visão que se estruturava nestas primeiras décadas do século XX, qualquer trabalho para o retirante é melhor do que nenhum, mesmo que os bens construídos sejam inúteis: o importante é ocupar o retirante para que ele não mendigue, nem cobre direitos, nem proteste.<sup>223</sup>

Essas obras eram basicamente de engenharia, como aguadas, perfuração de poços artesianos, dentre outros. Havia por parte dos governantes uma visão simplista que reduzia a questão das secas no Nordeste apenas à falta de água.

Até o início dos anos 50, as ações se concentravam em grandes obras de engenharia, especialmente a construção de açudes e estradas e a perfuração de poços baseadas na concepção de que a escassez de água era a causa do que se denominava ‘problema nordestino’.<sup>224</sup>

Villa também demonstra essa visão ao analisar as ações do IFOCS, “Dando seguimento ao que se tornaria uma longa tradição, a Inspeção continuou construindo açudes, nem sempre com critérios de viabilidade econômica, e perfurando poços, [...] favorecendo os grandes proprietários”<sup>225</sup>. Essas obras pouco melhoravam a vida das pessoas que eram atingidas diretamente pelas consequências das secas, pois essa camada da população não tinha acesso aos meios de produção para se beneficiar delas. Portanto, essas construções atendiam apenas aos grupos abastados da cidade, dotando essas propriedades de infraestrutura que lhes

<sup>222</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 113.

<sup>223</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 96.

<sup>224</sup> DUARTE, Renato Santos. *Do desastre natural à calamidade pública: a seca de 1998/1999*. Fortaleza: Fundação Joaquim Nabuco, 2002, p. 16.

<sup>225</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 125.

permitissem aumentar seus domínios e o valor de suas posses, como demonstra Albuquerque Jr,

As obras construídas pela Inspetoria, principalmente os açudes, poços e aguadas, se dirigiam preferencialmente para os grandes e médios proprietários de terra, somando ao monopólio desta o monopólio das fontes de água numa região seca. O controle das fontes de água passa a ser mais uma arma no controle e domínio sobre a população mais pobre.<sup>226</sup>

A imprensa fazia eco aos pedidos dos governantes locais ao solicitar verbas para a construção de obras na cidade. Pelas publicações feitas no Jornal podemos inferir que muitas dessas solicitações foram atendidas, demonstrando que os pedidos feitos em nome dos flagelados e o uso da seca como forma de angariar recursos continuava sendo um discurso que dava frutos.

O Sr. Ministro da Viação communicou ao Sr, Interventor Federal, neste estado, a aprovação do projectado 'Açude poço de fora', um dos três constantes do programma da Inspectoria de Seccas, com referencia a este Estado. Adiantou o Sr. Américo titular daquela pasta, que mandou atacar immediatamente as obras respectivas, para quaes foi feita a remessa de cem contos de réis. Qualquer obra publica na Bahia, especialmente no Nordeste, onde fica situado o novo açude, tem a dupla vantagem: dotação do povo de uma obra de utilidade magnífica e dar trabalho ao sertanejo que, neste momento trágico de secca e banditismo emigra para toda parte, despovoando uma das mais ricas zonas do Estado [sic].<sup>227</sup>

Havia ainda a preocupação por parte dos grandes proprietários quando o assunto era perder os trabalhadores da região, devido ao grande número de retirantes que migraram em busca de melhores condições de vida e trabalho. Dessa maneira, essas obras serviriam ainda como modo de prender esses trabalhadores, até que as chuvas retornassem e eles voltariam a ser úteis aos fazendeiros da região.

Esse tipo de ação, diziam seus defensores, em geral alinhados à política liberal, deveriam substituir as tradicionais doações de mantimentos, consideradas esmolas que incentivariam o ócio, pelo trabalho assalariado, que a um só tempo serviria para possibilitar melhoramentos físicos na província educaria os sertanejos para o trabalho moderno dando-lhes a 'dignidade' que não teriam como meros pedintes lhes mantendo ao mesmo tempo, ocupados e afastados dos centros urbanos já sem condições de absorver a população.<sup>228</sup>

<sup>226</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p. 387.

<sup>227</sup> *Correio de Bonfim*, 1 de Novembro de 1931, ed. 6, p. 6.

<sup>228</sup> FARIAS, Helio Takashi M. de. *Contra as secas: A engenharia e as origens de um planejamento territorial no nordeste brasileiro (1877-1938)*. 2008. 169f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008, p. 110.

O jornal busca propagandear as ações do governo para o combate da seca, como se o sertanejo fosse o motivo para a solicitação da verba. A construção da obra tinha como principal argumento dar emprego ao flagelado, retirando-os das ruas para atuarem na construção de obras que atestariam a modernização da cidade.

Seria de incontestável vantagem que ampliando tais serviços o Sr. José Américo mandasse logo iniciar o serviço das rodovias previstas no plano geral, elaborado para o presente exercício, na região nordestina, serviço que muito concorreria para a solução do problema em que se empenha o Sr. Interventor. [sic].<sup>229</sup>

Para a imprensa e dirigentes locais era importante a disseminação da ideia de que a solução para o problema das secas passava pela correção do secular “atraso do sertão”, logo a construção de estradas era uma das saídas apontadas, pois levaria o desenvolvimento à região. Sobre as estradas de ferro e de rodagem,

Ambas contribuíram, não obstante, para diminuir o isolamento da zona afetada pelas secas, tendo sempre como meta possibilitar a circulação: de retirantes, de operários, de mercadorias, de materiais construtivos, de água, de mantimentos, e circulação de informação, que seriam responsáveis pela modernização técnica e cultural do sertão.<sup>230</sup>

As grandes obras hídricas criadas supostamente para combater a seca e resolver o problema da escassez de água acabavam por reforçar a concentração de terra e reservatórios hídricos nas mãos de poucos. Essa visão simplista, que reduzia o problema do Nordeste à falta de água e que perdurou até os anos 50, não abordava outros fatores, como por exemplo, a questão da estrutura fundiária. Pelo contrário, reduzia o problema da seca apenas a questões climáticas, desconsiderando os fatores sócio-políticos. Conforme afirma Neves, “Os frutos desse trabalho não são, assim, materiais, mas essencialmente políticos”.<sup>231</sup>

Muitas foram as medidas na tentativa de reordenar a cidade de Jacobina e de acordo com os novos padrões de desenvolvimento e progresso, as cidades, especialmente as áreas centrais, passaram por transformações importantes nas primeiras décadas do século XX, que visavam moldar o espaço urbano de acordo com os padrões da “modernidade”, a exemplo da Companhia Força e Luz, da instalação da ferrovia, reformas no centro da cidade e construções. O desejo de progresso e desenvolvimento passava pelo discurso e a prática

<sup>229</sup> *Correio de Bonfim*, 1 de Novembro de 1931, ED. 6, p. 6.

<sup>230</sup> FARIAS, Helio Takashi M. de. *Contra as secas: A engenharia e as origens de um planejamento territorial no nordeste brasileiro (1877-1938)*. 2008.169f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008, p. 133.

<sup>231</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 241.

dos governantes, no entanto não podemos esquecer que Jacobina era uma cidade com fortes vínculos com o rural.

Aqui era lá uma pessoa ou outra que conhecia Jacobina, não conhecia Jacobina, pois bom, não andava ninguém de Jacobina aqui, não, Jacobina nesse tempo, era, talvez fosse do tamanho do Peixe, eu ainda alcancei Jacobina pequena, aquelas ruas ali da Beira Rio era tudo mato, era tudo mato ali não tinha casa, aquela feirinha ali do mercado véio ali, do lado da estação, perto do fórum, ali assim a areia cobria os pé da gente, tudo cheio de pé de pau, o povo matava gado e dipindurava os quarto era nos pé de pau pra cortar pra vender o povo, uma feirotazinha, agora Jacobina cresceu muito daí pra cá, aí vem cresceno cresceno [sic].<sup>232</sup>

Manuel, morador da zona rural, observava que poucas pessoas conheciam a cidade de Jacobina e que esta ainda apresentava características da forte ligação entre o mundo rural e o urbano. Lembra que o centro da cidade era pequeno e comparava-o a um povoado do município de Capim Grosso, perto da atual residência do narrador.

Na tentativa de demonstrar que a Jacobina das primeiras décadas do século XX ainda não apresentava as características e o desenvolvimento pretendido pelos governantes e a imprensa, ele lembra que as atuais ruas centrais eram cobertas de areia, busca demonstrar que a feira era pequena, expressando assim o reduzido número de moradores da cidade.

Para além de apresentar os aspectos gerais que recorda da cidade, a fala de Manuel demonstra a distância que havia entre a maioria da população que nesse período vivia na zona rural do município e o centro administrativo e político da cidade.

### 2.3 ISOLAMENTO E POBREZA

Percebe-se que o discurso da seca, nesse período, foi utilizado para angariar recursos que pudessem beneficiar a cidade com a construção de obras emergenciais, a um baixo custo. Assim, os líderes políticos buscavam incluir o discurso da seca como forma de buscar por recursos para a modernização da cidade.

A imprensa e boa parte dos líderes políticos jacobinenses concebiam a ideia de que para alcançar esse padrão de modernidade, era necessário mudar os aspectos arquitetônicos das construções, erguendo grandes obras com base nos padrões de “progresso” e “civilidade”, porém os flagelados e a população pobre fugiam desse padrão, com suas práticas que contrariavam o ideal de cidade moderna e civilizada.

<sup>232</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

Elucidando essa ideia, por exemplo, no Código de Posturas do Município, de 1933, existem vários artigos que destacavam essa preocupação com as atitudes das camadas subalternizadas que eram consideradas como sinônimos de atraso, como por exemplo, a criação de animais soltos na cidade, além das reclamações em torno de práticas como banhos, lavagem de roupas, animais e o despejo de cascalho nas águas dos rios da cidade.<sup>233</sup>

Entrou em cena também, o discurso que apontava outra solução: o emprego da mão-de-obra ociosa na construção de obras públicas no espaço da própria cidade. Tal medida casaria perfeitamente com os interesses da elite preocupada em construir novos espaços para abrigar o centro da cidade de costumes considerados ultrapassados, como a limpeza de animais abatidos em calçadas, a presença de animais de montaria amarrados na praça, hábitos estes que comprometiam o ideal de civilidade e progresso que tanto almejavam alcançar.<sup>234</sup>

Com base nesse padrão de modernidade, esses dirigentes locais buscaram arregimentar recursos para a construção de grandes obras. “Desse modo, a imagem de carência e abandono tem um endereço certo e um retorno garantido de dividendos políticos e econômicos”<sup>235</sup>. Assim, observa-se no jornal *Correio do Sertão*, o anúncio da construção de uma rodovia ligando Jacobina a Feira de Santana, esta com recursos destinados aos flagelados. Dizia a notícia que “Veio o Cel. Francisco Rocha Pires, tratar especialmente, da construção de uma estrada de rodagem de Jacobina a Feira de Sant’Anna”<sup>236</sup>.

Outro jornal, *O Lidador*, também divulgava a construção de uma ponte sobre o rio Itapicuru.

Pelo comboio de ontem chegou a esta cidade o Engenheiro Civil Jaime Furtado de Simas, da Inspectoria de Obras Contra as Secas. [...] ao que estamos informados vem fazer os estudos necessários à construção de uma ponte de cimento sobre o rio Itapicurú [sic].<sup>237</sup>

Segundo Neves,

A maioria dessas estradas foram construídas para manter empregados milhares de retirantes. Não tinha planejamento econômico, que as relacionasse com a economia

<sup>233</sup> Código de Posturas de Jacobina, 30/12/1933.

<sup>234</sup> MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932* (Vila de Canabrava do Gonçalves/Xique-Xique). 2010. 132f. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós Graduação em História Regional e Local, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010, p. 97.

<sup>235</sup> CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 212.

<sup>236</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 29 de maio de 1932, n. 745. p. 01.

<sup>237</sup> Jornal *O Lidador*, 17 de fevereiro de 1935, n. 75. p. 01.

da região. Acabaram sendo fruto da pressão política dos prefeitos e interventores que lutavam para manter a ordem publica.<sup>238</sup>

Podemos perceber que os discursos dos periódicos revelam o embasamento nos ideais do trabalho e do “progresso” que eram valores característicos do período em que estavam em circulação,

O *Lidador* se autodenominando ‘Imprensa Sertaneja’ o periódico publicou matérias exaltando ações que pudessem promover o desenvolvimento de Jacobina e condenando hábitos que afastassem a cidade do ideal de modernidade e ‘progresso’.<sup>239</sup>

Esses ideais ficaram claras nas solicitações feitas pelo *Jornal Correio do Sertão*: “Peçamos aos nossos representantes a construção de açudes, estradas de rodagem, poços artesianos, etc, qualquer serviço que proporcione aos sertanejos um serviço qualquer”<sup>240</sup>. O estudo das fontes pesquisadas confirma que a solicitação de recursos na construção de grandes obras seriam a solução para os problemas causados pela seca. No entanto, ao mesmo tempo esses retirantes tornavam-se indesejáveis e deveriam ser retirados do centro da cidade. O jornal *O Lidador* não poupou críticas aos sertanejos quando estes não se adequavam aos padrões de trabalhador “apto” a contribuir com a pátria. O próprio nome do periódico sugere labor, trabalho, deixando clara a concepção de seus idealizadores.

Esse ideal de modernidade foi característico do projeto de modernização do país proposto por Getúlio Vargas.

O longo governo Getúlio Vargas (1930-1945) preservou a lógica vigente de construção de açudes como antídoto contra as secas. Como novidade, houve a intensificação da construção de rodovias cortando a região, principalmente os sertões, também sob o encargo do órgão.<sup>241</sup>

Através dessas obras e da utilização da mão de obra do flagelados, seria alcançado o desenvolvimento pretendido pelos governantes, no entanto, “[...] as medidas contra as secas

<sup>238</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 159.

<sup>239</sup> JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p. 125.

<sup>240</sup> *Jornal Correio do sertão*, 24 de janeiro de 1932, n. 727. p. 01.

<sup>241</sup> POMPONET, André Silva. “100 anos de DNOCS: Marchas e contramarchas da convivência com as secas”. In: *Conj. & Planej.*, Salvador, n. 162, p. 58-65, jan-mar. 2009, p. 60.



não permitia mudar o quadro estrutural por que a construção de açudes não se traduzia na capacidade produtiva”.<sup>242</sup>

Diversos grupos se apropriaram do “discurso da seca” e fizeram uso deste de diferentes formas, de acordo com os interesses de cada um.

É possível localizar ainda a qual grupo social este mais beneficiou, mesmo sabendo que deu respostas às diferentes angústias dos diferentes grupos sociais, e que uns tiveram mais astúcia na sua utilização que outros, visto que as diferentes posições sociais dos discursantes vão intervir na sua repercussão prática ou na sua eficácia.<sup>243</sup>

Para o governo estadual e federal, a seca se apresentava como oportunidade para que essas esferas do poder se fizessem presente no interior do estado, através da distribuição de recursos aos flagelados e da construção de grandes obras, que permitiriam o desenvolvimento regional. Por conseguinte, esta seria uma forma de prestar contas à região, demonstrando “preocupação” com a população local. Considera-se que a “ajuda” prestada às vítimas da seca, era uma excelente forma de angariar votos e apoio político, sendo muitas vezes essa temática utilizada como promessas políticas, ficando visível que havia uma relação direta entre apoio político e, em contrapartida, liberação de recursos no combate às secas.

A imprensa local teve papel fundamental na divulgação dos benefícios recebidos pelo município e através da ênfase dada a essas obras, bem como a outras benfeitorias, buscava-se demonstrar apoio a determinados políticos, como mostra a reportagem do jornal *O Lيدador*,

O Cel. Francisco Rocha Pires, elemento dos de mais prestígio político e social nos grandes e progressistas municípios de Jacobina, Djalma Dutra e Saúde, é um desses homens dynamicos, que não podem deixar de estar fazendo, sempre, um beneficio a municipalidades que representam ao povo a que servem, para maior bem de sua terra, para maior engrandecimento do Estado. [sic].<sup>244</sup>

A imprensa local utilizava as notícias veiculadas à seca para criticar grupos opositores, cobrar recursos do Estado, ou ainda apoiar determinados grupos políticos. Dessa forma, é necessário perceber de que modo a seca foi utilizada como pano de fundo para uma série de

<sup>242</sup> POMPONET, André Silva. “100 anos de DNOCS: Marchas e contramarchas da convivência com as secas”. In: *Conj. & Planej.*, Salvador, n. 162, p. 58-65, jan/mar. 2009, p. 60.

<sup>243</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998, p. 14.

<sup>244</sup> *Correio do sertão*, de 29 de maio de 1932, n. 745. p. 01.

jogos de interesse e articulações políticas. Nesse sentido, “O discurso da seca foi, portanto, competentemente elaborado, divulgado e assimilado”.<sup>245</sup>

A tentativa por parte do poder público, apoiado pela imprensa e grandes proprietários, de buscar junto ao governo estadual e federal verbas para a construção de grandes obras que pudessem dotar a cidade de aspectos “modernos”, sugere a tentativa de apagar da cidade as características rurais, encobrando-as e erguendo uma nova memória para a cidade, agora com ares de cidade civilizada e moderna.

O sertanejo foi sistematicamente excluído das ações do Estado, porém é impactado direta ou indiretamente por elas. A própria condição de carência e fragilidade da região é apropriada pelo discurso político, tornando sua perpetuação um fator estratégico, que permite o uso constante dessa situação, mesmo que o discurso seja modificado para se adequar ao momento.<sup>246</sup>

As ações de “combate à seca” e a ajuda aos flagelados, amplamente divulgadas pelos jornais, com extensas reportagens descrevendo os sertanejos famintos e maltrapilhos, perambulando pela cidade, em momentos específicos dentro do jogo político, podia definir a vitória de um candidato ou, por outro lado, a divulgação do abandono dos retirantes por parte dos governantes servia para impedir a ascensão política de outro grupo.

## 2.4 “PARECE QUE NESSE TEMPO NÃO HAVIA GOVERNO”

A literatura que aborda as ações de “combate às secas” em diversos estados brasileiros e as ações dos governos estaduais e federais, a fim de minorar os efeitos desta, mostram que essas ações nunca buscaram resolver as reais causas do fenômeno, sempre foram um paliativo, pois a seca para os governantes tornou-se um mecanismo pelo qual grupos políticos puderam se perpetuar no poder e utilizá-la como meio de angariar recursos.

Dentre muitas ações, a construção de estradas de rodagem férrea e a açudagem foram as principais, segundo a ideia de que para vencer o atraso do sertão era necessário interligá-las às outras áreas do país para que pudesse se desenvolver. Além disso, a seca seria apenas falta d’água, portanto a solução perpassava pela açudagem. Em todos esses projetos havia interesse dos governantes no uso dessas verbas destinadas aos sertanejos atingidos pela seca, no entanto

<sup>245</sup> CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992, p. 60.

<sup>246</sup> CHACON, Suely Salgueiro. *O sertanejo no caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 2007, p. 160.

foram usadas para reforçar o poder de determinados grupos políticos voltados para “a indústria da seca”.

Na tentativa de impedir a chegada de retirantes flagelados da seca, foram criados campos de concentração em diversas cidades do Ceará, especialmente as que possuíam estações ferroviárias, para impedir os flagelados de chegar às cidades buscando melhores condições, muitos deles impedidos de se aproximar dos centros urbanos, ficavam retidos nesses campos denominados como “currais”.

Mesmo diante dos muitos projetos propagandeados pela imprensa local, as verbas destinadas e as ações tomadas em diversas partes do país, as análises no presente trabalho atenta-se para as narrativas de pessoas que argumentam não terem sido beneficiadas por projetos que os auxiliassem em momentos de escassez causados pela seca.

Pensamos o tempo como sequencial, linear. Assim como, nos acostumamos a pensar a memória como um arquivo que armazena lembranças, que podemos acessar sempre que necessário. Freud em seu artigo “*Lembranças da infância e lembranças encobridoras*” demonstra que “lembranças encobridoras” trabalham como um processo defensivo do funcionamento do inconsciente, impedindo lembranças censuradas.

Freud diz que as lembranças preservadas da infância não são escolhidas aleatoriamente, elas podem ser substitutas de outras através de um processo de deslocamento, no qual a memória registra lembranças aparentemente indiferentes, no entanto, elas encobrem lembranças significativas.

De vez que as lembranças indiferentes devem sua preservação, não ao seu próprio conteúdo, mas a um vínculo associativo entre seu conteúdo e outro que esta recalçado, elas podem fazer jus ao nome “lembranças encobridoras” com que foram por mim designadas.<sup>247</sup>

As lembranças encobridoras se associam a outras que aparentemente não possuem ligação direta. Sabemos ainda que as lembranças de infância são preservadas por motivos completamente diferentes daquelas da fase adulta e em algumas situações ressignificamos essas lembranças conforme as vivências e experiências da idade adulta.

Quando questionados a respeito de possíveis ajudas prestadas pelos governantes, os narradores foram unânimes em negar qualquer auxílio prestado pelo governo a eles ou a familiares. Isso pode nos indicar dois caminhos. No primeiro, lembra-se que os

---

<sup>247</sup> FREUD, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901)*. v. IV, Imago: Rio de Janeiro, 2006, p. 59.

acontecimentos da infância, idade da maioria dos narradores em 1932, ganham significados diferentes daqueles atribuídos na idade adulta, por isso em muitos casos armazena-se imagens da infância que aparentemente não possuem importância, em algumas situações, e essas imagens podem encobrir lembranças que diante de um dilema ficaram como uma recordação censurada.

Podemos conjecturar que possivelmente os familiares ou os próprios narradores, diante da situação de penúria, tenham se visto em um dilema e nele a ajuda prestada pelo governo representasse o abandono de sua cultura pautada no mundo rural. Geralmente, a ajuda prestada pelo governo vinha em forma de trabalho, que dentro de uma lógica capitalista, o sertanejo passava a ser empregado assalariado, envolvido em uma organização de trabalho desconhecida para ele.

O segundo caminho pensado diz respeito à maneira como, enquanto crianças, os narradores preservaram essas lembranças e através das experiências vividas, deram novas significações, buscando marcar uma contraposição em relação ao passado baseando-se no presente.

Nada, nada, nada não, nenhuma ajuda. Hoje, hoje esse mundo hoje ta um céu, você num quer compara com o céu por que com o céu ninguém compará mas o mundo hoje ta como que o Céu . Apois não, ninguém achava nada, nada, nada, nada no mundo e era uma viúva coitada com oito filho, com oito filho [sic].<sup>248</sup>

O narrador compara o mundo atual com o céu, pois segundo ao comparar a maneira como as pessoas vivem hoje, com as dificuldades enfrentadas em 1932, estaríamos vivendo no paraíso, em oposição ao inferno enfrentado nos momentos de escassez e penúria. Essa comparação toma como base os benefícios sociais oferecidos pelo governo, especialmente no que diz respeito ao benefício da aposentadoria para o trabalhador rural.

Lindolfo diz que sua mãe era viúva e tinha oito filhos, o que para ele justificaria maior atenção e, conseqüentemente, ajuda por parte do governo. Percebe-se, pois, que quando o narrador salienta essa informação, faz questão de deixar claro que diante de situações como a de sua família, era legítimo o recebimento de auxílios oferecidos pelos governantes, o que, no entanto, não aconteceu segundo ele.

O quê minha fia pelo amor de Deus? Apois tudo isso eu falo hoje, hoje tem Fome Zero, Bolsa Família, tem aposento, tem vale gás, tem mais num sei o quê, ainda hoje, todo dia eu assunto as coisa ai na radio de manha apois bem, naquele tempo fia

---

<sup>248</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

tu só achava uma ajuda, tu só achava uma ajuda se um cara ainda tivesse um resto de farinha [...] se tu achasse uma mão de farinha [ sic].<sup>249</sup>

As primeiras mudanças em relação ao reconhecimento dos direitos dos trabalhadores rurais ocorreram com a constituição de 1988. Através desses benefícios eles perceberam o aumento da estabilidade em relação à renda, maior possibilidade de acesso a bens de consumo e manutenção da segurança alimentar das famílias. Tendo acesso a alguns desses benefícios sociais, os narradores ao recordarem as experiências vividas na seca de 1932, consideram que estavam abandonados pelo governo.

Historicamente, o papel social da mulher esteve ligado à reprodução e ao trabalho doméstico. Já o trabalho desta, seja em casa ou no campo, foi desconsiderado ao longo dos anos. Com a aposentadoria rural, essas mulheres que nunca foram remuneradas pelos trabalhos desempenhados, passam a receber um valor que passa a representar para elas sua independência financeira. A maioria delas usa esse dinheiro para o sustento das famílias. DeJulina, por exemplo, demonstra em sua fala que a independência adquirida através desta remuneração, diferencia a sua situação atual daquela vivida em períodos de seca, nos quais a ajuda só poderia vir das redes de solidariedade mútuas estabelecidas entre parentes e vizinhos.

A intervenção do Estado no Nordeste foi sempre marcada pela centralização e fragmentação das ações, e se concretizava com a criação de órgãos nacionais para o combate à seca, os quais se transformavam em objetos de disputas políticas entre os diversos segmentos da elite rural.<sup>250</sup>

As ações empreendidas contra os efeitos da seca foram marcadas pelo assistencialismo e pelo autoritarismo por parte dos dirigentes. As ações tomadas por órgãos centralizadores acabavam beneficiando uma parcela da população, notadamente políticos e grandes proprietários, que se apropriavam dos recursos concentrando poder político e econômico. Em conformidade com esse processo, é que Palestino afirma: “Não senhora, não tinha nada de governo, parece que nesse tempo não havia governo, não se falava disso”.<sup>251</sup>

John Steinbeck - em uma passagem de sua obra *As vinhas da ira* - faz uma analogia e nela demonstra o que era esperado pela população nos momentos de penúria: “E sem trabalho... nenhum dinheiro, nenhuma comida. Um sujeito tem uma parelha de cavalos; lavra

<sup>249</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>250</sup> PASSADOR, Claudia Souza. PASSADOR, João Luiz. “Apontamentos sobre as políticas públicas de combate à seca no Brasil: cisternas e cidadania?”. In: *Cadernos gestão pública e cidadania*. São Paulo. v. 15, n. 56. 2010.

<sup>251</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

com eles e cultiva a terra e ceifa com eles. E nunca deixaria que eles morressem de fome quando não trabalham. É que são cavalos, e nós somos homens”.<sup>252</sup>

Na narrativa dos trabalhadores existe o sentimento de abandono quando não são mais úteis. A expectativa do recebimento da ajuda em momentos difíceis foi comparada ao fato de que um animal não pode ser abandonado por seu dono nos momentos em que não estava trabalhando, o que exemplifica do mesmo modo que trabalhadores que contribuíram para a construção da nação não podiam ficar desamparados, porque estavam impedidos de produzir, pelo contrário, deveriam ser amparados e auxiliados pelo Estado até que pudessem retornar as suas atividades.

Com o movimento de outubro de 1930, a política toma nova configuração. Com Vargas no poder, a nomeação de interventores desalojou coronéis e políticos do poder e desarticulou a rede de influência que eles exerciam, até que estes pudessem se rearticular houve mudanças principalmente devido à centralização do poder pós-30.

Se as redes de poder dos grandes proprietários foram afetadas, logo dificultava a maneira pela qual estas prestavam assistência à população subalternizada em tempos de escassez. O getulismo mantinha com as “leis” de mercado uma relação ambígua, buscando alcançar um pleno equilíbrio entre autoritarismo político e liberalismo econômico.<sup>253</sup>

Para aqueles que apoiaram o movimento de 30, este representou a possibilidade de obtenção de recursos e benefícios negados pela “Republica Velha”. Além disso, com a ascensão de Vargas ao poder, poderia representar maior espaço na política para grupos de determinados estados da federação historicamente afastados.

Diante das dificuldades impostas pela seca, o mercado e suas leis passaram a ser vistos pelos flagelados e pelo governo pós-30 pelas lentes da ‘moralidade’. As críticas feitas ao liberalismo, em momentos de crise serviam de base para justificar a intervenção estatal nas relações econômicas<sup>254</sup>. “Nos momentos em que o liberalismo predomina nas esferas de estruturação do Estado, direcionando as políticas sociais, o conflito com os padrões paternalistas se estabelece com maior intensidade”.<sup>255</sup>

Podemos conjecturar que as mudanças no tratamento dos flagelados, antes baseadas nas relações paternalistas entre trabalhadores, meeiros, agregados e grandes proprietários locais, com o movimento de 30, a chegada de Vargas ao poder, e as transformações daí

---

<sup>252</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008, p. 558.

<sup>253</sup> NEVES, Frederico de Castro. “Getúlio e a Seca”. In: *Revista Brasileira de História*. v. 21. n. 40. São Paulo, 2001, p. 108.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 113.

<sup>255</sup> *Ibidem*, p.114.

decorrentes, tenham distanciado as esferas de poder da população, especialmente de pequenas cidades como Jacobina, nas quais a ajuda era prestada por meio das relações baseadas na proteção *versus* deferência.

No entanto, o modelo assumido pelo governo pós-30 não era totalmente diferente dos governos anteriores, uma vez que também estava baseado em práticas paternalistas, porém, ainda que algumas características tenham permanecido diante das consequências da seca, os proprietários não conseguiam atender às expectativas dos trabalhadores. Além disso, com os eventos de outubro de 30 e a conseqüente desarticulação das oligarquias, provavelmente estes potentados locais enfrentassem dificuldades para assegurar apoio em outras esferas do poder, que sem o apoio das instâncias superiores e a desarticulação das antigas redes de apoio político, enfraqueciam social e politicamente.

A mudança nas “estruturas de sentimentos” em relação à assistência prestada aos flagelados, com a permanência de práticas paternalistas, na qual ocorre a transferência parcial da assistência paternalista dos coronéis para uma assistência igualmente paternalista exercida pelo Estado.<sup>256</sup>

A seca representa para o trabalhador assalariado, diarista e meeiro, o colapso da pequena produção, o desemprego e, logo, o abandono por parte do proprietário que não precisaria mais dos seus serviços. Esse momento é caracterizado pela impossibilidade de proteção prestada pelo proprietário e a não assistência dada pelo Estado.

A um só tempo, os códigos do paternalismo- delimitando rigidamente o lugar destinado aos homens pobres do campo no interior da hierarquia de poder- pareciam ter sido quebradas e as regras da política representativa, ainda incipientes, pareciam não ter sido absorvidas.<sup>257</sup>

Dentro desse contexto de transição política, é possível compreender a afirmação dos narradores, que são unânimes, em afirmar que “[...] naquele tempo não havia governo”. Para estes trabalhadores, a expectativa da assistência prestada baseada nas relações estabelecidas entre eles e os grandes e médios proprietários não estavam sendo atendidas e a assistência que deveria ser prestada pelo Estado não havia chegado.

Segundo seus relatos, os narradores enfrentaram os efeitos da seca através de táticas desenvolvidas com base nas experiências do cotidiano e nos saberes transmitidos de geração para geração. Foi necessário adaptar a dieta alimentar, fazendo uso de raízes e sementes

---

<sup>256</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 98.

<sup>257</sup> *Ibidem*, p. 109.

silvestres que não eram utilizadas em tidos normais, apenas durante a seca e quando estes recursos se esgotavam, restava a migração, especialmente para o Sul da Bahia ou ainda garimpendo nas serras de Jacobina.

De certa forma, os campos estabelecem uma distinção entre pobres e indigentes, entre aqueles que podem “atravessar” uma crise por conta própria e aqueles que necessitam de ajuda do Estado, estigmatizando estes últimos como incapazes e miseráveis. Esta identidade se estabelecerá a partir da intervenção governamental que procura classificar os níveis de pobreza com o objetivo de racionalizar a assistência e, especialmente definir aqueles que precisam ser assistidos. O retirante faminto impotente diante das dificuldades e incapaz de prover o próprio sustento e o de sua família, se vê estigmatizado como indigente, e é colocado sob a proteção das instituições governamentais de assistência pública durante o período de emergência.<sup>258</sup>

É possível que o sentimento de negação em relação à ajuda prestada pelo governo venha desse estigma criado, demonstrando que para os trabalhadores aceitar o fato de que em momentos de necessidade foi necessário recorrer a auxílios dos governantes e assim os colocarem em uma situação de indigência. Para eles o estado de mendicância e miserabilidade atestado pela necessidade de recorrer a socorros públicos era inaceitável, talvez por isso haja a dificuldade em aceitar a lembrança de proteção assistencialista. A negativa foi reafirmada na fala de Manuel, ao assegurar que “Não. Nunca ajudou em nada. Aqui era uma ou outra pessoa que conhecia Jacobina. Pois bom, não andava ninguém aqui”.<sup>259</sup>

A negação, do ponto de vista da ajuda prestada pelo governo, talvez representasse para esses trabalhadores a necessidade de demarcar uma diferenciação em relação ao que seria ser pobre, que apesar das dificuldades seria capaz de sobreviver sem ajuda dos governantes e o ser miserável, aquele que dependeria da assistência prestada pelo Estado. Sabemos que a memória atualiza os acontecimentos, atribuindo novos significados às lembranças. A negativa pode ter para esses narradores o objetivo de ressignificar essas lembranças, mudando o sentido das experiências vividas durante a seca, de modo que ele possa conviver com as lembranças.

É possível inferir que para os narradores, os que dialogamos no presente trabalho, o que permitiu a sobrevivência e a superação das dificuldades impostas pela seca, foi em grande medida sistema de relações mútuas entre parentes e vizinhos. Táticas empregadas na busca pela sobrevivência, como adaptação da dieta alimentar e tendo como última alternativa a

---

<sup>258</sup> *Ibidem*, p.128.

<sup>259</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.



migração. Para estes, diferentemente do que a imprensa da região buscou apregoar, a ajuda do governo não chegou até suas famílias.

Os muitos investimentos feitos para mitigar os efeitos da seca não alcançaram os reais destinatários, sendo unânime entre os narradores a ideia de que “[...] naquele tempo não havia governo”. É possível afirmar que “[...] a seca é um problema a não ser resolvido”, pois percebemos que ao longo de séculos o problema da seca persiste, porque faltou e falta vontade política para enfrentar as reais causas da seca. Atenuar os efeitos desta sempre se mostrou mais lucrativo para os dirigentes e usá-la como argumento para conseguir verbas e, conseqüentemente, poder político se mostrou ao longo do tempo mais atrativo para esses grupos, para os quais a seca sempre representou inverno e bom tempo.

**CAPÍTULO 3:**  
**“QUEM ESPERA TEMPO RUIM É LAJEDO”**

Descamba Janeiro,  
Depois fevereiro  
E o mesmo verão  
Meu Deus, meu Deus  
Entonce o nortista  
Pensando consigo  
Diz: "isso é castigo  
não chove mais não"  
Ai, ai, ai, ai  
Apela pra Março  
Que é o mês preferido  
Do santo querido  
Sinhô São José  
Meu Deus, meu Deus  
Mas nada de chuva  
Tá tudo sem jeito  
Lhe fuge do peito  
O resto da fé  
Ai, ai, ai, ai.<sup>260</sup>

Como diz a música interpretada por Luiz Gonzaga, depois de muita expectativa de esperar pela barra do Natal, de observar o comportamento de animais e fenômenos da natureza, os sinais de chuva não apareceram, pelo contrário, quando todo o sistema produtivo rural entrou em colapso, o sertanejo entende que é chegada a hora da “triste partida”. A seca (na verdade muito mais as relações de posse e uso da terra, assim como de exploração da população subalternizada que são exacerbadas em períodos de estiagem) já exigiu que se fizesse uso de raízes e sementes silvestres para amenizar a fome, mas estas não eram suficientes e também começam a escassear, assim como a fonte de trabalho. Conforme relembra Manuel, “Deles que era trabalhador numa fazenda, do meio pra o fim o povo que pagava despachava eles, eles trabalhava de graça pra só ganhar o de cumer, num queria? Pois bom, tudo com fome”.<sup>261</sup>

O que o narrador aponta é que para a população que vivia de vender sua força de trabalho para os fazendeiros da região, nos períodos de estiagens perdiam para além de suas plantações, o seu trabalho e fonte de renda, diante de tal situação aceitavam trabalhar apenas pela comida, mas ainda assim muitos não encontravam trabalho.

Nas lembranças de Vitanor são fortes as marcas que essa situação de penúria deixou, ele relembra que,

---

<sup>260</sup> *A triste partida*, composição de Patativa do Assaré, interpretada por Luiz Gonzaga.

<sup>261</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

Pra sobreviver iam pro Sul da Bahia conforme eu disse, aqueles que não podiam davam um dia na foice, na foice que seja no machado por um prato de farinha , quando a coisa começou a apertar o povo disse que só queria por meio prato, um prato de farinha significa cinco litros, são três quilos a dois e meio, trabalhava assim pela comida, chegou o tempo de trabalhar pela comida e mesmo assim não achava quem quisesse.<sup>262</sup>

As marcas da submissão se acentuavam em períodos de estiagem, tornavam-se marcantes nas lembranças dessas pessoas que aceitavam trabalhar apenas por um pouco de farinha e com isso a fragilidade da estrutura socioeconômica do mundo rural era radicalmente acentuada. O narrador faz questão de esclarecer o que significa um prato de farinha, demonstrando que essa exploração sofrida durante todas as estações do ano chegavam a situações limites e nelas os trabalhadores “[...] davam um dia na foice, na foice, que seja no machado” deixando bem claro que estes vendiam sua força de trabalho, labor que exigia grande esforço físico, por apenas “meio prato de farinha”. Demonstra ainda a escassez dos alimentos e a conseqüente elevação dos preços dos produtos, chegando ao ponto de alguns quilos de farinha pagar um dia de serviço pesado.

É difícil classificar o trabalhador rural, nessa região, apenas como vaqueiro ou agricultor, pois eles desempenhavam essas e outras funções ao longo da vida, não sendo possível trabalhar apenas naquilo que possuía aptidões ou gostava. Cada momento podia exigir dessas pessoas que elas executassem tarefas diferentes. A instabilidade dos trabalhos e o desemprego faziam com que ao longo da vida aprendessem diversos serviços e transitassem entre vários tipos de relações de trabalho, como por exemplo, tornavam-se meeiros, trabalhadores assalariados, diaristas, vaqueiros.

Essas relações socioeconômicas estabelecidas foram recriadas no romance *A Bagaceira*, no qual o senhor de engenho Dagoberto afirma que “[...] o que está na terra é da terra”<sup>263</sup>. Logo, animais, pessoas e plantas pertencem a terra, como ela pertence a ele, todas as coisas e pessoas contidas são, exclusivamente, do senhor de engenho. Analisando os personagens do romance, percebe-se que ao trabalhador que vende sua força de trabalho para os grandes proprietários não restou nada, não é dono de coisa alguma, ainda que ele tenha cultivado as plantas e alimentado animais, nada lhe pertencia.

A produção literária não está fora de seu tempo e espaço social, podemos analisar inúmeras questões, uma vez que os relatos que estão presentes nessas obras estão ligados à sociedade na qual esse autor estava inserido, portanto, sua obra expressará os valores, conflitos, códigos sociais e preconceitos do seu tempo.

<sup>262</sup> Vitanor Moreira dos Santos em entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.

<sup>263</sup> ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 13.

A concentração de terra nas mãos de poucos proprietários obrigava o sertanejo a desenvolver uma agropecuária de subsistência, na qual a produção era baixa e voltada apenas para o consumo da família. Portanto, não havia excedentes que ele pudesse usar como reservas para o próximo verão. A baixa produção está intimamente ligada à qualidade das terras, menos rentáveis, pouco férteis e de tamanho reduzido, o que impossibilitava uma produção capaz de manter a segurança alimentar das famílias.

Sonia Regina de Mendonça em seu trabalho *O Ruralismo brasileiro*, analisa o ruralismo não apenas enquanto movimento ideológico, mas como um projeto engendrado por agentes sociais concretos, político e economicamente situados em uma estrutura de classe que busca a defesa dos interesses desses grupos ligados aos setores agrários do país. A autora busca demonstrar como o patronato, através de agremiações específicas, buscava se inserir e defender posições junto ao Estado, defendendo a agricultura enquanto “esteio da economia brasileira”.

Dessa maneira, a solução para os problemas da agricultura brasileira estaria no abandono de práticas arcaicas e a substituição delas por um modelo baseado na modernização/racionalização da produção agrícola. A superação do atraso só seria possível através de investimentos e financiamentos por parte do Estado.

A imagem estereotipada do trabalhador rural se cristalizaria com o passar do tempo, renovada como preâmbulo a incontáveis projetos de intervenção destinados a superar o atraso do campo. Seria sempre em nome desses *párias lamentáveis* que se justificariam as propostas de reforma rural, ainda que em sua maioria, a grande questão residisse em criar meios que impedissem a reprodução autônoma dos trabalhadores, garantindo sua forçosa incorporação ao circuito da produção mercantil.<sup>264</sup>

Essa concepção a respeito da agricultura brasileira aprofundou o abismo existente entre grandes proprietários e a produção campesina, ou seja, as políticas adotadas para “resolver” o problema da agricultura brasileira perpassavam diretamente pelos interesses desses grupos representados pelo patronato, reforçando a ajuda prestada aos grandes proprietários interessados na modernização do campo, tornando inviável a produção campesina, na qual esses pequenos produtores ficavam sufocados, não tendo condição de competir, muitas vezes sendo necessário se desfazer de suas terras e “[...] garantindo sua forçosa incorporação ao circuito da produção mercantil”.<sup>265</sup>

---

<sup>264</sup> MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 78.

<sup>265</sup> *Ibidem*.

As relações de trabalho também se mostravam limitadas, uma vez que os trabalhadores ficavam sujeitos a sistemas como arrendamento, meação ou contratos temporários de trabalho. Neles os proprietários ficavam com partes significativas da produção, mesmo o lavrador tendo feito todo o trabalho desde o plantio até a colheita. No sistema temporário os salários eram baixos e essas relações tornavam-se ainda mais complexas em tempos de seca, quando esses acordos e contratos poderiam ser desfeitos e os proprietários não precisavam manter os trabalhadores em tempos desfavoráveis a lavoura.

Nessa divisão, o saldo do trabalhador é negativo, isso porque quando a seca piora ele entende que é chegado o momento de partir. “Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era pra ganhar a vida: era apenas para não perdê-la”<sup>266</sup>. Percebemos na fala dos narradores que não era passividade que nutria suas ações, mas sim a ideia de que naquele momento era necessário aceitar determinadas condições, não era mansidão, era orgulho de não dever mais que o estritamente necessário.

Entende-se o retirante como uma condição excepcional do homem geralmente pobre do campo, das cidades do interior, que, sozinho, em família ou em grupos maiores, vê-se na contingência do abandono de suas terras para emigrar para outras regiões do país fugindo das secas.<sup>267</sup>

Muitos sertanejos, diante da crise provocada pela seca, optaram por buscar em outras localidades melhores condições de vida, acreditaram em promessas de uma vida promissora e fugiram da seca para o sudeste. “Em todo o ano de 1932, por esse caminho, entraram 4.433 nordestinos, a maioria deles (3.546) vindos da Bahia”. E completa que “A partir de então formou-se grande êxodo em direção às terras do Sul, que se transformou no Eldorado mítico dos nordestinos expulsos do semi-árido”.<sup>268</sup> Muitas famílias optaram por tentar a sorte em outro lugar, como aponta o jornal *Correio do Sertão* ao dizer que “A zona das caatingas, como se sabe, continua secca, muito secca, o que atesta a grande quantidade de emigrantes que por aqui tem passado em busca de melhorias” [sic]<sup>269</sup>.

Dentre as inúmeras respostas que os sertanejos deram diante das dificuldades causadas pela seca, uma delas foi a emigração. O jornal *Correio do Sertão* afirmava que “Tem sido

<sup>266</sup> ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006, p. 22

<sup>267</sup> FERREIRA, Angela L. A.; DANTAS, George A. F.. Os "indesejáveis" na cidade: as representações do retirante da seca Natal (1890-1930). In: *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona*. n. 94 (96), 1 ago. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-96.htm>>. Acesso em: 20 out 2013.

<sup>268</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 156.

<sup>269</sup> Jornal *Correio do Sertão*, 12 de junho de 1932, n. 747. p. 01.

considerável a imigração dos habitantes do norte para o sul do Paiz, tangidos pela cruenta phase dos rigores da seca” [sic]<sup>270</sup>. O jornal anuncia a saída de pessoas da região para o Sudeste do país, o que provavelmente foi a escolha de um número considerável de trabalhadores, no entanto as experiências dos narradores com quem dialogamos apresentam uma singularidade em relação ao “retirar-se”, percebemos que a maioria das famílias optaram por cidades mais próximas, especialmente a região do Sul da Bahia.

Dejulina recorda que as pessoas escolhiam o Sul da Bahia “iam embora pro Sul, hoje a danação que o povo tem pra ir pra São Paulo, nesse tempo era pelo Sul, o povo num conhecia São Paulo, era o Sul, a danação era o Sul”. A narradora apresenta o que segundo ela seria o motivo para as pessoas não escolherem outras regiões, seria que “o povo não conhecia São Paulo”, uma das dificuldades indicada na fala da narradora fosse o problema apresentado pela falta de transporte, agravada pelo fato de que a maioria dessas pessoas não poderia pagar o valor das passagens de trem para lugares distantes, porque boa parte de seu patrimônio já teria sido vendido ou consumido na tentativa de sobreviver às dificuldades impostas pela seca.

Possivelmente o trem ajudou na locomoção de muitas pessoas, no entanto a população subalternizada não possuía recursos para utilizar o trem como meio de transporte e dessa maneira os altos preços do frete faziam com que burros e mulas continuassem sendo usados como meio de transporte. É possível conjecturar ainda que a seca não atingia apenas a população da região, a rede ferroviária também sofria com a queda na produção causada pela estiagem.

Existem razões práticas para que algumas estações apresentem acentuada queda ou acréscimo em suas receitas e a principal delas se liga a seca. Em toda a zona da ferrovia eram os produtos agropecuários os mais importantes, os geradores de riqueza, principalmente o gado, a mamona e o algodão.<sup>271</sup>

Com a queda na produção e o encarecimento dos fretes, conseqüentemente dificultavam o uso do trem, este utilizado como alternativa para fugir da seca por essa população.

A emigração acabou conduzindo milhares de nordestinos para outras regiões do país. O Nordeste, principalmente devido a constância das secas, tornou-se a região onde ocorreram os maiores movimentos demográficos, tanto internos quanto externos: milhares de nordestinos foram para a Amazônia [...]. A Migração para o

<sup>270</sup> *Ibidem.*

<sup>271</sup> CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota (1912-1976)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 158.

Sul só passou a representar um movimento demográfico expressivo a partir dos anos de 1930.<sup>272</sup>

Em conformidade com a fala de DeJulina, São Paulo não era a primeira opção de destino das pessoas da região de Jacobina e com isso podemos conjecturar algumas explicações, como a falta de recursos para o pagamento de passagens de trem e dessa maneira as pessoas tinham como destino lugares que fosse possível chegar a pé ou com o auxílio de animais.

A escolha do Sul da Bahia presume-se que era feita com base na ideia de que era uma região que apresentava um clima que não sofria os efeitos da seca, se apresentando como a terra em que havia fartura. Manuel apresenta nas suas lembranças a imagem que boa parte dos sertanejos tinha a respeito do Sul da Bahia nesse período. Segundo ele “[...] lá tinha tudo, a farinha era barata, a banana tava aí perdeno, a jaca tava aí perdeno, a cana tudo, tudo quanto era verdura [sic]”. Essa região se apresentava como a alternativa para escapar das penúrias que essas pessoas viviam diante dos efeitos da seca, se apresentava como o lugar da bonança e da fartura.

A fala de Manuel demonstra que ele fazia parte de uma sociedade em que havia espaços coletivos, de uso comum. Para as comunidades tradicionais, com base em um conjunto de direitos assegurados pelo “costume” concebidos e aceitos pelo grupo ao longo de décadas, algumas áreas eram de uso comum. Uma vez que todos tinham acesso aos mesmos recursos naturais, não havia porque colher mais do que as famílias precisavam e não havia a comercialização do excedente. O discurso é significativo a esse respeito, segundo ele “[...] todo mundo tinha, ninguém nem queria pegar na roça dos outros”.<sup>273</sup>

As dificuldades diárias para obtenção dos alimentos eram amenizadas pela possibilidade de complementá-los com as frutas colhidas nessas “matinhas”<sup>274</sup>, a caça, a lenha, a coleta do licuri que podia ser utilizado de diversas maneiras, entre outros. A seca inviabiliza a coleta desses gêneros, o que dificulta ainda mais a vida dos sertanejos, pois além de perder as atividades produtivas, perdem também os alimentos fornecidos por estes territórios de uso comum.

Além da escassez desses alimentos causados pela seca, cada vez mais esses espaços tornavam-se escassos, uma vez que a terra perde com o avanço das relações capitalistas e o

<sup>272</sup> VILLA, Marco Antônio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 85.

<sup>273</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora no dia 15 de maio de 2013.

<sup>274</sup> Matinhas eram terras de uso comum da comunidade, baseados nos direitos costumeiros, nas quais as pessoas colhiam frutos, os animais pastavam, de maneira coletiva em oposição a “terras de negócio”.

seu valor de uso passa a ser substituído pelo valor de troca. Portanto, a vida dessas pessoas era dificultada tanto pela seca quanto pela cerca. John Steinbeck em sua obra *As vinhas da ira* aborda esse sentimento de mudança sobre o que as relações no campo causa e as transformações que impõem a vida das pessoas, ou seja, “[...] a satisfação que o trabalho proporciona desaparece, tão eficiente que o deslumbramento também desaparece dos campos, e com ele some-se a profunda compreensão e ligação do homem com a terra, bem como sua ligação a ela”.<sup>275</sup>

O significado dado a terra era construído através do trabalho. As relações de sociabilidades estabelecidas e o ritmo do trabalho marcado pela relação com o meio, construíam esse significado, no qual a terra era para o trabalhador muito mais que apenas o meio pelo qual este adquire o seu alimento e sua subsistência. O homem do campo construía também uma visão de mundo própria, marcada por valores, costumes e saberes próprios dessa relação direta,

O homem que é mais que sua composição química, caminhando na terra, desviando o arado de uma pedra, abaixando a rabiça de seu arado para poupar um rebento, calcando os joelhos na terra para comer sua singela refeição, esse homem que é mais que o simples resultado de sua análise química.<sup>276</sup>

Da mesma maneira que o homem é muito mais que apenas a sua estrutura química, dotado de sentimentos e valores, a terra é muito mais que apenas sua composição, a relação estabelecida entre o homem e a terra não pode ser resumida apenas à produção, esta ganha significado e importância para os trabalhadores conforme significa a possibilidade de alimentar sua família, meio pelo qual nascem os frutos do trabalho, regados pelo suor de seu rosto sol á sol. Através dessa relação entre homem/natureza é que é possível dar significado as relações sociais, de solidariedade e ajuda mútua.

As dificuldades diárias eram atenuadas através das relações de solidariedades mútuas, desde o simples empréstimos de ferramentas até a prática do adjuntório, “dijitório” boi roubado e quebras e tiras de licuri. Por isso nas lembranças de Manuel a ideia de fartura ligada a esses espaços comuns marcava a contraposição às “necessidades” impostas pela seca.

O narrador conta que havia fartura, que a região de Jacobina não viveu apenas as agruras da seca, havia os momentos de comunhão e festa, que eram intimamente ligados ao trabalho. “Portanto, a sensação de viver bem, decorre de um ângulo, do fato de terem certa

---

<sup>275</sup> STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2008, p. 143.

<sup>276</sup> *Ibidem*.



facilidade de satisfazer às necessidades de alimentação, justificando a recorrência a expressão naquele tempo tudo era fartura”<sup>277</sup>.

O trabalho camponês é sinônimo de sofrimento quando é cativo, quando é feito em propriedades alheias. O trabalho ‘com o outro’ ou para o ‘outro’ é sempre gratificante, trabalho-festa, ou trabalho-ritual, quando voluntário<sup>278</sup>. Com progressivo processo de capitalização das terras, houve uma profunda mudança nas relações entre patrões e trabalhadores rurais assalariados, diaristas ou meeiros. As parcerias não eram mais interessantes para os fazendeiros, seja pela substituição da agricultura pelo pasto para pecuária, seja pela seca que inviabilizava a plantação.

A seca também modificou a maneira como os homens e mulheres se relacionavam com a terra, transformando os significados atribuídos a esta pelos trabalhadores rurais, os símbolos e valores, ainda que eles não detivessem a posse legal das mesmas. Brandão analisa que com a diminuição desses espaços coletivos houve a redução de “[...] fontes naturais de coleta de comida silvestre, de caça e de pesca, alimentos sempre tidos como de alguma importância complementar na dieta da população de baixa renda”<sup>279</sup>.

Certo saudosismo presente na fala dos narradores talvez seja demonstrativo da ideia que para eles havia maior facilidade em saciar a fome, ligado diretamente as relações de solidariedade estabelecidas entre parentes e vizinhos, diferente das relações baseadas no individualismo das relações capitalistas do presente. Dona Dejulina lembra que “Deu um maracujá, os mato virou tudo em maracujá, o povo pegava e cunzinhava e comia, quem tinha um leitinho comia com leite, eita meu Deus não tinha mesas melhor no mundo não”.<sup>280</sup>

Nas lembranças de Dejulina existe uma forte associação entre os espaços comuns, denominados por ela de “matos” ou “matinhas” e a fartura. Dentre as muitas lembranças sobre a seca e as dificuldades sofridas nesse período, vem à memória a lembrança de espaços que marcam justamente o oposto dessas agruras. A narradora relembra que o alimento encontrado em abundância nesses espaços marcavam, talvez um dos poucos momentos em

<sup>277</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 38

<sup>278</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. **In:** GODOI, Emília Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo. (Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. v. 1. Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009, p. 51.

<sup>279</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981, p. 60.

<sup>280</sup> Dejulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

que essas pessoas podiam se satisfazer, por isso talvez tenha ficado marcado como sinônimo de momento prazeroso: “[...] eita meu Deus não tinha mesas melhor no mundo não”.

Palestino também recorda a fartura que havia nesses espaços. Para essas pessoas não havia a comercialização desses produtos, pois todos tinham acesso e a prática mais corrente era a permuta de gêneros entre as famílias.

Inxistiu uma fartura de maracujá [...] o araçá dependurou assim no maracujá, se panhava maracujá de manha, capanga duas três, capangas de maracujá, minha mãe cunzinhava uma latra de gás de maracujá, se panhava de tarde, no armoço e de manha, tornava panhar pra meio dia e de noite de fartura, num era nós só, era a vizinhança toda, panhava de manha quando era de tarde tava pinhado do mesmo modo, carregadinho, os araçás inlilhado nos maracujá, foi um mistério que quando acabou os maracujás veio a fartura do araticum, que você num conhece, as mata aqui, os terrenos tudo tinha o araticum, tinha um pé aqui chega tava forrado [sic].<sup>281</sup>

A subsistência das famílias era mantida com o auxílio dos gêneros encontrados nesses territórios, podendo-se perceber na fala do narrador que as frutas colhidas nesses espaços tinham papel fundamental na alimentação da família, além de práticas como a permuta de alimentos, no entanto, com a seca e escassez desses frutos, dificultavam ainda mais a sobrevivência dos sertanejos.

A seca desestabiliza o sistema produtivo rural, causando crise no abastecimento dessas pessoas, justamente porque os trabalhadores que não conseguem produzir sentem-se obrigados a comprar os gêneros alimentícios que compõem a base da alimentação, outrora produzidos por eles e colhidos nesses mesmos espaços. Portanto, estes se viam obrigados a adquirir nas feiras locais o que antes era cultivado em suas terras, porém, com a crise na agricultura, o desemprego impossibilita a aquisição desses gêneros.

Quando os trabalhadores acreditavam não ser mais possível suportar as condições impostas pelas relações de poder baseadas na opressão e na desigualdade, decidiam partir. Essa decisão alterava uma série de questões do seu cotidiano, mudava inclusive a estrutura familiar das pessoas. Nas narrativas da maioria dos trabalhadores foi possível analisar que os deslocamentos das famílias da região de Jacobina apresentavam singularidades, o “retirar-se” era parcial, partiam, em sua maioria os homens, dessa forma, as mulheres, as crianças, os irmãos mais jovens e os pais com idade avançada ficavam.

Os homens jovens e mais fortes apresentavam maior facilidade para realizar as longas caminhadas, assim como conseguiam trabalho mais facilmente, não sujeitando a família a uma série de agruras que estariam expostos na andança. “Migrar é, em última instância, dizer

<sup>281</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

não à situação em que se vive, é pegar o destino com as próprias mãos, resgatar sonhos e esperanças de vida melhor ou mesmo diferente”.<sup>282</sup>

“Retirar-se” deve ser entendido enquanto tática e resistência e a não aceitação das condições impostas pela situação de exclusão social em que esses trabalhadores viviam em seu lugar de origem. “A migração se fixa na ilusão de ser sempre provisória. Esta ilusão é justificada e governada pelo trabalho, um dos objetivos maiores do movimento migratório”<sup>283</sup>. O fato de que muitos não se desfizeram dos poucos pertences que ainda restavam demonstra que havia a intenção do retorno, logo que as primeiras chuvas caíssem. Partiam em busca de trabalho que garantisse a sua sobrevivência e a dos que ficaram.

A grande maioria dos sertanejos, ao que parece, procurava trabalho. Com esse objetivo percorreu os mais variados caminhos para a obtenção de maneiras de assegurar a sobrevivência da família. A aceitação da migração guarda relação direta com o valor moral do trabalho<sup>284</sup>. Muitos sertanejos eram resistentes ao ter que recorrer à caridade, pedir esmolas era algo inaceitável para homens fortes e saudáveis, portanto, o sertanejo preferia “[...] um salário mais reduzido a uma esmola abundante”.<sup>285</sup>

O trabalho para o homem do sertão é central em sua vida, não é apenas a maneira como adquire alimentos, é principalmente uma visão de mundo. Para os homens e mulheres do sertão que se vêem impedidos de trabalhar pelas consequências da seca, sejam eles o desemprego ou o aniquilamento das lavouras, retiram-se em busca de melhores condições de trabalho. A partir dessa importância atribuída ao trabalho é possível compreender a dificuldade em aceitar esmolas.

“Eu mesmo saí daqui fui pra o Sul ganhar dinheiro”<sup>286</sup>. Manuel ainda jovem optou por buscar melhores condições de sobrevivência no Sul da Bahia, ele e mais três irmãos foram para Mutuípe<sup>287</sup>, como ele mesmo aponta para “ganhar dinheiro” para ajudar os outros membros da família que ficaram. “Da minha família foi três irmãos, foi eu e mais três irmãos”. Na família de Manuel os homens jovens da família foram em busca de trabalho para ajudar os demais familiares e questionado sobre os motivos que o fizeram “retirar-se”, ele

<sup>282</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. “Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de seu processo histórico”. In: *Trabalhos para Discussão*. n. 111, 2001, ago. 2001, p. 2.

<sup>283</sup> CARDEL, Lígia Maria Pires Soares. “O Indivíduo entre a lógica e a práxis da economia moral camponesa”. *VIII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural*, Porto de Galinhas, 2010, p. 17.

<sup>284</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998, p. 95.

<sup>285</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>286</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

<sup>287</sup> O município de Mutuípe fica localizado a uma distância de 235Km por Rodovia de Salvador, tendo como localização geográfica o Sudoeste da Bahia, portanto, o que era considerado Sul da Bahia pelos narradores não era exatamente o Sul.

aponta que “É por que aqui tava tudo com fome, o povo tudo com fome, e eu já tava um rapazote, então eu fui pra ganhar dinheiro lá pra recursar aqui, trazer pra o povo comer”.

Uma das características daqueles jovens que migram rumo à cidade é que os [...] deslocamentos campo-cidade estão, muitas vezes, sustentados no próprio projeto da família camponesa [...] os jovens que saem das casas dos pais são, muitas vezes, fundamentais para que outros permaneçam na terra”<sup>288</sup>. Para que toda a família não precisasse abandonar as terras e para que fosse possível permanecia do restante da família, alguns membros saíam para trabalhar em outras regiões e auxiliar os que ficaram.

A necessidade e a fome desagregaram famílias, dispersou alguns membros, mas ela continuava sendo o núcleo no qual todos se apoiavam. Foi com base nesses valores que Manuel e seus irmãos partiram, pois cabia a eles jovens e fortes, naquele momento, ajudar a família.

Para o sertanejo não restavam muitas saídas. Permanecer onde vivia, apesar de todos os pesares, era a alternativa preferencial. O amor a terra sempre marcou sua vida. Manter-se nela representava para aquele que nada tinha e mesmo para o pequeno proprietário ter de submeter-se ao todo poderoso do local, geralmente um latifundiário.<sup>289</sup>

Abandonar o lugar de origem era a última alternativa e se apresenta quando todas as outras opções fracassaram, conforme aponta a canção interpretada por Luiz Gonzaga: “O carro já corre/No topo da serra/Oiando pra terra/Seu berço, seu lar/Meu Deus, meu Deus/Aquele nortista Partido de pena/De longe acena/Adeus meu lugar Ai, ai, ai, ai”. Partir, deixar seu torrão natal, significa abandonar as relações estabelecidas, os laços, para recomeçar em outro lugar que possui outros códigos, os quais nem sempre são compreendidos.

### 3.1 OS CAMINHOS DA FOME

A decisão de migrar alterava profundamente a vida do grupo familiar, essa decisão era difícil e para muitos narradores são lembranças de momentos de angústia. Lindolfo quando questionado se ele e sua família haviam migrado, ele afirma que “[...] ficou no mesmo lugar, passano ruim mas ficou, não tinha pra onde ir, quando ia não podia voltar e o outro povo que

<sup>288</sup> MARTINELLO, André Souza. *Cotidiano em mudança: o rural brasileiro a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão*. 2010. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010, p. 115.

<sup>289</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 84.

ia no caminho, quem guentasse ir chegava e quem não chegava morria por lá mesmo e se acabava [sic]”.<sup>290</sup>

A fala do narrador demonstra as preocupações que existiam no momento da decisão de partir ou não, se existiriam dificuldades enfrentadas na obtenção do alimento na terra natal, havia por outro lado os perigos de uma longa jornada por terras desconhecidas, provavelmente essas pessoas ouviram histórias de muitos que “não chegava e morria por lá mesmo e se acabava”. Essas e outras questões perpassavam a cabeça na hora da decisão de abandonar a terra natal. É possível também que a disposição de não partir, tomada pela família Lindolfo, demonstre que de alguma maneira estes ainda possuíam algum recurso que permitisse permanecer na terra natal, estivesse ligada ao fato de que sua família tinha melhores condições de sobreviver aos efeitos da seca.

Para outras famílias, tomada a decisão de partir, era necessário organizar os preparativos para a viagem e estes estavam diretamente ligados à posição social que a família ocupava. Para os mais abastados era necessário vender a propriedade e rebanhos ou transferi-los para outra região. Para os subalternizados a preparação consistia geralmente no abate dos poucos animais que sobrou ou ainda no abandono daqueles que não foi possível vender. Era necessário preparar os utensílios que seriam indispensáveis na viagem, além de alimentos que se reduziam à base da alimentação do sertanejo, como carne do sol e farinha de mandioca. Os últimos animais eram preservados para este fim, a carne era salgada com o objetivo de não estragar e suportar os longos dias da viagem.

As condições da viagem também estavam ligadas às posses das famílias, aqueles que possuíam mais recursos podiam contar com o apoio de cavalos e muares para vencer parte do trajeto. Como lembra Vitanor, “O Sul da Bahia era o mesmo que São Paulo, sabe se lá o que é ir pra o Sul da Bahia de pé? Quem tinha um animal tinha que largar no caminho por que cansava, não tinha o que comer”<sup>291</sup>, a dificuldade para enfrentar a distância a pé fazia com que o Sul da Bahia fosse comparado por Vitanor a São Paulo, devido às dificuldades e privações do trajeto feito a pé, o que deixava essas pessoas vulneráveis a uma série de perigos que se transformavam em momentos de sofrimento e penúria. A ajuda dos animais não era suficiente, pois faltava alimento e água também para estes, sendo necessário abandoná-los no caminho quando não suportavam mais a caminhada.

Manuel também nos conta como foi a sua viagem para o Sul da Bahia: “Eu mesmo saí daqui fui pra o Sul ganhar dinheiro, pois bom, levei um burro [...] a gente saía daqui era três

---

<sup>290</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

<sup>291</sup> Vitanor Moreira dos Santos em entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.

quatro dia de viagem, os animais era lá um ou outro que guentava ir, burro, cavalo num guenta, cabava morria”<sup>292</sup>. É possível inferir que no caso de grupos que tinham mulheres e crianças, os animais eram reservados para estes que não conseguiam acompanhar o ritmo dos demais membros ou quando cansavam, os animais ajudavam a amenizar o sofrimento da longa caminhada. Eram três ou quatro dias de viagem, expostos a todos os perigos, por isso era necessário que os alimentos e a água que foram levados fossem suficientes, do contrário o grupo estaria em perigo, dificilmente encontrariam uma maneira de se alimentar ou localizar água.

Jorge Amado em seu romance *Seara Vermelha* mostra a importância do jumento “Jeremias” para a família de Jerônimo, que era estimado como um ente da família,

Jerônimo costumava dizer que abaixo de Deus eles deviam ao jumento ainda estarem vivos. Não era apenas Tonho que fazia atualmente parte do caminho no lombo de Jeremias, montado na cangalha. Também Jucundina quando as pernas se negavam a caminhar era encarapitada entre os caçuás e o jumento a conduzia. Jerônimo chegou a estimá-lo como a qualquer um dos parentes que iam com ele.<sup>293</sup>

Os animais ajudavam a carregar os utensílios necessários para a viagem, assim como as pessoas. Quem parte, não deixa apenas a casa e alguns pertences que não foi possível levar, deixa também lembranças e relações de afeto como demonstra a música interpretada por Luiz Gonzaga,

No dia seguinte / Já tudo enfadado / E o carro embalado / Veloz a corrê / Meu Deus, meu Deus / Tão triste, coitado / Falando saudoso / Com seu fio choroso / Iscrama a dizer / Ai, ai, ai, ai. De pena e saudade / Papai sei que morro / Meu pobre cachorro / Quem dá de comê? / Meu Deus, meu Deus / Já outro pergunta / Mãezinha, e meu gato? / Com fome, sem trato / Mimi vai morrê / Ai, ai, ai, ai. E a linda pequena / Tremendo de medo / “Mamãe, meus brinquedo / Meu pé de fulô?” / Meu Deus, meu Deus / Meu pé de rosêra / Coitado, ele seca / E minha boneca / Também lá ficou / Ai, ai, ai, ai. E assim vão dexando / Com choro e gemido / Do berço querido / Céu lindo e azul / Meu Deus, meu Deus / O pai, pesaroso / Nos fio pensando / E o carro rodando / Na estrada do Sul / Ai, ai, ai.<sup>294</sup>

A terra representada nos versos ganha sentido de casa, de lar. Tudo era íntimo, a natureza ao redor fazia parte do cotidiano das famílias e marcava profundamente as relações sociais estabelecidas. DeJulina relembra que diferente da maioria das famílias dos narradores, dos que decidiram partir apenas alguns membros da família, seus vizinhos optaram por todos da família irem embora.

<sup>292</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

<sup>293</sup> AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 104.

<sup>294</sup> *A triste partida*, composição de Patativa do Assaré interpretada por Luiz Gonzaga.

Viva Deus! Ai não aguentaram a fome, arrumaram a mariana, disse que iam embora, iam embora pro Sul [...] e ai foi, tomem assim que ele fechou a casa saiu mais os fio, cada um saiu, ele os fio e a véia, dona Zabé, a vó de Marica, cada um saiu com uma trouxinha, se ninguém tinha nada, ninguém tinha nada minha fia, as casa num tinha nada, óia as casa, tinha casa, o povo era tão pobre.<sup>295</sup>

A expressão utilizada por DeJulina “arrumaram a mariana” é representativa da situação dessa família e significa arrumar a mala, partir. Mas não partir temporariamente, demonstra que não havia por parte dessa família intenção que a migração fosse provisória, talvez isso diferencie esse grupo das famílias dos demais narradores. Demonstra de que maneira a penúria que era perceptível na simplicidade da casa, nas vestes, quando atingia níveis extremos comprometendo a sobrevivência das pessoas, como aponta a narradora “ai não aguentaram a fome”, tornava-se imperativo “retirar-se”.

Essa família que “fechou a casa e saiu”, diferentemente das outras, nas quais apenas alguns membros partiram, demonstra que para alguns era necessário “fechar a casa”, abandonar tudo para não perder o bem mais precioso, a vida. Podemos conjecturar que ao repetir a afirmação “[...] se ninguém tinha nada, ninguém tinha nada minha fia”, DeJulina quisesse marcar certa diferenciação entre essa família e a sua, uma vez que apesar das dificuldades sua família não partiu. “Nunca sai pra lugar nenhum, eu era pequena. Meus pais também não saíram não, ficaram sofrendo até o dia que Deus ajudou e mandou chuva, mas num saiu não”<sup>296</sup>. Essa diferenciação talvez estivesse ligada ao fato de que de alguma maneira DeJulina e sua família possuíam alguns recursos que lhes permitiram permanecer em sua terra natal até o fim da seca.

O jornal *O Correio de Bonfim* noticiava em tom de denuncia que,

São levas de retirantes que nos vêm chegando das terras causticadas de sol são os abandonados filhos do sertão que, sem amparo de ninguém, resignados e abatidos pelas leis fataes da natureza ingrata, fogem dos lares humildes e descem, da condição de independência relativa em que vivia para esmolar a caridade publica [sic]<sup>297</sup>.

Uma das imagens mais fortes que se construiu foi a imagem do retirante sertanejo maltrapilho, faminto, enfrentando todo tipo de agruras sob um sol escaldante e solo ressecado e seco. A construção da imagem do retirante sertanejo esfarrapado e com fome reduz-se a explicações simplistas os diferentes significados que o “migrar” adquire para estes sujeitos, iguala valores e sentimentos de pessoas que possuem relações particularizadas.

<sup>295</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>296</sup> *Ibidem*.

<sup>297</sup> *Correio do Bonfim*, 01 de fevereiro de 193, p. 01.

A vida dos trabalhadores rurais baseadas nas relações diretas com a natureza transforma estes, na visão de alguns, em pessoas inaptas a compreender e praticar os códigos citadinos, homogêizam sentimentos complexos e práticas inventadas e reinventadas cotidianamente. Essa construção transforma o homem do sertão em um ser “apolítico, apático, submisso e incapaz de constituir-se como sujeito ativo de sua própria condição social”<sup>298</sup>. Dessa maneira, o sertanejo é transformado em sujeito “carente” que precisa ser ajudado, socorrido tanto pela caridade pública quanto pelo Estado.

Nessas primeiras notícias sobre os retirantes, estes aparecem como desamparados, vítimas de uma natureza ingrata e cruel, “resignados e abatidos”. A imagem desses homens e mulheres vai se transformando conforme estes se avolumam nas cidades e passam a representar uma ameaça aos citadinos. “As nossas ‘procissões da fome’ são andrajos cobrindo criaturas esqueléticas, são ondas vagarosas e sombrias, mudas como a dor dos que não sabem gemer, impressionante como o protesto da alimaria que não sabe exprimir o sofrimento que lhe atormenta”.<sup>299</sup>

O jornal *Correio de Bonfim* cumprindo o que considerava ser o seu papel, o de expor a situação de pobreza que vivia a população sertaneja, colocando-se enquanto porta voz, denuncia que “as procissões da fome” do sertão são compostas por seres “emudecidos” que não sabe gemer. Caberia, portanto, ao jornal o papel de “gritar” aos quatro ventos a situação de penúria vivida por estas pessoas. Esses homens e mulheres eram também comparados a “alimaria que não sabe exprimir o sofrimento que lhe atormenta”, eram seres apolíticos, que desconheciam os meios pelos quais podiam reivindicar seus direitos. A gente do sertão era vista por Augusto Sena Gomes e seu jornal enquanto pessoas incivilizadas e inertes.

O reforço dessas ideias do sertanejo enquanto sujeito incapaz de lutar por seus direitos, aquele que necessitava da tutela de outros, vitimizado, contribuiu na consolidação de preconceitos e estereótipos acerca do homem do sertão. Os sertanejos, como foram mostrados na reportagem, são homens e mulheres sem rosto ou nome, “ondas vagarosas e sombrias”, o que é apresentado sob a noção de “retirante” ou “flagelado” eram na verdade grupos heterogêneos, compostos por pessoas que apresentavam dentro das consequências da seca, demandas específicas, visões de mundo percepções próprias, mas nesses primeiros sinais de seca, aos periódicos interessava mostrá-los enquanto grupo homogêneo e tornar-se porta voz de suas demandas. No entanto, essa postura dos jornais demonstra que a ajuda esperada dos

---

<sup>298</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. “Trabalhadores rurais do recôncavo baiano: memórias e linguagens”. *Proj. História*, São Paulo, fev. 1998. p. 194.

<sup>299</sup> *Correio do Bonfim*, 01 de fevereiro de 1931, p. 01.



governantes perpassava diretamente pelos interesses das classes que essa imprensa pretendia defender.

Aos primeiros sinais da seca anunciada, as populações afetadas aparecem no noticiário como personagens passivos de um discurso, que normalmente enfatiza ‘o tom do flagelo’ como argumento que, historicamente, tem se mostrado eficiente a capacitação de recursos federais para a região.<sup>300</sup>

Esse interesse fica claro na mesma reportagem, no qual o periódico reivindica a ajuda do governo, mas esta deveria vir em forma de recursos para a construção da ferrovia.

Não! O nortista não quer migalhas: quer ganhar seu sustento sem a sacola do mendigo [...]. Os créditos abertos pelo poder central para socorro financeiro de alguns estados do Sul, podiam ser desviados alguns recursos afim de se dar trabalho às verdadeiras ‘procissões da fome’ minorando as consequências do flagello das seccas e fazendo obra de interesse nacional essa ferro-via!<sup>301</sup>

A ferrovia era vista pelos grandes proprietários e políticos locais enquanto solução para os problemas do sertão. “Em comum depositaram na estrada de ferro o papel de tábua de salvação do sertão. Ela seria o meio pelo qual a região se inseria na grande economia de mercado”<sup>302</sup>. As reportagens do Jornal *Correio de Bonfim* cujo proprietário era Augusto Sena Gomes, fazia parte do grupo político dos Gonçalves, grandes proprietários de terra na região de Senhor do Bonfim. Portanto, buscavam defender os interesses destes e “A via férrea era, para as classes proprietárias, poderoso instrumento de reforço e ampliação de seu poder política e econômico. Um instrumento modernizante a serviço da manutenção da elite agraria no topo da pirâmide social e econômica”.<sup>303</sup>

Essas ferrovias construídas segundo os interesses políticos e econômicos desses grupos não obedeciam a critérios de viabilidade econômica. “Foi devido a estes diversos interesses que o sistema ferroviário brasileiro foi constituído de linhas soltas, muitas delas completamente isoladas, sem se articular a outros meios de transporte”<sup>304</sup>. Os interesses em torno da construção da ferrovia estavam ligados à criação do jornal, uma vez que “[...] um legítimo representante da modernidade, a ferrovia, chamava outro, a imprensa”<sup>305</sup>. O drama do flagelo da seca foi utilizado enquanto maneira de arregimentar recursos para a região,

<sup>300</sup> ARAUJO, Maria Lia Corrêa de. “Seca: fenômeno de muitas faces”. *Cad. Est. Soc. Recife*. v. 16, n.1, p. 5-27, jan-jun, 2000.

<sup>301</sup> *Correio do Bonfim*, 01 de fevereiro de 1931, p. 01.

<sup>302</sup> CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota (1912-1976)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 80.

<sup>303</sup> CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota (1912-1976)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 87.

<sup>304</sup> *Ibidem*, p.32.

<sup>305</sup> *Ibidem*, p. 109.

sendo há muito tempo um discurso que sensibiliza, tornou-se uma arma poderosa para a obtenção de verbas federais.

O sofrimento não ficava para trás junto com a velha casa e as lembranças do lugar, alguns seriam agravados na longa jornada até a nova moradia. Na memória dos narradores ficaram marcas desse drama vivido durante o trajeto, são marcas não apenas do que eles viveram, mas também das histórias que ouviram contar e que foram internalizadas como se as tivesse vivido.

O fato de já terem sido contadas faz das histórias mais que propriedade individual: elas têm sido compartilhadas. Sua família se orgulha delas; então, elas são propriedade familiar. Então elas também têm sido, provavelmente compartilhadas com colegas de sua geração. Um ato de discurso oral, mais do que o discurso escrito, é implicitamente social, por que requer um público.<sup>306</sup>

As lembranças sobre a seca foram passadas de geração em geração, marcando tão profundamente a memória das pessoas da região, que muitos narradores recontam essas histórias como se eles próprios tivessem vivido. Acontece uma espécie de simbiose entre as memórias individuais e coletivas, ambas construídas sobre uma base comum. DeJulina nos conta uma dessas histórias que foram contadas e recontadas por gerações, buscando demonstrar as dificuldades que as pessoas sofreram.

Muita gente mudou, muita gente largou menino, num, numa fazenda num guentava, ir e ainda com uma criança no braço, será que é precisão? Chegava numa fazenda debaixo de um varandado deixava, os donos da casa levantava tava, saia fora tava aquela criança tomava aquele choque [sic].<sup>307</sup>

Para a narradora a melhor maneira de demonstrar que aquelas pessoas estavam passando por sofrimentos extremos, estava no fato de que estas chegaram ao ponto de abandonar seus filhos, “será que é precisão?”. Para o sertanejo a ideia de precisão está ligada ao agravamento das condições de vida destas pessoas que, cotidianamente já enfrentavam dificuldades, no entanto, com a seca estas dificuldades ganham a proporção de “precisão”, o que justificaria o fato de uma mãe abandonar o filho.

[...] o povo não aguentava a fome a fraqueza, deixava os fio quando passava na casa de um fazendeiro, que via que tinha as coisa, tinha gado, tinha as coisa, deixava aquela criança ali, era mesmo que ta panhanoe dano pra uma pessoa que podia pa criar, só que tinha que aquelas criança perdia o contato com os pais e os pais tomem deles, eles abandonaram é mesmo que uma oveia tempo de seca, oveia tempo de

<sup>306</sup> PORTELLI, Alessandro. “O melhor limpa latas da cidade: A vida e os tempo de Valtèro Peppoloni, trabalhador”. *Ensaio de História Oral*, Letra e Voz, p. 173.

<sup>307</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

seca num pare e num tem um pingo de leite, e abandona os fio lá, nem limpar elas num limpa, se os arubu não matar e agente não pegar pra criar enjeitado, eles num morre lá? Era a mesma coisa, era a mesma coisa. [sic].<sup>308</sup>

Dejulina em sua narrativa, mais que contar uma história, o narrar torna-se um ato público, no qual se troca experiências vividas.

A narrativa, que durante tanto tempo floresce num meio de artesanato, no campo, no mar, e na cidade, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa como o oleiro na argila do vaso.<sup>309</sup>

Dejulina, ao narrar a história, “mergulha a coisa na vida do narrador” e elabora sua narrativa de modo artesanal, intercambiando suas experiências, para além de apenas contar algo, informar, ela narra permitindo que o ouvinte elabore suas próprias reflexões e conclusões a cerca da história. A sua narrativa está permeada pelos elementos de sua cultura, “[...] oveia tempo de seca num pare e num tem um pingo de leite, e abandona os fio lá, nem limpar elas num limpa, se os arubu não matar e agente não pegar pra criar enjeitado, eles num morre lá? Era a mesma coisa, era a mesma coisa”<sup>310</sup>, através da comparação entre o abandono de crianças pelos pais diante da dificuldade importa pela seca e o abandono de filhotes pelas ovelhas, DeJulina busca exemplificar que diante da situação, ambos reagiram da mesma maneira. Mais ainda, que diante da situação de “precisão” era necessário abandonar para que outros que tivessem mais condições pudessem cuidar, dessa maneira as mulheres estavam imitando o comportamento da natureza, que é a base da cultura local.

Essa história nos ensina o que é a verdadeira narrativa. A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver.<sup>311</sup>

Em contraposição a informação que já vem pronta, a narrativa guarda uma parte que pertence ao ouvinte, cabe a sua reflexão. Enquanto a informação só tem valor enquanto é nova, a narrativa pelo contrário quanto mais é narrada, mais é acrescentada pelas experiências

<sup>308</sup> *Ibidem*.

<sup>309</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. v. I. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, 205.

<sup>310</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

<sup>311</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Obras Escolhidas. v. I. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993, 204.

do narrador ou dos ouvintes. A narrativa pode ser comparada ao marfim, polido pausadamente através das camadas lentamente acumuladas, assim acontece com as histórias constituídas pelas narrativas sucessivas.<sup>312</sup>

As lembranças e narrativas sobre a seca, contadas e recontadas por gerações têm um fundo moral, pois estão baseadas em valores e saberes. São as experiências dessas pessoas, vividas por cada um de maneira específica, mas cada vez que era recontada acrescenta as experiências de quem ouve, acumula saberes, vai sendo polida como o marfim.

Pelo caminho os narradores presenciaram cenas de sofrimento de muitos a quem o alimento acabou antes de chegar ao destino, e estes ficaram à beira da estrada contando apenas com a caridade dos que transitavam por ali. Manuel nos relata algumas dessas histórias,

Apois bom, quando se vinha de lá pra cá encontramos os malote de gente que ia descendo tudo, encontrava um aqui encontrava outro no Peixe<sup>313</sup>, encontrava outro mais adiante. Mulher de ajoelhar nos pé da gente e pedir uma esmola e as vez sair com os olhos cheio d'água por que não podia dar , por que o povo em casa tudo com fome, como é que dava? A farinha era os sacos lacrados não podia dar, dinheiro ninguém trazia, o dinheiro era a conta de chegar em casa e precisar comprar um remédio ou um açúcar ou um café né, não podia dar e assim foi, pegou de trinta, foi trinta e um, trinta e dois foi o ano mais apertado. [sic].<sup>314</sup>

Manuel conseguiu emprego no Sul na produção de farinha e recebia alguns sacos de farinha como parte do salário, ele fazia o caminho inverso da migração, retornando para a sua terra natal periodicamente para trazer farinha e outros poucos alimentos para a família. Nesse retorno pelos caminhos que ele mesmo havia passado e enfrentado as mesmas dificuldades que os demais migrantes, se via dividido entre ajudar a estes ou a sua família, “como é que dava?”.

O sentimento de piedade que impelia as pessoas a ajudar o próximo era motivado por valores cristãos e humanistas. Ainda que Manuel tivesse pouco mais do que as pessoas que esmolavam na beira da estrada, este sentia-se sensibilizado com a situação do outro, no entanto, sua família também necessitava do alimento que ele conduzia. Palestino narra uma história que é representativa de como esses valores marcam profundamente a cultura das pessoas.

---

<sup>312</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>313</sup> Povoado do município de Capim Grosso.

<sup>314</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

A seca foi grande viu. Vi muitos que desceram pra o Sul onde tinha farinha, no Sul tinha farinha barata, mas ninguém podia ir buscar, muitos que desceu com a família morreu muita gente, pouca gente chegaram. Desceu um home sozinho, chegou numa fazenda pediu um bocado, chorando de fome, nesse tempo ...[fazendeiro responde] não tenho comida pra dar ninguém não! Viajou assim como na beira do tanque, caiu e morreu, o fazendeiro pegou fez a mortaia, antigamente enterrava gente mortaiado, fez a mortaia, contava o povo eu não sei, eu não vi. O fazendeiro mortalhou o homem e enterrou, quando foi no outro dia de manha manheceu a mortalha em riba da mesa, foi verdade. [sic].<sup>315</sup>

A narrativa apresentada por Palestino expõe as noções desses valores morais e religiosos que pregavam o amor ao próximo, que deveriam nortear as ações daqueles que possuíam mais e tinham obrigação de ajudar os despossuídos, especialmente aqueles atingidos por catástrofes climáticas como a seca. No momento em que o fazendeiro nega o alimento a um faminto acontece o rompimento das relações baseadas na ajuda que os grandes proprietários deveriam oferecer aos pobres, relações estas baseadas em valores e costumes.

No entanto, após a morte do homem, sua ação de cuidar das vestes para o enterro não possuía mais valor. A moral da história narrada por Palestino busca reafirmar a obrigação daqueles que possuíam mais recursos para ajudar os despossuídos e a ação por parte do “homem morto” devolvendo a mortalha é representativa dessa moral, na qual a ajuda esperada, baseada em valores como deferência, não foi atendida.

Em uma sociedade fundamentada em laços como o compadrio, parentesco que se baseia na escolha de um casal para apadrinhar uma criança, a qual estes devem cuidar e oferecer proteção, em contrapartida o afilhado deve obediência. Nessa estrutura social entendia-se que os grandes proprietários deveriam auxiliar os subalternizados nos momentos de dificuldades, quando isso não acontecia, a posição de subordinação presente na atitude do pedido de proteção dá espaço para a insubordinação e luta por direitos.

Com base nos valores da tradição católica, o grande dono das terras no sertão tornava-se padrinho de muitos afilhados, mediante o compadrio. Dessa forma, assumia o dever de proteger vários “moradores” ou empregados. Nas relações de compadrio há, em certo sentido, uma aceitação da existência de ricos e pobres, fortes e fracos, na medida em que o potentado é visto como aquele que tem obrigação de proteger o despossuído. No sertão, é cultivada a ideia de que Deus fez o rico para proteger o pobre. Em troca, o pobre deve obediência ao rico.<sup>316</sup>

Essa concepção de mundo não é baseada na passividade, pelo contrário, é devido ao rompimento dessa “proteção” e “obediência” que justificaria a revolta do “subordinado”. Em relação a essa concepção é que a narrativa de Palestino é ilustrativa, demonstrando que o

<sup>315</sup> Palestino Amâncio de Araújo, entrevista concedida à autora, no dia 28 de setembro de 2011.

<sup>316</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998, p. 81.

flagelado é sujeito histórico, que se baseia em uma complexa rede de valores alimentada por costumes ligados ao “apadrinhamento”.<sup>317</sup>

Quando o povo passava com uma carga de tropeiro, naquela época era por que era a burro, trazia cento e vinte quilo de coisa, seja de milho ou de feijão, e eles vinham pedir uma cuia de comida, e eles tirava e dava, dava a um, dava a outro, já tinha tropeiro que trazia um bogózinho no meio da cangalha pra ir dando, que quando acabava, teve um velho como era Luiz da Varjota que descosturava e tirava no cantinho do saco um pouquinho e dava, quando chegava na feira um monte dizia o meu saco eu não descosturo por que ai já ta a quantia certa, mas quando ele chegava na feira que retaliava, aquele que ele tirou não faltava não, dava a mesma medida! [sic].<sup>318</sup>

Vitanor, ao narrar a história, nos apresenta também um conjunto de valores baseados na solidariedade, na qual Deus recompensaria pela ajuda prestada ao semelhante na terra. Dessa maneira, Vitanor demonstra através de sua narrativa que aquele que ajuda o semelhante necessitado, não sofreria prejuízos. O tropeiro que retirava pequenas quantidades de alimentos para dar a pessoas ao longo do caminho, diferente de seus companheiros, que argumentavam que faltaria no momento da venda, ele não sofria nenhum prejuízo. Ainda segundo o narrador, no momento da venda nas feiras livres não faltava “dava a mesma medida”.

Podemos conjecturar como a solidariedade e a piedade eram concebidas e praticadas por estas pessoas. Quem merecia recebê-la e quem deveria oferecê-la.

Como um ato religioso, a esmola tem um sentido em si mesmo, enquanto estabelece um elo entre o doador e seu destinatário que remete sempre ao próprio Jesus, na medida em que este, no evangelho, se identifica com os pobres. Ao doador, portanto, pouco importa a aplicação específica da oferta, mesmo porque, não pensa ter algum direito de vigiar a utilização daquilo que para ele é mediação do sagrado. Neste sentido, a questão social que produz esses miseráveis se coloca muito perifericamente para uma concepção onde a esmola se inscreve prioritariamente dentro de um sistema valorem e significados religiosos.<sup>319</sup>

Entendida, portanto, enquanto mediação do sagrado, pedida e agradecida em nome de Jesus, não cabia ao doador investigar o que seria feito com ela, baseado na concepção que “quem dá aos pobres empresta a Deus”, é com base nesses valores que a esmola torna-se sagrado.

[...] as esmolas continuam sendo pedidas em nome de Deus, e em nome d’Eletambém agradecidas. Situação bem diversa da mendicância praticada nos grandes centros urbanos, quando o pedinte pede e suplica nos dando sua condição

<sup>317</sup> *Ibidem*.

<sup>318</sup> Vitanor Moreira dos Santos em entrevista realizada no dia 07 de novembro de 2012.

<sup>319</sup> STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias*. Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Ba. Petropolis: Vozes, 1996, p. 72.

social como legitimação (desemprego, doença, abandono, numero de filhos para criar, etc.) e é em nome de uma justiça social que concedemos talvez uma esmola.<sup>320</sup>

A solidariedade é um valor muito importante para os sertanejos, diante da fragilidade das condições de vida dessa população sujeita ao abandono por parte dos governantes,

[... as relações de vizinhança e parentesco tem se expressado como a principal instituição social em momentos de fome, doença, morte, nascimento de crianças, num contexto onde as instituições estatais são insuficientes para atender a demanda social e quando existente são controlados pelas relações de clientelismo local.<sup>321</sup>

### 3.2 QUANDO A FOME É VISTA

Podemos conjecturar que muitos retirantes que saíram da zona rural e buscaram nos centros urbanos maneiras de aliviar os “martírios” causados pela seca, provavelmente percorreram as áreas centrais da cidade, onde se concentravam as casas comerciais e as residências dos mais abastados, certamente disputaram com outras tantas famílias as sombras das possíveis árvores das praças e ruas. Essas famílias, esgotadas pela longa e extenuante caminhada, utilizavam inclusive o estado de seus corpos, maltrapilhos e sujos para sensibilizar os moradores da cidade, despertando a caridade destes para que pudessem amenizar a fome.

A princípio, a caridade despertada alimentou por alguns dias aqueles que acabaram de chegar, no entanto, conforme o número de flagelados crescia aumentava na mesma proporção o sentimento de aversão, e os mesmos corpos sujos e magros que a princípio despertou a caridade passam a despertar também o medo. E a necessidade da retirada destas famílias do centro da cidade tornava-se urgente.

As cidades do interior que receberam estações e linhas para a passagem dos trens viu nestes, sinais de progresso e desenvolvimento. Entretanto, os mesmos trilhos que eram símbolos da modernidade chegando, podiam arrastar consigo aqueles que ficaram à margem desse “desenvolvimento”, paradoxalmente estes mesmos trilhos podiam ajudar na locomoção daqueles que não possuíam espaço nesse projeto. “O trânsito e a concentração de viajantes nos pontos terminais das linhas ferroviária e portuária não traziam às cidades que os

---

<sup>320</sup> CAMPOS, Roberta B. Carneiro. “Sofrimento, misericórdia e caridade em Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade”. *Ci & Tróp.* Recife, v. 30, n. 2, p. 253-266. jul-dez, 2002. p. 261.

<sup>321</sup> MENEZES, Marilda Aparecida. “Relações de solidariedade em comunidade de camponeses-trabalhadores migrante”. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 39-49, jan-dez, 1999, p. 44.

abrigavam somente prosperidade e perspectiva de crescimento, mas deterioração e desregramento”.<sup>322</sup>

No romance *Seara Vermelha* de Jorge Amado, no qual é narrado o êxodo da família de Jerônimo e Jucundina em busca de melhores condições, enquanto a família esperava a liberação para viajarem de trem de Pirapora para São Paulo, percebem que muitas outras famílias, assim como a sua se dividiram, uns por que estando doentes não receberam permissão para embarcar, engrossando as filas de pedintes nas ruas, moças que tornaram-se “rameiras” para sustentar a família, como foi o caso da personagem Marta.

E Marta tomou o caminho do cabaré e da rua das prostitutas. [...] E era ela quem sustentava a família. Jeronimo e Tonho pediam esmolas, mas os mendigos eram muitos. Continuavam a viver sob a árvore, na promiscuidade de dezenas de outros imigrantes, todos a espera do trem ou do passe.<sup>323</sup>

As cidades que possuíam estações ferroviárias presenciaram pelo grande fluxo de pessoas, constantes tensões e conflitos entre aqueles que não puderam embarcar e ficaram na cidade aumentando o numero de pedintes e os citadinos.

Pode se dizer que esta é a cidade preferida dos mendigos e loucos. Quasi todo o Nordeste, quando a secca impiedosa caustica a zona infeliz, emigram dezenas de miseráveis; e é em Bomfim, centro acolhedor que essa pobre gente vem suavizar os martyrios soffridos. Por isso mesmo a cidade em certa época do ano, tem as ruas povoados de pedintes, andrajosos, tristes, no acabrunhamento horrível damiséria. E atrás dessas levas de maltrapilhos chegam de quando em vez loucos, uns furiosos, outros pacíficos, homens, mulheres ... E Bomfim fica assim com aspecto repugnante de hospital e hospício, sob a direção de ninguém [...]. Para loucos há estabelecimentos na capital, providos dos meios que a sciencia preconiza, para os mendigos entretanto, podemos fazer alguma coisa de prático, retirando das ruas essas procissões de infortunados [sic].<sup>324</sup>

Durante os períodos de seca, as cidades recebiam grande número de retirantes que chegavam esfomeados e cansados do longo caminho feito a pé. Na maioria das reportagens feitas sobre a seca e os flagelados, estes são apresentados enquanto vítimas da natureza “inclemente e cruel”, no entanto, percebemos que nessa reportagem o autor buscou claramente persuadir o leitor de que os retirantes “enfejavam” a cidade, eram os responsáveis por impedir a imagem de cidade civilizada, “E Bomfim fica assim com aspecto repugnante de hospital e hospício, sob a direção de ninguém”. Se a princípio os retirantes eram acolhidos

<sup>322</sup> ESTRELA, Ely Sousa. *Os sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FFCH/USP; Fapesb; Educ, 2003. p. 101.

<sup>323</sup> AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 187.

<sup>324</sup> *Correio de Bonfim* 18 de janeiro de 1931, p. 04.



pela caridade, conforme o número de flagelados aumenta, cresce também a sensação de incômodo que estes causam, e a generosidade dá espaço ao medo e a aversão.

O fato de o Jornal considerar que Senhor do Bonfim “Pode se dizer que esta é a cidade preferida dos mendigos e loucos”, pode ser explicado partindo da análise da localização da estação de Bonfim, que permitia a saída de pessoas para diversas outras localidades. “Estes migrantes, subvencionados pelo governo ou por conta própria, eram embarcados em Bonfim rumo a outras paragens, onde tentariam melhor sorte na vida”. Havia dia específico para o trem dos flagelados: “todas as quartas os trens da Leste Brasileiro descem superlotados de nordestinos, rumo a São Paulo ou à zona do cacau, no sul do Estado”<sup>325</sup>. Cunha demonstra que a estação de Bonfim possuía grande importância pela sua localização, recebendo muitas pessoas que buscavam embarcar rumo a outras localidades.

Os retirantes da seca, que em alguns casos podiam contar com a ajuda do governo para viajar, chegavam em grande número, tendo inclusive como afirma o autor, dias específicos para o trem dos flagelados. Por isso, o periódico afirma que esta parece ser a cidade preferida dos pedintes. Ao significar os flagelados como “[...] pedintes, andrajosos, maltrapilhos...” a reportagem cria um mecanismo em que busca inviabilizar a condição social dessas pessoas, adjetivando dessa maneira o jornal ajuda a criar um ambiente de “medo” e aversão aos flagelados da seca,

Esses anunciados revelam o pavor que já existia na cidade, entretanto apontam, também, para uma significativa contribuição desses jornais na produção desse pavor. O texto jornalístico não apenas dava a notícia, mas também alimentava sentimentos de medo em face dos flagelados.<sup>326</sup>

Com o uso de diversos adjetivos pejorativos o jornalista busca associar a figura do retirante ao atraso e incivilizado “pedintes, andrajosos, tristes, no acobramento horrível da miséria... vez loucos, uns furiosos, outros pacíficos, homens, mulheres”. A partir dessa reportagem o jornalista busca marcar com sinais do atraso a permanência dessas pessoas na cidade, “indicava uma aproximação com um ideal de organização urbana. A sugestão de

---

<sup>325</sup> CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota (1912-1976)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 158.

<sup>326</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998, p. 77.

substituição de formas de vida vinculadas a ruralidades por outras, próximas das novidades tecnológicas que se anunciavam nas explosões dos motores movidos a gasolina”.<sup>327</sup>

A fala autorizada da imprensa buscou associar os flagelados a imagem de anti-higiênico, o que justificaria as ações para retirá-los da cidade. Buscou definir papéis, generalizar e mobilizar opiniões, criar consensos, através da palavra escrita a imprensa foi um meio difusor de suas ideias e interesses, no qual determinados grupos foram privilegiados, notadamente grupos políticos e comerciantes que buscavam fortalecer a imagem de desenvolvimento da cidade.

Além de apontar os problemas que se apresentavam com a permanência dos retirantes no centro da cidade, o periódico aponta a solução que, baseado em sua concepção seria a mais correta, enviar os “loucos” para hospícios na capital e quanto aos pedintes deveriam ser retirados da cidade, “contra os ‘inimigos do progresso’ poderia ser movida uma guerra justa”<sup>328</sup>. Tudo poderia ser justificado a partir da luta pelo desenvolvimento e progresso, e todo aquele que representasse empecilho deveria ser retirado. A imprensa se apropria e institucionaliza o saber higienista e com base nele passam a exigir a retirada dos pobres do centro da cidade, para que esse objetivo fosse alcançado deveriam ser tomadas medidas cada vez mais extremadas.

A maneira como a reportagem foi construída é um bom indicativo de como os retirantes da seca foram deslocados do lugar de “vítimas da natureza” para desordeiros, repugnantes e andrajosos que passam a oferecer perigo aos cidadãos.

Não queremos com isso afirmar que a zona servida pela linha da Grota perdia menos população que a zona de Bonfim em épocas de seca. A diferença é que, enquanto estações como Jacobina e Barra de Mundo Novo drenavam a população de uma zona relativamente limitada, em Bonfim se embarcava gente de uma área muito maior, que excedia os limites da Bahia. Como a partir do final da Segunda Guerra o movimento migratório dos nordestinos se intensificou, era natural que Bonfim, como entroncamento ferroviário, aumentasse consideravelmente suas receitas com o transporte de passageiros. Mais do que um sinal de progresso, o aumento das receitas de sua estação indicava a falta de oportunidades de crescimento individual no interior do nordeste.<sup>329</sup>

Cunha busca analisar que o aumento do número de flagelados na estação de Bonfim não significava que a população de outras cidades não sofriam com a seca e não migravam

---

<sup>327</sup> OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Brasília, Brasília, 2011, p. 34.

<sup>328</sup> Ibidem.

<sup>329</sup> CUNHA, Aloísio Santos da. *Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota (1912-1976)*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011, p. 158.

buscando outras localidades, mas que a linha ferroviária de cidades como Jacobina atendiam a um número menor de pessoas, pois sua linha férrea era reduzida e não alcançava as áreas de maior interesse dessa população que fugia dos efeitos da seca.

A análise feita por Cunha corrobora com as lembranças dos narradores discutidas no presente trabalho, nenhum dos narradores ou seus familiares utilizaram os trilhos para fugir da seca. Isso pode ter ocorrido por diversos fatores, inclusive por não possuírem recursos para pagar os fretes, ou por que as linhas da ferrovia não alcançavam os lugares que estes desejavam chegar entre outros motivos, no entanto foi possível analisar que o retirar-se da população jacobinense foi feito a pé ou no lombo de animais.

Senhor do Bonfim, devido a sua localização, possibilitava a retirada de muitos flagelados que fugiam da seca através dos trilhos da ferrovia, pois nem todos tinham dinheiro para pagar as passagens de trem, outros gastaram o pouco que possuíam no caminho. Para muitas famílias o sonho de chegar a outras terras foi frustrado por falta de recursos, engrossando as fileiras de pedintes nas ruas.

Não há talvez, duas estações como a de Bonfim, da ferrovia que nos serve, que na hora da chegada dos trens, apresente espectáculo mais vergonhoso em matéria de mendicância. De cada canto sae um pedinte, cego, aleijado, alguns ostentando chagas horríveis, um aspecto que causa indizível mal estar aos que vão a estação naquelles dias. [...] o viajante chega e não pode apreciar o lindo panorama da cidade serrana, por que chovem sacolas, mãos tremulas, vozes lamurientas, enfim um assalto de criaturas esfomeadas! [...] o que nos falta é organização no modo de praticar caridade. Fossem as auctoridades permitir a mendicância aos somente verdadeiramente precisos e a nossa terra ficaria aliviada de talvezmais da metade dos pedintes que enchem as ruas. É que muitas vezes através de farrapos nauseabundos se oculta a preguiça e não raro a baixa e a especulação. [sic].<sup>330</sup>

O controle do contingente de retirantes que chegavam á cidade, a princípio, foi feito através da caridade, no entanto com o aumento destes a população passou a exigir, juntamente com a imprensa que os gestores tomassem uma atitude diante do número crescente de pedintes, uma vez que a caridade das famílias era insuficiente. A primeira atitude a ser tomada deveria ser o reconhecimento dos “verdadeiros” necessitados, aqueles que mereciam receber a esmola, aos demais considerados “saudáveis” deveriam ser encaminhados para diversos trabalhos. Esse argumento foi construído a fim de justificar o uso da mão de obra dos flagelados da seca em construções para o embelezamento da cidade.

A magreza, sujeira e nudez dos retirantes causavam profundo desconforto nos cidadãos, ao ir de encontro à imagem de “civilização”, na qual os governantes e comerciantes

---

<sup>330</sup> *Correio do Bonfim*, 08 de fevereiro de 1931.

buscavam espelhar-se. A princípio o controle da população flagelada era feita através da caridade, no entanto,

Multiplicada por incongruências culturais que impediam uma compreensão mútua, os conflitos gerados por essa convivência forçada e conturbada pela insuficiência dos meios de atendimento assistencial acabam por desenvolver uma nova estrutura de sentimentos com relação aos migrantes da seca: a caridade desinteressada, que para os cristãos, abençoa quem a pratica e não quem a recebe, com que os primeiros retirantes são recebidos logo é substituída pela desconfiança, pelo medo e até pelo horror.<sup>331</sup>

Havia o interesse de “isolar a pobreza”, determinando para os flagelados “lugares adequados”. “Não obstante, nem sempre o pobre ocupa o lugar previsto [...]. A cidade se constrói menos pelo planejamento idealizado e mais pelos embates e conflitos”<sup>332</sup>. O desejo de determinar lugares específicos para os pobres, que fossem longe do centro da cidade, não significou que não havia resistência por parte dos flagelados, contra esse projeto.

O projeto dos gestores preconizava a disciplinarização e normatização, especialmente da população subalternizada, no entanto, não podemos acreditar que não havia resistência por parte destas, muitas foram as “resistências” e “astúcias” criadas contra esse projeto. Uma das armas utilizadas na tentativa de normatizar as ações na cidade foi o Código de Postura Municipal de 1933, no qual proibia entre outras praticas, a lavagem de roupas no rio, a criação de animais no espaço urbano e o banho no rio, essas proibições contavam com o amplo apoio da imprensa local que ajudava a difundir esse discurso.

Entre as principais proibições presente no Código de Postura Municipal, divulgado e apoiado pela imprensa, estavam práticas ligadas ao mundo rural. O migrante se via dividido entre o novo espaço (urbano) e o espaço identitário (o rural), as práticas baseadas nesse espaço identitário, consideradas atrasadas, entravam em choque com as pretensões de cidade progressista e civilizada.<sup>333</sup>

Ouvimos que o Sr. Prefeito publicará hoje editaes proibindo terminantemente o criatório de porcos no perímetro urbano e estabelecendo certo praso para a retirada dos porventura existentes em quintaes. Era uma medida de ha muito esperada, pois o velho habito de cidade tomara ultimamente grande incremento, especialmente em determinadas ruas [sic].<sup>334</sup>

<sup>331</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, p. 48.

<sup>332</sup> RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998, p. 118.

<sup>333</sup> CARDEL, Lígia Maria Pires Soares. “O Indivíduo entre a lógica e a práxis da economia moral Camponesa”. *VIII Congresso Latinoamericano de Sociología Rural*, Porto de Galinhas, 2010.

<sup>334</sup> *Correio de Bonfim*, 25 de outubro de 1931, p. 6.

É notório que essas medidas atingiam a camada da população subalternizada, que buscavam recriar no espaço urbano práticas do mundo rural. A princípio, podemos conjecturar que a criação de pequenos animais na área urbana poderia ser uma maneira de complementar o orçamento dessas famílias, muitos animais eram usados para transportar pessoas, como fonte de renda sendo comercializados nas feiras locais ou ainda para o consumo da família. Mas não apenas isso era também, uma maneira de recriar o ambiente que dava sustentação ao conjunto de valores e costumes que norteavam suas ações, diminuindo o choque das mudanças causadas pela migração.

Podemos encarar ainda enquanto resistência, “A linguagem do poder se ‘urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios, que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”<sup>335</sup>. Certeau propõe que o consumo da cidade não era feito conforme o desejo de seus gestores havia o consumo desta por aqueles que não estavam incluídos no projeto urbanístico pensado para o espaço urbano. Em contrapartida esses “excluídos”, os pedintes, os flagelados, as prostitutas, usavam táticas para burlar esse projeto. A cidade pensada por profissionais como engenheiros e gestores é uma cidade teórica, no entanto sujeitos “ordinários” operam deslocamentos, desvios.

Tanto em cidades do interior baiano, quanto na capital ex-trabalhadores rurais tentam reproduzir a pujança da natureza nos fundos de quintais de moradias urbanas. Em poucos metros quadrados, plantam pés de banana, abacate, pimenta, moitas de cana, flores silvestres, plantas medicinais, criam porco, galinha, pato e pássaros.<sup>336</sup>

Essas práticas, diante da migração, na qual a maioria dos migrantes deslocava-se da zona rural buscando nas cidades melhores condições, buscava recriar nesse espaço aspectos que se aproximassem do seu lugar de origem. Essa tentativa, no entanto, constitui-se “[...] em campos de batalha pela sobrevivência, que podem também ser campos de tensões e conflitos em torno de modos de viver e de morar, que se dão de modo incompatível com preceitos higienistas”<sup>337</sup>. O jornal *O Lidador* também alertava sobre a desobediência ao Código de Postura e as orientações do “Delegado da Higiene”, demonstrando a institucionalização do saber higienista e da fala autorizada deste, ao dizer que “[...] os porcos, vacas e terríveis focos de muriçocas que por falta de punição voltam a cidade”.<sup>338</sup>

<sup>335</sup> CERTEAU, Michel. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. v. 1. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 174.

<sup>336</sup> SANTANA, Charles D’Almeida. *Fartura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações – Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 136.

<sup>337</sup> MENEZES, Adriano; OLIVEIRA Valter. (Org.). *Cultura Urbana na Bahia: estudos sobre Jacobina e região*. EDUNEB, Salvador-Ba, 2009, p. 11.

<sup>338</sup> *O Lidador*, Ed. 322, 24 de março de 1940, p. 1.

Os jornais falavam em “miasmas” e essas práticas, principalmente da população subalternizada, seriam as responsáveis por disseminar o foco de diversas doenças. A respeito dos doentes que esmolavam pela cidade *O Lidador* publicou as solicitações dos moradores para que os mesmos fossem retirados das ruas e para que eles fossem destinados para áreas afastadas da cidade: “Coitados, no meio da rua, necessitando, deste modo da caridade publica”<sup>339</sup>.

Ao analisar as condições de trabalho e moradia dos garimpeiros das serras de Jacobina, nas décadas de 30 e 40, Jesus aborda que essa população esteve suscetível a inúmeras doenças, segundo ela “na cidade de Jacobina e vilas vizinhas ocorreram muitos casos de varíola, febre amarela, febre tifóide, malária entre outras”<sup>340</sup>. Podemos crer que essas doenças também atingiram os flagelados da seca, além disso esses males eram agravados, segundo Jesus “[...] pela dependência de um serviço de saúde pública muito deficiente”<sup>341</sup>. Pinho considera que, entre os anos 1931-1934, “[...] as doenças proliferaram nesse período, principalmente em decorrência da seca”<sup>342</sup>. Muitas eram as epidemias que poderiam se apoderar dos corpos enfraquecidos pela desnutrição e pelas condições de insalubridade da cidade. Ainda segundo Jesus,

A pobreza, a sujeira e a insalubridade que em épocas remotas já haviam facilitado a presença de epidemias do colera-morbus, febre amarela, varíola, etc, como as que ocorreram na Bahia do século XIX, ainda se faziam presente em muitas cidades da Bahia em pleno século XX. Esse era o caso de Jacobina [...].<sup>343</sup>

Os grupos de retirantes que perambulavam pelas ruas, muitas vezes eram beneficiados pela caridade dos moradores da cidade. No entanto, com o aumento das doenças eles passaram a ser considerados como responsáveis pela sua disseminação. Chalhoub ao trabalhar com os cortiços, epidemias de febre amarela e o serviço de vacinação no Rio de Janeiro no século XIX aborda que,

<sup>339</sup> *O Lidador*, Ed. 133, 05 de abril de 1936.

<sup>340</sup> JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina. (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005, p. 138.

<sup>341</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>342</sup> PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 72.

<sup>343</sup> JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

As classes não passaram a ser vistas como classes perigosas apenas por que poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho ou a manutenção da ordem pública. Os pobres ofereciam também perigo de contágio.<sup>344</sup>

De acordo com Villa “A fome ampliou diversas doenças, como a hemeralopia, ou cegueira noturna, causada pelo enfraquecimento prolongado do organismo.” Ainda segundo o autor “Cólera, febre amarela, varíola começaram a atacar grupos de retirantes. A utilização de água contaminada agravou ainda mais a proliferação de doenças”<sup>345</sup>. O Jornal o *Correio do Sertão* noticia quão dolorosa era a situação dos sertanejos:

Pelas ruas vaguêam dezenas de flagellados semi-nus, esqueleticos , implorando pelo amor de Deus um pouco de alimento para não morrerem de inanição! Maioria desses infelizes, buscam alimentar-se de raízes silvestre aonde muitos delles, em vez de encontrarem saciedade a fome que os devora , é aonde acham em pouco tempo a morte em consequência de tão estranha alimentação.<sup>346</sup>

Diante da situação de penúria que atingiu a população jacobinense, com a diminuição drástica do número e qualidade dos gêneros alimentícios, é provável que muitos tenham tido a saúde bastante debilitada. Atestados de óbito da época apontam várias doenças como causa da morte, entre elas paludismo (malária), varíola. Muitas dessas vítimas poderiam estar com o organismo debilitado devido à alimentação insuficiente, tornando-se mais suscetíveis às doenças. Em um número razoável de atestados a causa da morte surge associada à fome, esta provavelmente em tempos de seca foi a responsável por levar muitas almas.

### 3.3 TROPEIRISMO: LIBERDADE PARA COMBATER A FOME

“As descobertas minerais fizeram surgir redes de caminhos pelos sertões”<sup>347</sup>. A descoberta de ouro nas serras de Jacobina foi grande impulsionador para o povoamento da região, com o deslocamento de vários grupos interessados na exploração do ouro surgiu também a necessidade de gêneros alimentícios e outros produtos fundamentais para a fixação dessas pessoas no sertão. “No curso dos caminhos ou, mais frequentemente nos seus entroncamentos, sob o impulso de atividades mineradoras ou pecuaristas, surgiram

<sup>344</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 29.

<sup>345</sup> VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000, p. 49.

<sup>346</sup> Jornal *Correio do Sertão*, de 08 de janeiro de 1933, n. 777, p. 01.

<sup>347</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. (Org.). *Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. Arcadia, 2007, p. 20.

aglomerados populacionais, embriões de futuros núcleos urbanos, desenvolvidos em sedes de fazendas, nos entornos de oragos”.<sup>348</sup>

Ao longo do caminho, na constante passagem das tropas, lugares vão sendo demarcados para o pouso, “vendas” surgiam para suprir os tropeiros. Neves aponta ainda, que as estradas de ferro e posteriormente as estradas rodáveis do século XX obedeciam a mesma lógica dos caminhos abertos por tropeiros, boiadeiros e sertanistas.<sup>349</sup>

É possível inferir que muitas vilas e cidades tenham surgido e se consolidado nos pontos onde boiadeiros e tropeiros passavam para descansar e se alimentar. DeJulina aponta a importância de animais, os quais desempenharam papel fundamental, pois eram os “caminhões” daquele tempo, trazendo alimentos básicos de outras regiões do estado, além disso, traziam novidades e notícias.

O tropeiro foi peça importante na ligação do interior com o litoral do Brasil. Ele era comerciante, era emissário oficial, era correio, intermediário de negócios, portador de bilhetes, recados, aviador de encomendas e receitas. Era um traço de união entre os centros urbanos afastados. Os tropeiros deram continuidade ao desbravamento das regiões afastadas do litoral, seguindo o caminho dos bandeirantes e sertanistas, primeiros desbravadores das terras do interior do Brasil.<sup>350</sup>

Com as dificuldades impostas pela seca e a escassez de gêneros alimentícios, a figura do tropeiro ganha destaque, pois ele era responsável pelo escoamento da produção e abastecimento das regiões mais afastadas.

Ai esse Quirino tinha três burro, era os caminhão de hoje, ele ia no Gandú, chamava o sul era de gandú e trazia esses três burro, me lembro dos nome era passo preto, andorinha e mazona trazia carregado, uma de milho, um de feijão e um de farinha, num trazia os sacos cheio não, uns sacos veio de couro oxe.<sup>351</sup>

A fala de DeJulina é demonstrativa da importância do tropeiro, eles e seus muares desempenhavam a função dos “caminhão de hoje”. Em tempos de seca era fundamental para adquirir bens de primeira necessidade, com o as lavouras esgotadas pela falta de chuva era necessário buscar alimento em outras regiões para abastecer as feiras locais, “trazia carregado, uma de milho, um de feijão e um de farinha”. Com a quase inexistência de estradas carroçáveis, os caminhos do sertão eram transpostos no lombo de muares, este animal que é

<sup>348</sup> *Ibidem*, 22.

<sup>349</sup> *Ibidem*, 64.

<sup>350</sup> PAES, Jurema Mascarenhas. *Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX No alto sertão baiano*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001, p. 57.

<sup>351</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.



mais resistente que o cavalo, enfrentava melhor as adversidades do caminho e suportava os pesados fardos que deveriam transportar.

Feira de Santana também se apresentou como um importante destino, fundamental para a circulação de mercadorias entre a capital e o interior do sertão.

Além disso, Feira de Santana desde fins do século XIX tornou-se ponto de refúgio para as populações assoladas pela seca [...]. Tal condição determinou a construção de uma memória sobre a seca entre a população que, igualmente à atividade pecuarista, adicionava a feição feirense à paisagem do sertão.<sup>352</sup>

Balbina aponta na sua fala a importância de Feira de Santana para a população do interior. Devido a grande circulação de pessoas e mercadorias, os tropeiros podiam adquirir os gêneros alimentícios de primeira necessidade que seriam revendidos nas feiras de cidades como Jacobina.

Teve família de gente que desceu pra Feira de Santana. A farinha, quem tinha um animal, tinha um homi lá que tinha quatro burrão, botava a cangaia nos burro, o saco e tacava pra Feira de Santana, lá comprou os saco de farinha, era quase oito dia de viagem, ai agora repartia um prato pra um, um prato pra outro, um litrão pra outro até acabar, pegava tornava voltar, era assim.<sup>353</sup>

O “ir e vir” do tropeiro propiciava a comunicação com outras regiões, os locais de parada para pernoitar e se alimentar tornavam-se núcleos de povoamento, que se tornariam cidades posteriormente. É sabido o papel fundamental do tropeiro no povoamento do Sertão.

Manuel, a princípio, diante das dificuldades impostas pela seca migrou com mais três irmãos para a região de Mutuípe, com as constantes idas e vindas, ele começou a comercializar gado. Segundo ele, “[...] comprava uma rês aqui, daquelas que ainda dava pra viajar, e levava pra vender lá, vendia por dezoito dezenove, real, real não, mil réis dezoito, dezenove, vinte mil réis, as vez quando levava uma vaca boa graúda, chegava lá vendia por vinte mil réis”<sup>354</sup>. O narrador passou a comprar vacas e revender, o tropeirismo se mostrou como uma alternativa diante do esgotamento das lavouras.

[...] quando foi um dia, um dia de sábado, um dia , um dia de sábado que era a feira de São José quando tava tudo assim, óiano pro mundo assim sem ter um litro de farinha nem um litro de feijão, [...] aí o povo disse mas o que é que se vai fazer, o povo ficou tudo doido, o que é que se vai fazer? O que é que se vai fazer ? [...]

<sup>352</sup> PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. *Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2009.

<sup>353</sup> Balbina Avelina da Silva, entrevista concedida à autora, no dia 05 de janeiro de 2013.

<sup>354</sup> Manuel Ferreira Cunha, entrevista concedida à autora, no dia 15 de maio de 2013.

naquele tempo o povo carregava as coisas e botava a cia nos burros viu, com pouco hora Mané Varge D`água entrou carregado de feijão, montou, meteu oito burro arriado, bom derrubou aquelas caixa, derrubou aquelas caixa juntou mais gente ( risos) ninguém sabe de onde veio tanta gente, e ficou ali aberano ali, ai ele, ele disse vou botar aqui encostar os burro ali, encostou, foi encostar os burro, chegou disse ói caçou aquelas pessoa que ele tinha fé e disse vá medindo aí que eu vou recebendo o dinheiro, preciso receber o dinheiro, pra comprar em outra terra traveis, aí ele ficou recebendo aquele dinheiro e o povo desfazeno, ói dentro de uma hora de relógio cabou tudinho, tudinho tudinho ele levou só o dinheiro e a sacaria ficou dessas artura.<sup>355</sup>

Na fala de Lindolfo é possível perceber a importância do tropeiro nos momentos de crise, a população sem acesso aos alimentos que faziam parte da base da dieta alimentar, “no dia de sábado” que era o dia da feira livre, não havia gêneros disponíveis diante do esgotamento das lavouras. Para conseguir alimentos só buscando em outras áreas, devido à falta de estradas e a dificuldade para obtenção de transporte, o tropeiro se torna o responsável pelo abastecimento dessa população, como aponta o narrador, quando ele chega carregado de mantimentos é que é possível para essa população se abastecer.

Os narradores apresentam em suas falas o modo como o tropeirismo se mostrou enquanto alternativa, mesmo que acompanhassem as tropas ainda muito jovens, como aprendizes ou seguindo outros familiares. “É março, na seca de 32, eu fui algumas vez mas o finado Olegario, meu cunhado, pro sul, Amargosa, Amargosa, buscar farinha em Amargosa em 1932 finzinho das seca”.<sup>356</sup>

Alguns desses homens, que buscaram na comercialização de gêneros de primeira necessidade, que atravessaram lonjuras, não possuíam tropas de muares ou conduzia grandes quantidades de alimentos. Muitos percorreram os caminhos do sertão a pé trazendo na cabeça uns poucos quilos de mantimentos “[...] é muitos, muitos na seca de trinta e dois trazia na cabeça de a pé, trazia um mói de farinha na cabeça, comprava oito ou dez pratos, amarrava bem marradinho marrava na cabeça tocava de lá pra cá”.<sup>357</sup>

### 3.4 O GARIMPO ENQUANTO ALTERNATIVA PARA FUGIR DA SECA

A descoberta de ouro nas serras de Jacobina por volta da segunda metade do século XVII, e, intensificada no XVIII, ajudou a consolidar o povoamento da região. Desde a descoberta do ouro, foi visto na sua exploração o caminho para o desenvolvimento e crescimento econômico da cidade, atraindo pessoas de diversos lugares do estado e do país.

<sup>355</sup> Lindolfo José Ferreira, entrevista concedida à autora, em 27 de novembro de 2011.

<sup>356</sup> Luiz Maciel Sobrinho, entrevista concedida à autora, em 19 de fevereiro de 2012.

<sup>357</sup> *Ibidem*.

“A exploração do ouro na década de 1930 ganhou novo impulso, retornando-se o clima de euforia e otimismo, mediado pelos discursos divulgados pela imprensa, que a representavam como riqueza e prosperidade para todos, associando de maneira inequívoca ouro e progresso”.<sup>358</sup>

O jornal *O Lidador* em suas matérias buscou propagandear a exploração do ouro nas serras de Jacobina como o caminho para o progresso. “O ouro é a alavanca para o progresso”. Os discursos a respeito do ouro em Jacobina foram se consolidando e a cidade passou a ser denominada “Cidade do Ouro”. As propagandas do Jornal buscavam atrair pessoas para a exploração do ouro, sem dúvida muitos foram os que acreditaram na possibilidade de mudar de vida. Foi criado um imaginário providencialista em torno da exploração do ouro e a seca tornou-se dessa forma, fator impulsionador para que inúmeras pessoas se arriscassem nessa atividade, acreditando na possibilidade de enriquecimento e diante das dificuldades enfrentadas o garimpo se mostrou enquanto alternativa.

Pode-se considerar sobre os movimentos migratórios, que não havia pessoas apenas saindo de Jacobina, mas também chegando, como apontam as inúmeras propagandas do jornal *O Lidador*, que buscava atrair os garimpeiros para os serviços de extração de ouro nas serras de Jacobina, como mostra o trecho publicado no jornal.

O ouro é a alavanca do progresso. Sem ele os arranha céus se não ergueriam desafiando as alturas nem os aeroplanos desafiariam a magnitude dos arranha céus. Sem ele não surgiria as cidades deslumbrantes, nem as instituições beneméritas. [...] O ouro é bendito. Bendito na moeda que cai na sacola do mendigo; bendito no pedaço de pão que dá alento ao faminto.<sup>359</sup>

O ouro foi o carro chefe para atrair pessoas para Jacobina, para a imprensa local o ouro era bendito, responsável pelo desenvolvimento econômico da cidade, essas propagandas atraíam pessoas cidades circunvizinhas, da zona rural ou até mesmo de outros estados. Com o agravamento das consequências da seca a população da zona rural e dos povoados e cidades vizinhas foram atraídas com maior facilidade para a extração do ouro.

Nos depoimentos coletados as referências à seca de 1932 são recorrentes. Segundo os depoentes, os filões auríferos representaram a grande alternativa de sobrevivência para a população de Jacobina e cidades vizinhas que ainda sofriam com as perdas ocasionadas pelo período de estiagem.<sup>360</sup>

<sup>358</sup> FARIAS, Sara Oliveira. *Enredos e tramas nas minas de ouro de Jacobina*. Recife: Universitária da UFPE, 2008, p. 43.

<sup>359</sup> Jornal *O Lidador*, 16 de março de 1934, n. 28, p. 01.

<sup>360</sup> JESUS, Zeneide Rios de “Trabalho e pobreza nas serras auríferas do sertão baiano” (1930-1940). *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n. 1, jan-jun. 2009, p. 34.

Nesse contexto, as dificuldades geradas pela seca davam um caráter mágico à atividade do garimpo, enfim todo um imaginário providencialista associado à busca do ouro. O quadro de miséria instituído pela fome que assolava a região estimulou a procura de soluções, dentre elas estava a luta pelo ouro nas serras de Jacobina. O ouro sempre foi visto a possibilidade de crescimento econômico da cidade, porém era uma atividade transitória, a base econômica da cidade era a agricultura e pecuária. Nos momentos de seca, em que os prejuízos com a lavoura e rebanhos inviabilizam a produção agrícola, a extração do ouro ganha maior visibilidade.

É possível perceber dessa forma que muitas foram as respostas dos sertanejos as dificuldades geradas pela seca e uma delas foi a garimpagem, portanto a seca tornou-se fator impulsionador para que inúmeras pessoas se arriscassem nessa atividade.

Portanto, as péssimas condições proporcionadas pela seca com certeza exerceram papel decisivo para que muitos sertanejos se arriscassem nos garimpos de Jacobina em busca de uma saída para os impasses da crise vivida.<sup>361</sup>

Dejulina relembra que diante das dificuldades impostas pela seca, seu pai acompanhado de dois irmãos foram buscar a sorte em um garimpo recém-descoberto.

Meu pai uma vez foi que disse que lá apareceu uma mina de ouro, conforme vão aqui pra Carnaíba, e eles foram pra cavar, ele, o finado João e o finado Jacinto, os dois, fizeram umas gamela redonda desse tamanho, de mulungu, marraram nas cordas, nas costas e viajaram, acho que oito dias de viagem, quando vinham de lá pra cá, de mês em mês vinha em casa, tava trabalhando nesse garimpo, aí marrava um bucadinho de milho, um bucadinho de farinha, um bucadinho de feijão, quando chegava ou Deus que barriga cheia, os pé desse tamanho, passava mais de oito dias sem dar uma passada, eu num sei como guentava não [sic].<sup>362</sup>

Na narrativa apresentada por ela percebemos que com a descoberta de novos garimpos na região, estes se apresentavam enquanto alternativa para a população que não possuía mais recursos para alimentar a família. DeJulina recorda que seu pai foi “cavar ouro” e com o que recebia comprava gêneros alimentícios “bucadinho de milho, um bucadinho de farinha, um bucadinho de feijão” que eram fundamentais para a sobrevivência da família, salienta que “ou Deus que barriga cheia”. Demonstrando que as dificuldades diárias eram amenizadas com os produtos adquiridos no trabalho do garimpo.

<sup>361</sup> JESUS, Zeneide Rios de “Trabalho e pobreza nas serras auríferas do sertão baiano” (1930-1940). In: *Revista Mundos do Trabalho*, v.1, n. 1, jan-jun. 2009, p. 131.

<sup>362</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

O jornal *O Lidador* propagandeava as facilidades para explorar o ouro e a oportunidade que este oferecia para a mudança total na vida das pessoas, saindo da miséria e alcançando a riqueza através da descoberta de filões.

A imprensa via na extração aurífera a grande oportunidade de Jacobina se desenvolver economicamente, tornando-se uma cidade civilizada. Constituíam-se sobre os garimpos jacobinenses uma visão de terra prometida, cheia de oportunidades enfatizando os benefícios e as facilidades em se cavar ouro.<sup>363</sup>

No entanto, o periódico omitia as dificuldades que os garimpeiros enfrentavam no labor diário na exploração do ouro. Estes viviam em condições insalubres, a exploração do ouro nas serras era uma atividade perigosa, estando os garimpeiros sujeitos a acidentes ou até mesmo morrer. DeJulina aponta que nem todos ficavam ricos no garimpo, muitos trabalhavam para donos de grandes garimpos e recebiam apenas pelo trabalho de garimpar. “Apareceu até garimpo pro povo ir cavar ouro, só que tem que eu não ví ninguém trazer ouro. Ganhava lá os trocadinho deles, por que logo tavam lá lavano, cavano aquele cascai” [sic]<sup>364</sup>. Em oposição à facilidade em “enriquecer”, alardeada pelo jornal *O Lidador*, qualquer um poderia ficar rico garimpando em Jacobina desde que tivesse disposição para trabalhar.

---

<sup>363</sup> JESUS, Zeneide Rios de “Trabalho e pobreza nas serras auríferas do sertão baiano.” (1930-1940). **In:** *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 1, n. 1, jan-jun. 2009, p. 32.

<sup>364</sup> DeJulina Francolina Ferreira, entrevista concedida à autora, em 29 de novembro de 2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seca teve e tem muitos significados que vão além da simples falta de chuva. Ela foi e continua sendo o “inverno” de alguns e o “inferno” de muitos. Ao longo do presente trabalho abordamos as várias táticas e experiências da população de Jacobina e região, especialmente a população mais carente, para o enfrentamento das consequências da seca de 1932. Percebemos assim, que muitas foram as respostas da população as questões colocadas pela estiagem.

Discutimos as táticas acionadas para o enfrentamento da seca, táticas estas baseadas em conhecimentos que tinham como referência a cultura campesina. Diante da escassez material foi necessário, por parte dessa população, fazer uso de raízes e sementes silvestres, que não eram usadas em outros períodos que não os de seca, para a alimentação. A seca de 1932 desestruturou todo o sistema produtivo rural da região, agravando a situação da grande maioria da população que já enfrentava dificuldades cotidianamente. Dessa forma, foi necessária a readaptação da rotina dessas famílias, que passaram a buscar nos pouquíssimos recursos que a natureza ainda dispunha, meios para se alimentarem, fazendo o uso de raízes e sementes silvestres, a exemplo da mucunã, o bró, entre outros.

O fenômeno da seca e suas consequências marcam a vida dos sertanejos para além do momento em que esta se faz presente. Isso se evidencia na tentativa, por parte dessa população de prever as possibilidades de sua ocorrência, através da observação da natureza. Ao longo da vida, o sertanejo aprendia a observar na natureza os sinais da chuva, fenômenos que o ajudavam a se preparar para o enfrentamento de mais um verão. Se os sinais apontassem que não haveria inverno, eram então necessárias várias medidas para o enfrentamento das consequências da seca.

Na fala dos narradores foi possível analisar o que diferentemente a imprensa local e da região buscou apregoar, esta por sua vez noticiava o envio de verbas para o auxílio da população flagelada, ainda que não tenham sido solicitadas em nome dos retirantes e para eles, pois na prática beneficiaram os governantes locais. Para os últimos, os flagelados, representavam paradoxalmente, com suas práticas consideradas atrasadas e rústicas, o empecilho para o desenvolvimento de uma cidade com pretensões de tornar-se moderna e civilizada, logo deveriam ser retirados do centro da *urbe*. Por outro lado, as situações descritas eram o meio pelo qual verbas podiam ser solicitadas para a construção de obras que objetivavam o embelezamento e modernização da cidade. As obras públicas “contra as secas”

tinham o objetivo principal de empregar essa população flagelada, controlando “seus ímpetos revolucionários”.

“O problema do sertão não é a seca e sim cerca”. Com esta última, o modo de vida do sertanejo referendado no costume e realizada com base nas relações mútuas de solidariedade entre parentes e vizinhos. As terras comuns chamadas de “matinhas” ou “campos” eram espaços fundamentais para a sobrevivência dessa população, nos quais podiam-se colher frutos, caçar, pescar e criar rebanhos, gêneros estes que garantiam a segurança alimentar das famílias. Com a cerca e o processo de mercantilização das relações campesinas, reconfigurou-se o modo de vida dessas comunidades, desordenando toda a organização das atividades produtivas, sendo impossível para estes permanecer nessas localidades e com isso tornava-se forçoso retirar-se.

Quando todas as táticas empregadas falharam era necessário partir, buscar melhores condições em outros lugares. O objetivo principal da migração era o trabalho, em sua maioria os que partiram buscavam atividades que ajudassem a alimentar os que permaneceram. Alguns trabalhadores como vimos, fizeram do retirar-se um meio de sobrevivência, o ir e o vir pelas estradas em cima do lombo de um animal foi o responsável pelo abastecimento das cidades e pela comunicação por entre as lonjuras do sertão. Pelos caminhos do sertão, muitos tropeiros lutaram para combater a fome, carregando os mantimentos no lombo de animais criaram espaços de sobrevivência diante da seca.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. “Palavras que calcinam, palavras que dominam: a invenção da seca do Nordeste”. In: *Revista Brasileira de História*. Órgão da Associação Nacional de História (Ex Associação Nacional de Professores Universitários de História). São Paulo. ANPUH /Marco Zero, vol. 14, n. 28, 1994.

\_\_\_\_\_. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino - de problema à solução (1877-1922)*. 1998. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

ALMEIDA, Rodrigo Cavalcante de. *A Modernidade e as Favelas: a produção do espaço urbano de Fortaleza a partir da Seca de 1932*. 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Ceará, Ceará, 2012.

AMADO, Jorge. *Seara Vermelha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 145-151, 1995.

ANDRADE, Manoel Correia de. *A Seca: Realidade e Mito*. Recife: ASA, Pernambuco, 1985.

ARAÚJO, Maria Lia Corrêa de. “Seca: fenômeno de muitas faces”. In: *Cad. Est. Soc. Recife*. v. 16, n. 1, p. 5-27, jan-jun, 2000.

ARAÚJO, Raimundo Alves de; SILVEIRA, Edvanir Maia da. “A cidade e a seca : o campo de concentração de 1932 e as transformações urbanas em Ipu-CE”. In: *Revista da casa de Geografia de Sobral*, Sobral, v. 8/9, n. 1, p. 99-110, 2006/2007, p. 104. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs>>. Acesso em: jul 2011.

BARBOSA, Diva Vinhas Nascimento. *Os impactos da seca de 1993 no semi-árido baiano: Caso Irecê*. Salvador: SEI, 2000.

BARREIRO, José Carlos. “Tradição, Cultura e Protesto Popular no Brasil, 1780-1880”. *Projeto História*, São Paulo, n. 16, 1998.

\_\_\_\_\_. E.P. Thompson e a Historiografia Brasileira: Revisões Críticas e Projeções. In: *Proj. História*, São Paulo. 1995.



BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas*. 5. ed. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

BOAVENTURA, Eurico Alves. *A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. da Letras, 1994.

BONZATTO, Eduardo Antônio. "TRIPALIUM: O trabalho como maldição, como crime e como punição". Disponível em: <[http://unifia.edu.br/revista\\_eletronica/revistas/direito\\_foco/artigos/ano2011/Direito\\_em\\_foco\\_Tripalium.pdf](http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2011/Direito_em_foco_Tripalium.pdf)>. Acesso em: 24 abr 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

\_\_\_\_\_. O trabalho como festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês acompanhado de canto e festa. **In:** GODOI, Emilia Pietrafesa de; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Acevedo. (Org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*. Vol. I. Construções identitárias e sociabilidades. São Paulo: Editora UNESP; Brasília: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

CAMPOS, Roberta B. Carneiro. "Sofrimento, misericórdia e caridade em Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade". **In:** *Ci & Tróp. Recife*, v. 30. n. 2, p. 253-266, jul-dez, 2002.

CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. "Operários das secas: retirantes e trabalhadores de ofício em obras de socorro público (Ceará - 1877-1919)". **In:** *Revista Mundos do Trabalho*, vol. 3, n. 6, jul-dez, 2011, p. 176-193.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: dilema brasileiro: pão ou aço*. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, Iná Elias de. *O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CARDEL, Lígia Maria Pires Soares. "O Indivíduo entre a lógica e a práxis da economia moral Camponesa". **In:** *VIII Congresso Latinoamericano de Sociología Rural*, Porto de Galinhas, 2010.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*. v. 1. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. *Memórias descarrilhadas: o trem na cidade do Crato*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHACON, Suely Salgueiro. *O sertanejo no caminho das águas: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido*. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil, 2007, p. 160.

COSTA, José Jonas Duarte da. “Seca, pobreza e desertificação na Paraíba”. **In:** *Saeculum - Revista de História*. n. 8/9. Jan-dez. 2002-2003. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003.

CRUZ, Heloisa de faria; PEIXOTO, Maria do Rosario da C. “Na oficina do historiador: conversas sobre historia e imprensa”. *Projeto História*, São Paulo, n. 35. p. 1-411, dez. 2007.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo-SP, Martin Claret, 2003.

CUNHA, Aloisio Santos. *Descaminhos do trem: As ferrovias na Bahia e o caso do trem da Grota*. 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

DUARTE, Renato Santos. *Do desastre natural à calamidade pública: a seca de 1998/1999*. Fortaleza: Banco do Nordeste; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

ESTRELA, Ely Sousa. *Os sampauleiros: cotidiano e representações*. São Paulo: Humanitas FFCH/USP, 2003.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro, RJ. Civilização Brasileira, 1980.

FARIAS, Helio Takashi M. de. *Contra as secas: A engenharia e as origens de um planejamento territorial no nordeste brasileiro (1877-1938)*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte, 2008.

FERREIRA, Angela Lúcia; DANTAS, George Alexandre F; FARIAS, Hélio Takashi M. “Adentrando Sertões: considerações sobre a delimitação do território das secas”. **In:** *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*, Barcelona, v. 10, n. 218 (64), 01 ago. 2006. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-62.htm>>. Acesso em: 10 fev 2013.

FERRÃO, João. *Relações entre o mundo rural e o urbano: Evolução histórica, situação actual e pistas para o futuro*. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n33/n33a02>>. Acesso em: 22 abr 2014.

FISHER, Izaura Rufino; ALBUQUERQUE, Ligia. “A mulher e a emergência da seca no Nordeste do Brasil”. *Trabalhos para discussão*. n. 139, jul. 2002.

FREUD, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana (1901)*. v. IV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A. 1982.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. “Seca e migração no Nordeste: reflexões sobre o processo de banalização de seu processo histórico”. In: *Trabalhos para Discussão*. n. 111, 2001, ago. 2001.

GOMES, Alfredo Macedo. *O imaginário Social da seca*. Recife: Massangana, 1998.

GONÇALVES, Graciela Rodrigues. *As secas na Bahia do século XIX (Sociedade e Política)*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000.

JESUS, Zeneide Rios de. *Eldorado Sertanejo: garimpos e garimpeiros nas serras de Jacobina: (1930-1940)*. 2005. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

\_\_\_\_\_. “Trabalho e pobreza nas serras auríferas do sertão baiano” (1930-1940). In: *Revista Mundos do Trabalho*, v. 1, n. 1, jan-jun. 2009.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola; SAMPAIO, Wilson Correia. (Org.). *Missionários e Beatos nos sertões Nordestinos: ações socializadoras e formativas (séculos XVIII-XX)*. Maceió, EDUFAL, 2011.

MAGALHÃES, J. *Previsões folclóricas das secas e dos invernos no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1963.

MARTINS, Daiane Dantas. *Um flagelo no sertão baiano: cotidiano, migração e sobrevivência na seca de 1932 (Vila de Canabrava do Gonçalo/Xique-Xique)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2010.

MARTINS, Flávio Dantas. *Agrocaatinga: formação da propriedade fundiária, organização social e estrutura econômica em Morro do Chapéu e Xique-Xique (1840-1920)*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

MARTINELLO, André Souza. *Cotidiano em mudança: o rural brasileiro a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão*. 2010. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENEZES, Adriano Antonio Lima. “A imprensa sertaneja: um busca de identidade cultural no Piemonte da Chapada Diamantina”. *Anuário de Pesquisa da UNEB*, Salvador, Ed.1, 2010.

MENEZES, Adriano; OLIVEIRA Valter. (Org.). *Cultura Urbana na Bahia: estudos sobre Jacobina e região*. EDUNEB, Salvador-Ba, 2009.

MENEZES, Marilda Aparecida. “Relações de solidariedade em comunidade de camponeses-trabalhadores migrante”. *In: Inf. & Soc.: Est*, João Pessoa, v. 6. n. 1, p. 39-49, jan-dez. 1999, p. 44.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo, Hucitec, 1997.

MEINERZ, Andréia. *Concepção de experiência em Walter Benjamin*. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. *Vestígios Recuperados: Experiências da comunidade negra rural de Tijuacú – BA*. São Paulo: Annablume, 2009.

MOREIRA FILHO, José de Castro. *A Seca de 1993: crônica de um flagelo anunciado*. Fortaleza: Banco do Nordeste; Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2002.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a História: saques e outras ações de massa no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.

NEVES, Frederico Castro. “Economia Moral versus Moral Econômica: ou o que é economicamente correto para os pobres?”. *In: Projeto Historia*. São Paulo, 16 fev. 1998.

\_\_\_\_\_. “Getúlio e a Seca”. *In: Rev. Bras.Hist.* São Paulo, v. 21, n. 40, 2001.

NEVES, Erivaldo Fagundes. *História Regional e Local: Fragmentação e Recomposição da História na Crise da Modernidade*. Salvador: Arcádia, 2002.

NEVES, Erivaldo Fagundes; MIGUEL, Antonieta. (Org.). *Caminhos do Sertão: ocupação territorial, sistema viário e intercâmbios coloniais dos sertões da Bahia*. Rio de Contas, Arcadia, 2007.

\_\_\_\_\_. “O sertão como recorte espacial e como imaginário cultural”. *Politeia: História e sociedade*. Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003.

NUNES, Francivaldo Alves. Interesses e sentimentos caritativos nas ações de filantropia no Brasil (caso da seca de 1877). **In:** *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*. Ano I, n. 1, jul. 2009.

OLIVEIRA, Joseane Bispo. *Trabalho e sociabilidade no sertão da Bahia: as “quebras” e “tiras” do licuri*. 2009. 135f. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado da Bahia, Santo Antonio de Jesus, 2009.

OLIVEIRA, Maria Vanilda Moraes. “Prevendo o tempo em Tanquinho, Bahia”. *Sitientibus: série Ciências Biológicas*. v. 06, p. 120-124, 2006.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. “*Canções da cidade amanhecendo*”: urbanização, memórias urbanas e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960. 2011. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, 2011.

PAES, Jurema Mascarenhas. *Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX: no alto sertão baiano*. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

PACHECO, Larissa Penelu Bitencourt. *Trabalho e costume de feirantes de alimentos: pequenos comerciantes e regulamentações do mercado em Feira de Santana*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2009.

PASSADOR, Claudia Souza. PASSADOR, João Luiz. “Apontamentos sobre as políticas públicas de combate à seca no Brasil: cisternas e cidadania?”. **In:** *Cadernos gestão pública e cidadania*. São Paulo, v. 15, n. 56, 2010.

PINHO, Ana Luiza Araujo Caribé de Araujo. *De forasteiro a unanimidade: interventoria de Juracy Magalhães na Bahia (1931-1934)*. 2010. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **In:** *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

\_\_\_\_\_. Memória e Identidade Social. **In:** *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 3-15.

POMPONET, André Silva. 100 anos de DNOCS: Marchas e contramarchas da convivência com as secas. *Conj. & Planej.*, Salvador, n. 162, p. 58-65, jan-mar. 2009.

PORTELLI, Alessandro. “Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral”. *Projeto História*, São Paulo. n. 15, abr. 1997.

PORTELLI, Alessandro. “O melhor limpa latas da cidade: A vida e os tempo de Valtêro Peppoloni, trabalhador”. *Ensaio de História Oral*, Letra e Voz.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo, Record, 1986.

REIS, João José e AGUIAR, Márcia Gabriela D. de. “Carne sem osso farinha sem caroço”: o motim de 1858 contra a carestia na Bahia. **In:** *Revista de História*, n. 135, 1996.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. 1998. Dissertação (Mestrado) - PUC-SP, São Paulo, 1998.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alan François. Campinas: EDUNICAMP, 2007.

SANTANA, Charles D’Almeida. *Fatura e ventura camponesa: trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950-1980*. São Paulo: Annablume, 1998.

\_\_\_\_\_. “Trabalhadores rurais do recôncavo baiano: memórias e linguagens”. **In:** *Proj. História*, São Paulo, fev. 1998.

SILVA, Candido da Costa e. *Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia*. São Paulo: Ática, 1982.

SILVA JUNIOR, Agenor Soares e. “*Homo Religiosus* na formação do semi-árido cearense”. **In:** *Revista Homem, Espaço e Tempo*, set-out. 2009.

SILVA, Mayara Plácido. *Experiência de trabalhadores/as pobres em Feira de Santana (1890-1930)*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

SOARES, Valter Guimarães. *Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja*. Salvador: EDUFBA; Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

SOUZA, Jacó dos Santos. “Falas da escravidão e da liberdade: imprensa abolicionista e conflitos de rua no Recôncavo baiano - Cachoeira, 18887-1888”. *IV Encontro de Estadual de História-ANPUH*, Vitória da Conquista, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da lapa- Ba*. Petrópolis: Vozes, 1996.

STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro, BestBolso, 2008.

FARIAS, Hélio Takashi M. de. *Contra as secas: A engenharia e as origens de um planejamento territorial no nordeste brasileiro (1877-1938)*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

THOMSON, Alistair, FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. **In:** AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de

Moraes. *Usos e Abusos da História oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias”. **In:** *Projeto História*, São Paulo. n. 15, abr. 1997.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VASCONCELOS, Claudia Pereira. *Ser-Tão baiano: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana*, Salvador: EDUFBA, 2011.

VASCONCELOS, Claudia Pereira. *Entre representações e estereótipos: O sertão na construção da brasilidade*. **In:** FREIRE, Alberto. (Org.). *Cultura dos Sertões*. Salvador: EDUFBA, 2014.

VILLA, Marco Antonio. *Vida e Morte no Sertão: História das Secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000.

ZALUAR, Alba. *Homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

## FONTE DE PESQUISA ORAL

**Balbina Avelina da Silva:** trabalhadora rural aposentada, nascida em 10 de Setembro de 1910. Entrevista realizada em sua casa, no dia 05 de janeiro de 2013, com duração de 23 minutos.

**Dejulina Francolina Ferreira:** trabalhadora rural aposentada, nascida em 14 de abril de 1926. Entrevista realizada em sua casa, no dia 29 de novembro de 2011, tendo duração de 38 minutos.

**Lindolfo José Ferreira:** Trabalhador rural aposentado, nascido em 1922. Entrevista realizada em sua casa, no dia 27 de novembro de 2011, tendo duração de 24 minutos.

**Luiz Maciel Sobrinho:** trabalhador rural aposentado, nascido em abril de 1919. Entrevista realizada na casa do filho do narrador, no dia 19 de fevereiro de 2012, tendo duração de 25 minutos.

**Manuel Ferreira Cunha:** trabalhador rural aposentado, nascido em 07 de dezembro de 1916. Entrevista realizada em sua casa, no dia 15 de maio de 2013, com duração de 30 minutos.

**Palestino Amâncio de Araujo:** trabalhador rural aposentado, nascido em 27 de maio de 1917. Entrevista realizada na casa do depoente, no dia 28 de setembro de 2011, tendo duração de 48 minutos.

**Vitanor Moreira dos Santos:** trabalhador rural aposentado, nascido em 14 de janeiro de 1938. Entrevista realizada em sua residência, em 07 de novembro de 2012, com duração de 20 minutos.

## JORNAIS CONSULTADOS

### *O Lيدador*<sup>365</sup>

1933 – 08 de janeiro.

1934 – 16 de março; 04 de maio.

1935 – 17 de fevereiro; 14 de abril.

1936 – 05 de abril.

1940 – 24 de março.

### *Correio do Sertão*<sup>366</sup>

1932 - 24 e 31 de janeiro; 20 de março; 17 de abril; 29 de maio; 12 de junho; 04 de setembro; 18 de dezembro.

1933 - 08 e 15 de janeiro; 12 de fevereiro.

### *Correio de Bonfim*

1931 – 18 de janeiro; 08 de fevereiro; 22 de março; 12 de abril; 03 de maio; 28 de junho; 25 de setembro; 01 de outubro.

1932 – 01 de outubro.

---

<sup>365</sup> O Lيدador (1933-1940). Material disponibilizado pelo Núcleo de Estudos Orais e Iconografia, da Universidade do Estado da Bahia - CAMPUS IV - Jacobina-Ba. Mídia Digitalizada.

<sup>366</sup> *Correio do Sertão* – Morro do Chapéu, Arquivo do *Correio do Sertão*, 1917-1946.